

A Escola
que vi
de *perto*

DIÁRIO DE UMA ESTAGIÁRIA

Jacineide Arão dos Santos



A Escola
que vi
de *perto*

DIÁRIO DE UMA ESTAGIÁRIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Reitora

Dora Leal Rosa

Vice-reitor

Luiz Rogério Bastos Leal



EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Diretora

Flávia Goulart Mota Garcia Rosa

Conselho Editorial

Alberto Brum Novaes

Angelo Szaniecki Perret Serpa

Caiuby Alves da Costa

Charbel Ninõ El-Hani

Cleise Furtado Mendes

Dante Eustachio Lucchesi Ramacciotti

Evelina de Carvalho Sá Hoisel

José Teixeira Cavalcante Filho

Maria Vidal de Negreiros Camargo

A Escola
que vi
de *perto*

DIÁRIO DE UMA ESTAGIÁRIA

Jacineide Arão dos Santos

Salvador
Edufba
2013

2013, Jacineide Arão dos Santos

Direitos para esta edição cedidos à Edufba.
Feito o Depósito Legal.

Grafia atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Capa e Projeto Gráfico
Pedro Henrique Lima

Normalização
Taise Oliveira Santos

Revisão
Equipe da EDUFBA

Sistema de Bibliotecas - UFBA

Santos, Jacineide Arão dos.

A escola que vi de perto : diário de uma estagiária / Jacineide Arão dos Santos. - Salvador : EDUFBA, 2013.

150 p.

ISBN 978-85-232-1103-5

1. Educação. 2. Educação - Salvador (BA). 3. Estagiários (Educação). 4. Escolas. 5. Ambiente escolar. 6. Professores e alunos. I. Título.

CDD - 370

Editora filiada à



Editora da UFBA
Rua Barão de Jeremoabo
s/n - Campus de Ondina
40170-115 - Salvador - Bahia
Tel.: +55 71 3283-6164
Fax: +55 71 3283-6160
www.edufba.ufba.br
edufba@ufba.br

AGRADECIMENTOS

Várias pessoas contribuíram para a elaboração deste trabalho de forma direta ou indiretamente...

A professora Iracy Picanço, minha querida pró e orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), pela confiança, troca, convivência e aprendizado obtido ao longo da minha formação acadêmica. Além do compromisso com a condução do trabalho realizado.

As amigas, Cid, Débora, Iomar, Irá, Luciana, Michelle e Simone, com as quais aprendi muito no decorrer dessa trajetória. Estas “estiveram comigo” ao longo desta produção, mesmo distantes, já que muito do que trago aqui tem relação com nossas conversas, produções conjuntas e reflexão sobre a educação.

A querida parceira e amiga Aline que muito me apoiou durante esta construção, em especial pela leitura atenta deste trabalho.

Aos meus alunos, que me inspiraram a tornar a experiência vivida em objeto de reflexão, resultando no trabalho ora apresentado.

Muito obrigada!

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 9

EDUCAÇÃO: A QUE SE PROPÕE? 17

O CURSO DE PEDAGOGIA DA UFBA 23

O estágio: o seu lugar no curso 24

O estágio e a monografia como síntese da formação 27

Da busca por estágio à escola 29

O SISTEMA DE ENSINO MUNICIPAL DE SALVADOR:
CICLOS E PROGRESSÃO CONTINUADA 31

O LÓCUS DO ESTÁGIO: A SALA DE AULA 35

O DIA A DIA NA ESCOLA 43

O diário de uma estagiária 47

O SIGNIFICATIVO NO PROCESSO REGISTRADO 109

Sobre os alunos 109

Sobre as professoras 125

Sobre a gestão da escola 130

Família e escola 133

CONSIDERAÇÕES FINAIS 135

REFERÊNCIAS 141

INTRODUÇÃO

O título deste trabalho tem como inspiração a obra *Diário de uma alfabetizadora* (1994) de autoria de Bárbara Freitag. O título dá mostras que se tratará aqui de momentos vividos durante uma experiência de estágio, a qual ocorre num locus singular: uma escola. Assim, o cotidiano de uma escola pública da rede municipal de ensino de Salvador é narrado a partir da condição de “professora improvisada” neste local profícuo de acontecimentos e questões em que rotina e inovações se entrecruzam com certa frequência conferindo-lhe uma dinâmica e um real funcionamento.

Este livro é resultado do trabalho final – a monografia – do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Bahia (UFBA). O processo da escolha desse tema, de tal componente curricular, foi conflituoso e imerso em inúmeras incertezas/certezas. Era de se esperar que, ao chegar este momento, teria a clareza do que seria assumido como trabalho final de conclusão do curso, mas não é nem um pouco fácil essa escolha que está interligada com experiências de vida, com a forma como vemos o que nos circunda e com o que mais nos instiga. A dificuldade se dá devido à gama de possibilidades encontradas, à forma como é vivenciado cada instante da formação recebida e a importância atribuída a este momento que culmina em reflexões constituídas ao longo deste caminhar.

Paralelo a esse processo de decisão e busca, foi iniciado o estágio no mês de agosto do ano de 2008, numa escola da rede municipal de Salvador, experiência que não poderia deixar de ter durante a formação de pedagoga. Tal experiência foi retardada devido à condição de estudante-trabalhadora durante os quatro primeiros semestres do curso, participação em grupo de extensão e, logo em seguida, como bolsista de iniciação científica. Ressalto que todas estas experiências foram muito significativas para a minha formação acadêmica, profissional e humana.

Durante este processo de decisão e, por vezes, já “decidida”, intercalava orientações e conversas com a minha orientadora acerca da experiência como “estagiária”. Em meio aos relatos, ela sugeriu que trouxesse

tal experiência como tema da monografia. Encontrei-me na proposta, encarando-a como um desafio, já que poderia discutir o dia a dia de uma escola a partir da experiência vivida. Assim teria a possibilidade de reverter tal experiência numa escola pública, trazendo reflexões sobre o processo formativo e os aspectos observados nesta escola, cruzando referências pessoais e teóricas, experiências e conceitos. Além disso, este é um momento oportuno para discutir, refletir e situar o lugar que as experiências ocupam na formação. (JOSSO, 2004) Nessa direção, Freitag (1994, p. 14) ressalta que,

[...] Sem conceitos, ou seja, sem teoria, somos cegos diante da realidade, mas os conceitos puros permaneceriam vazios, se não tivéssemos como substância para as nossas reflexões, os materiais mediatizados pela nossa sensibilidade, no caso, a experiência cotidiana na sala de aula.

Várias são as questões que brotam a partir desta experiência profissional que teve como cerne a discussão de uma escola real com seus inúmeros problemas, constituída também com sujeitos reais que pertencem a uma determinada classe social, de maioria negra, situados em um bairro periférico. A proximidade com o cotidiano escolar possibilitou certa apreensão da complexidade das relações que se estabelecem na escola. Acontecimentos aparentemente insignificantes e representados, às vezes, por um simples gesto denotam a realidade de construção deste espaço. Esse dia a dia aparentemente banal, onde as falas comuns são comumente ignoradas pelo contexto educacional global, necessita adquirir seu devido valor. Há certa rejeição e descrença em relação aos saberes provindos do senso comum. É importante sair deste plano de análise e assumi-lo, intelectualmente, como “algo que tem a sua validade em si.” (MAFFESOLI, 1998, p. 161)

Vários dados são cruzados para nos informar sobre a péssima qualidade da educação. Mas o que acontece no dia a dia da escola para chegarmos

a tais resultados? O que acontece na escola para que uma criança chegue ao 3º ano de escolarização sem que saiba, por vezes, escrever o seu nome? Estudos que partam de dentro da escola, descrevendo a miríade de seus acontecimentos, são de extrema importância para se ter uma história real da educação que não fique apenas em informações decorrentes de dados estatísticos, não que estes não tenham a sua devida importância.

Há uma deficiência no que concerne aos estudos que tratam do interior das instituições escolares. Geralmente, estes estudos partem do senso comum não havendo uma compreensão científica de como ocorrem determinadas relações nestes micros espaços. As diferentes escolas de pensamento – funcionalismo, marxismo – não deram a importância devida a estudos de um contexto local, como as escolas, assim a problemática escola/comunidade foi considerada insignificante, o que passou a se alterar a partir da década de 1970 com o advento da “nova sociologia da educação.” (ZANTEN, 1995)

Nesse período, inicia-se uma crítica referente às abordagens teóricas que têm como referência para explicações apenas as condições sociopolíticas e econômicas, ou seja, situadas na macroestrutura. Mas, surgem as abordagens compreensivas, as quais procuravam entender e captar as especificidades de determinada relação, não a encarando apenas como reflexo das condições estruturais. Dá-se uma revalorização na microsociologia e o apelo à integração das abordagens micro e macrosociológicas a fim de cruzarem-se diversas variáveis para a compreensão de determinados fenômenos.

Nesse contexto, as instituições escolares ganham certa centralidade e estudos que partem de dentro delas passam a ser vistos como importantes para a compreensão de seu real funcionamento, reconhecendo-se a necessidade de desvelar o seu cotidiano. Para tal afirmação surgem posicionamentos teóricos que trazem crítica à pesquisa educacional vigente, como afirma Ferraço (2007, grifo do autor),

Entendemos que uma das razões que vêm obstruindo o desenvolvimento da reflexão educativa no Brasil é, justamente, o temor de estremecer um mundo rígido de certezas. Estas certezas vêm se alojando nos trabalhos de pesquisa educacional, como um tipo de *a priori* percorrendo, subterraneamente, todas as etapas de seu desenvolvimento. Cada vez que caímos nestas armadilhas, a pesquisa confirma o já sabido e perdem-se, coletivamente, oportunidades para revelar e afirmar a complexidade do campo educacional.

Atualmente, há um avanço no que concerne aos estudos acerca do cotidiano, passando a confirmar a importância de tais estudos, em especial do cotidiano escolar. (VICTORIO FILHO, 2007 et al.) Tais autores comungam que “a escola é *locus* indispensável para a compreensão da concretude das políticas e ações educacionais.”

O cotidiano de uma escola é rico de situações que nos dizem muito acerca de como vêm se desenvolvendo as políticas públicas para a educação, sobre a forma como seus diversos atores veem tal espaço e como estes se relacionam entre si há uma trama de significações. Para Macedo (2004, p. 65) “É no cotidiano e na cotidianidade que as contradições, os paradoxos, as ambigüidades, as insuficiências, os inacabamentos, as necessidades, as rotinas e os conflitos apresentam-se como faces inerentes à especificidade humana.”

Estudar o cotidiano é partir do *locus* das relações sociais, isto porque, os sujeitos que constroem a dinâmica, no caso, da vida escolar são históricos e reais. Desta forma, não podem ser tomados apenas de forma abstrata e isso não significa ignorar o contexto social mais amplo, já que este é de suma importância. Há uma interação entre estes, não são desvinculados. Com estudos que partam do cotidiano escolar ter-se-á a oportunidade de conhecer de perto as relações estabelecidas entre seus atores, que não estão documentadas, postas em regimentos. Fazer parte desses espaços permite que se observem diferentes momentos de sua

dinâmica sem que haja um “regulador externo”, o que de certo, coíbe a prática real desses atores.

Através desta narrativa, busca-se situar a experiência vivida a fim de trazer a escola à tona a partir de registros do cotidiano da mesma e questionar a formação obtida no curso de Pedagogia.

A fim de contemplar tal objetivo, este trabalho está organizado em seis itens, sendo discutido no primeiro, as diversas concepções acerca do papel da educação e a forma como os diversos sujeitos interagem no espaço escolar. No segundo item situa-se o curso de Pedagogia com destaque para os seguintes componentes curriculares: o estágio e a monografia, analisando o lugar ocupado por estes no processo de formação. O terceiro tópico trata da organização do sistema de ensino municipal de Salvador, em especial da organização e implementação dos ciclos de ensino e da política atual de progressão continuada, que tem causado muita polêmica. No quarto, situa-se a escola em que o estágio se realizou, em termos de localização, estrutura física, gestores, corpo docente, discente e administrativo. Confere-se especial atenção para um dos microespaços da escola: a sala de aula em que a autora esteve professora. Já no quarto item central no trabalho realizado, justificando o seu próprio título, traz-se uma discussão acerca do cotidiano escolar e é o momento da descrição do dia a dia da escola, este observado e vivido.

No último item, apresenta-se o que foi considerado mais significativo dessa experiência documentada por meio dos registros. Assim trazem-se aqueles que dão sentido a existência das escolas: os alunos. Neste caso, discute-se a situação de exclusão a que estão submetidos dentro da própria escola, as violências vivenciadas por estes no dia a dia escolar; professores discutindo em que condições seu trabalho é realizado, desde a formação obtida às questões sociopolíticas e econômicas em que se é professora; a gestão da escola; por fim, a família. Logo, em seguida, tecem-se algumas considerações e propostas enfatizando a necessidade de se desenvolver trabalhos que partam do cotidiano valorizando-o devido à

riqueza de acontecimentos deste espaço, os quais podem oferecer pistas para avançar-se no debate sobre o educar.

Para elaboração do trabalho, do ponto de vista metodológico, recorreu-se à abordagem qualitativo-compreensiva, a qual procura trabalhar o conteúdo de manifestações da vida social próprias às atividades dos sujeitos. Entende-se ter sido este processo o mais adequado por possibilitar uma maior compreensão da ação social empreendida pelos sujeitos de um grupo, em especial da escola em questão.

Partiu-se de uma não familiaridade com esse tipo de pesquisa, mas sim com a de cunho quantitativo pela condição de ex-bolsista de iniciação científica por aproximadamente dois anos e em cuja prática dominava esta abordagem. Assim, o primeiro passo, foi à busca de autores que tratam da abordagem qualitativa, como: Blalock Junior (1973), Haguete (1987), Coulon, (1995a, 1995b), Macedo (2004) entre outros, para uma apropriação de tal recurso metodológico, descobrindo, paulatinamente e ao mesmo tempo, em que desenvolvia o trabalho e os meandros da pesquisa qualitativa.

A partir desta aproximação, tomaram-se como referência os princípios da etnometodologia que busca compreender a linguagem diária, considerando que esta varia a depender do contexto em que está inserida, ressaltando que o sentido atribuído às interações sociais varia a depender do local. Destaca ainda, que as práticas cotidianas, ao mesmo tempo em que descrevem o quadro social, o constitui também, e, em especial, que a descrição é subjacente às atividades cotidianas, tornando as ações compreensivas. A descrição é um dos conceitos chaves na etnometodologia. Neste sentido, Coulon (1995a, p. 45-46) destaca que,

O mundo social é [...] algo disponível, isto é, descritível, inteligível, relatável, analisável. Essa analisabilidade do mundo social, a sua descritibilidade e sua objetividade se mostram nas ações práticas dos atores. O mundo não é dado de uma vez por todas. Ele se realiza em nossos atos práticos.

Entre as técnicas de que se vale a abordagem compreensiva, a utilizada foi à observação participante, ou seja, a observação *in loco*, neste caso, tem a autora como parte integrante do grupo pesquisado por estar “estagiária” da escola. As observações do dia a dia da escola comportaram momentos como: aulas, atividades complementares (AC), encontros promovidos pela rede municipal, recreio, conversas informais com a direção e colegas que foram registradas na forma de um diário.

EDUCAÇÃO: A QUE SE PROPÕE?

É sabido que a educação ocorre em diferentes espaços, ou seja, escolares ou não. Mas a educação sistematizada de que tratam as instituições escolares básicas e universitárias comumente é elemento de discussão em diversos espaços, como na mídia em geral e no meio acadêmico, principalmente, no que concerne ao papel de formação dos educandos e a forma como tem se dado tal formação. Há uma interligação entre a concepção de educação e a maneira com que o profissional da educação foi formado inicialmente e a sua atuação profissional na escola, em especial na sala de aula.

A escola, dada a sua importância no processo de produção do conhecimento e socialização dos indivíduos, tem sido muito discutida e comumente é pauta das agendas políticas. As discussões em torno da escola partem de diferentes âmbitos, como: violência, problemas estruturais, distorção série-idade, analfabetismo funcional, relação professor-aluno, cotidiano escolar, formação de professores entre outros. Assim, o papel da escola e o sentido que a sociedade tem atribuído a tal instituição, sempre vêm à tona. Não existe um consenso quanto à função desta instituição, sendo esta marcada por diferentes visões e análises a partir da ideologia que constitui os diferentes campos teóricos e dos conflitos próprios da sociedade que conduz a percepção e posição de diferentes grupos acerca de tal questão.

A princípio, emergem dois grupos com vieses analíticos antagônicos acerca da função social da escola. Para um determinado grupo a educação é autônoma e tem o poder de promover uma equalização social, ignorando os condicionantes objetivos, ou seja, as condições socioeconômicas.

A educação para outro grupo de intelectuais é tomada como um instrumento de reprodução da cultura dominante, cabendo à escola reproduzir as desigualdades sociais existentes, legitimando-as. Neste caso, a educação é totalmente dominada pelas condições socioeconômicas.

Saviani (1997) classifica o primeiro grupo como teorias não críticas e o segundo, como crítico-reprodutivistas.

Na direção da teoria funcionalista, alguns veem que o papel fundamental da educação é a socialização dos indivíduos e uma dada forma de mobilidade social, onde os “melhores” do sistema seriam selecionados. Tal ideia comumente é veiculada e absorvida pelos diferentes atores que constituem a escola. Isso pode ser observado, inclusive em determinadas práticas que compõem a rotina escolar a exemplo da classificação que existe entre “bons” e “maus” alunos.

A partir de classificações desse teor é transmitido de forma subliminar que os primeiros terão mais chances de obterem sucesso nos diferentes âmbitos de suas vidas, mas sendo que isto dependerá, exclusivamente, do desempenho particular de cada um. Ignoram-se os aspectos estruturais, políticos e econômicos que são fundamentais no processo de transformação social. Assim é propagado que a mudança social está submersa à educação que tem o poder de promover a mobilidade dos sujeitos na estrutura da sociedade. Está aí implícita a ideia de que o êxito escolar está intimamente relacionado às aptidões inatas dos indivíduos. Nessa linha, as pessoas acabam sendo culpabilizadas pela sua condição social.

Em oposição à teoria exposta, Dandurand e Ollivier (1991, p. 131) situam que “as relações pedagógicas são agora definidas como relações de poder que reproduzem no seu próprio nível, as relações de dominação cultural, política e econômica”. Neste caso, caberia à escola apenas refletir as estruturas macros da sociedade sendo, por consequência, determinada por elas.

Nessa perspectiva, Bourdieu e Passeron expõem na obra *A Reprodução* (1982) a forma como o trabalho pedagógico é organizado e instituído a fim de formar o *habitus*, formação durável dos indivíduos. O *habitus* seria expresso nas formas de pensar, agir e sentir adquiridas e interiorizadas pelos indivíduos em virtude de suas condições objetivas de existência. A escola, por meio da sua Ação Pedagógica (AP), tem um papel fundamental nesse processo de formação, em que as condições desiguais a que

os sujeitos estão submetidos, historicamente, são desconsideradas em prol de uma suposta igualdade entre os diferentes grupos ou classes dos quais os sujeitos são partícipes. O sistema de ensino é definido por tais autores como uma violência simbólica, ou seja, “poder que chega a impor significações e a impô-las como legítimas”. (BOURDIEU; PASSERON, 1982, p. 21) A AP é assim considerada uma violência simbólica, pois “não há nenhuma AP que não inculque significações não dedutíveis de um princípio universal tendo a autoridade sua parte em toda a pedagogia.” (BOURDIEU; PASSERON, 1982, p. 24)

Ainda são esses autores que reforçam que a cultura predominante na escola é aquela que se aproxima da elite, o que faz com que os indivíduos provindos da classe baixa tentem incorporar a todo custo os valores e *habitus* da outra classe para que supostamente obtenham êxito, o que favorece de forma incessante a burguesia. A escola traz o mito de que o sucesso escolar se deve às capacidades inatas, o que é reforçado pelo sucesso de poucos indivíduos que escapam ao destino do seu grupo de origem dando legitimidade a seleção escolar. Dessa forma, os sujeitos incorporam o poder de mobilização social que a escola possui, atribuindo à mesma a chance de ter um futuro diferente dos seus descendentes conforme sinaliza Bourdieu (2006, p. 58)

Ao atribuir aos indivíduos esperanças de vida escolar estritamente dimensionadas pela sua posição na hierarquia social, e operando uma seleção que – sob as aparências da equidade formal – sanciona e consagra as desigualdades reais, a escola contribui para perpetuar as desigualdades, ao mesmo tempo em que as legitima.

As teorias crítico-reprodutivistas têm o mérito de suscitar uma gama de estudos que trouxeram uma crítica contundente a escola, desmistificando a ideia de que ela teria a função de promover a igualdade social. Mas, por outro lado, dotou os atores escolares, em especial os professores,

de um clima de pessimismo, onde sua ação só tenderia a perpetuar a ordem existente o que, de fato, é desanimador e contraditório.

Em contrapartida às teorias trazidas, surgem discussões que situam a escola como um espaço contraditório. Assim esta passa a não ser vista como “salvadora da pátria”, mas também não é vista como um mero instrumento de reprodução social.

Essas discussões estão presentes tanto no âmbito escolar quanto nos cursos de formação para professores em especial, e esses espaços de aprendizagem são de fato contraditórios.

Na escola é possível observar de que forma os diferentes atores se movem, se colocam, se posicionam e a partir de tais posicionamentos percebe-se o desenrolar do cotidiano escolar. Neste estão presentes acontecimentos de diferentes âmbitos, como político, econômico, organizacional, entre outros, que aparentemente são considerados irrelevantes, mas, na verdade, guardam uma profunda riqueza que, quando revelados, trazem importantes contribuições sobre a educação de dada época. Algumas questões emergem quando se pensa nesses micros espaços, como a escola e a sala de aula: o que ocorre nestes espaços? Como ocorre a formação dos alunos? De que forma professores, alunos, equipe gestora e demais funcionários realmente se relacionam? Até que ponto a teoria contemporânea se articula com a prática docente? Qual a real situação dos alunos acerca da leitura e escrita? Qual a repercussão dos ciclos de aprendizagem? O que ocorre na sala de aula? E o tempo pedagógico dos alunos é respeitado? Como ocorre a tão falada gestão democrática no âmbito das escolas? Entre outras.

Questões como essas, aparentemente simples, podem oferecer pistas sobre a real situação do processo de escolarização de inúmeras crianças, em especial na rede municipal de ensino de Salvador. A partir desse contato com a escola tornou-se possível questionar também a formação dos professores ocorrida nas instituições de ensino superior, ou seja, o que tem sido considerado essencial na formação desses profissionais e de que forma a Universidade avalia as suas primeiras experiências profissionais,

por exemplo. A forma como associam o que foi obtido durante o curso e o exercício docente além dos desafios enfrentados, também podem ser observados no dia a dia do seu exercício e a partir dos seus possíveis escritos.

Percebe-se que tanto os aspectos macrosociológicos quanto micros estão imbricados no que concerne ao processo educativo dos sujeitos e à forma como o mesmo ocorrerá dependerá das condições objetivas, da percepção política e organizacional da instituição e também de seus sujeitos.

O CURSO DE PEDAGOGIA DA UFBA¹

O curso de Pedagogia é organizado em oito semestres com componentes curriculares diversos, estando estes atrelados ao Projeto Pedagógico do curso e às Diretrizes Curriculares Nacionais, a qual foi fruto de longo debate envolvendo especialistas da área, professores e órgãos como o Conselho Nacional de Educação. Tais diretrizes é resultado de grande embate e divergências em torno do questionamento sobre a identidade do pedagogo.

Após ampla discussão, as diretrizes foram promulgadas em 2006, instituindo a docência como a base identitária do pedagogo além do exercício destinado à gestão, planejamento e atuação em instituições não escolares, conferindo a este profissional a possibilidade de atuar em diversos espaços educativos e em diferentes funções. No entanto, ressalta certa prioridade a docência na educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental.

Quanto à organização do curso, com base nas diretrizes em vigor, é posto que a carga horária mínima deva ser de 3.200 horas dispostas da seguinte forma: 2.800 horas destinadas às atividades formativas como assistência as aulas, realização de seminários, participação em pesquisas, entre outros; 300 horas dedicadas ao estágio supervisionado e 100 horas voltadas para atividade teórico-práticas como iniciação científica e monitoria.

Os concluintes do Curso de Pedagogia da UFBA do ano de 2008 ainda estão submetidos ao currículo antigo (1999), pois as diretrizes ainda não haviam sido aprovadas. No mesmo, é trazida uma concepção de formação generalista onde *a priori* os estudantes ao longo do curso poderiam se aprofundar num determinado campo do saber. Tal formação tem como componentes curriculares: 25 disciplinas obrigatórias, 12 disciplinas optativas, estudos independentes, atividades relacionadas à pesquisa,

¹ A descrição da matriz curricular do curso e sua análise referem-se à vigente até 2008, pois desde 2009 vigora outra organização resultante da reforma curricular do referido curso com base nas novas diretrizes.

estágios e como trabalho final de curso a elaboração e apresentação de uma monografia, conforme informações que constam na página eletrônica do curso.

No que se refere ao estágio, mesmo para os então concluintes, houve uma adequação da carga horária para ficar em consonância com as diretrizes do curso passando de 310 horas para 300 horas.

É a partir do cumprimento de tais exigências que os estudantes terão uma titulação em Licenciados em Pedagogia. Agora, a prática e o exercício ao longo do curso desses componentes carecem de uma discussão e avaliação a fim de se questionar e vir à tona a forma como o estudante de Pedagogia, em especial da UFBA, analisa o exercício de cada componente cursado com destaque para a realização dos estágios e a produção monográfica, como essenciais na sua formação profissional inicial.

O estágio: o seu lugar no curso

Conforme mencionado nas diretrizes do curso de Pedagogia, 300 horas são dedicadas ao estágio, sendo que o mesmo deverá ser supervisionado a fim de contemplar na formação do pedagogo a articulação entre teoria e prática, o qual deve ocorrer, segundo as diretrizes, “prioritariamente em educação infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, contemplando outras áreas específicas, se for o caso, conforme o projeto pedagógico da instituição.” (BRASIL, 2006)

Em se tratando em específico do curso de Pedagogia/UFBA, o estágio também se constitui em um importante componente curricular, sendo obrigatória a aquisição do grau de licenciado em Pedagogia. O mesmo, conforme as resoluções aprovadas pelo Colegiado do referido curso é “um conjunto de experiências e vivências de trabalho realizadas em quaisquer instituições, programas e serviços de natureza educacional”. Ainda com base no mesmo documento é posto que tal atividade deva ter duração de 300 horas entre atividades de ensino e coordenação do trabalho pedagógico, mas não estabelece a carga horária específica para cada tipo de

estágio. Este pode ocorrer do primeiro ao último semestre do curso, ou seja, do 1º ao 8º semestre.

Diferentemente do que está posto nas diretrizes no curso de Pedagogia/UFBA, não há o acompanhamento dos estágios realizados, ou seja, não são supervisionados. Assim, há apenas um cumprimento formal de tais estágios, sendo cobrado aos estudantes apenas que apresentem originais e cópias dos documentos comprobatórios, que devem conter: timbre da instituição, assinatura do responsável pela instituição ou pelo estágio, descrição da atividade, data de início e de término e carga horária total. Tais documentos geralmente são apresentados no Colegiado do curso no último semestre.

A forma como ocorrem esses estágios, ao longo da formação, é elemento de crítica entre os estudantes. Isso porque para muitos contribuiriam de forma mais significativa para o aprendizado e formação profissional caso fossem “supervisionados”. É comum se exercer determinadas funções que não são específicas de um pedagogo e receber um certificado como tal. Além disto, há muitos casos em que o estudante atua não como estagiário, mas como único professor em determinadas escolas sem ter ainda a devida formação/habilitação para assumir tal cargo, por exemplo.

O estágio, que deveria visar o aprendizado de atividades próprias do profissional em questão, articulando-o com o currículo do curso, constituiu-se para a instituição apenas como mero instrumento burocrático para o cumprimento de dada carga horária para a obtenção do diploma. Como não há o acompanhamento do aluno por parte de um professor não há como a instituição avaliar o desempenho, as dificuldades e forma de superá-las no exercício cotidiano do estágio, etapa importante para a formação profissional. Por não haver esse acompanhamento, por vezes, os estudantes se sentem “perdidos” no exercício docente.

Tal situação vai de encontro ao disposto na Lei sobre o estágio aprovada recentemente. É posto no 1º parágrafo do artigo 3º que “O estágio, como ato educativo escolar supervisionado, deverá ter acompanhamento efetivo pelo professor orientador da instituição de ensino e por supervisor

da parte concedente, comprovado por vistos nos relatórios.” (BRASIL, 2008b) Logo adiante, no artigo 7º inciso IV da mesma Lei, consta que uma das obrigações das instituições de ensino,

[...] é exigir dos seus educandos apresentação periódica, em prazo não superior a seis meses, [...] relatório das atividades. Além disto, é posto também que a instituição deverá avaliar as instalações da parte concedente do estágio e sua adequação à formação cultural e profissional do educando. (BRASIL, 2008b)

Com base no exposto fica claro que deve haver certa preocupação e compromisso das instituições de ensino quanto ao caráter, natureza e contribuição efetiva para o educando no que diz respeito à associação entre as teorias aprendidas e o exercício diário da profissão que será exercida. As obrigações trazidas são importantes para que o estágio não tenha como motivação principal o cumprimento da carga horária exigida.

A crítica em torno da forma como a prática de estágios tem se dado no curso de Pedagogia/UFBA é realizada também por parte do corpo docente, o que pôde ser observado em discussões sobre a questão durante reuniões do Colegiado no período em que se discutiu a reformulação curricular do curso, entre 2006 e 2007. Mas, apesar das críticas, o estágio não foi um dos componentes curriculares que mais atenção teve dos responsáveis pela reformulação do currículo do curso e apesar das críticas sobre a ausência de supervisão não foram lançadas propostas para que isto fosse viabilizado.

É comum entre os estudantes a afirmação de que o curso não prepara para a docência, o que vem mais a tona quando o estudante se depara com o seu primeiro estágio. Muitos não conseguem perceber certa articulação entre as teorias estudadas e o exercício docente. Isto, certamente, é agravado pela falta de orientação e acompanhamento por parte dos professores da Faculdade de Educação em suas primeiras experiências profissionais e, por vezes, no exercício diário não se percebe a ligação

existente com os demais componentes curriculares, como: disciplinas, pesquisa, estudos independentes, este último, também discutível por não haver nenhum acompanhamento e “controle” acerca das atividades realizadas, pois a comprovação se dá com a apresentação de certificados que independem da origem. Diga-se de passagem, que em algumas licenciaturas da UFBA o estágio é supervisionado.

O discurso sobre o despreparo para a docência é justificado por alguns docentes e estudantes pela falta de metodologias no curso. Perde-se assim a complexidade do significado de se educar e que existem realidades das mais diversas, que certamente um conjunto apenas, de métodos e técnicas de ensino jamais dará conta do preparo do professor para o exercício profissional. Mas foi justamente tal argumento, falta de metodologias, que imperou na discussão e reformulação curricular do curso de Pedagogia.

Da maneira como é realizado o estágio, a instituição não tem como avaliar o exercício real dessa importante atividade. De qualquer forma, a realização dos estágios é fundamental para a formação de um licenciado em Pedagogia, já que por meio destes ele adquire as suas primeiras experiências profissionais no campo de formação. Diante disto, cabe que a instituição por meio dos seus diferentes sujeitos repense o papel e o lugar que os estágios têm assumido na formação profissional do corpo docente e qual deveria assumir. A partir de reflexões, análises e tentativas de mudanças são perceptíveis o abismo existente entre o que tem sido os estágios e o que deveriam ser. A atenção dada pela instituição, sem sombra de dúvidas, está aquém da relevância da prática educativa em questão.

○ estágio e a monografia como síntese da formação

Assim como o estágio, a monografia aparece no currículo de Pedagogia como requisito indispensável para a conclusão do curso. A mesma deve ser elaborada sob a orientação de um professor e defendida perante uma banca examinadora composta por três professores. É posto na proposta pedagógica do curso que o objeto de estudo da monografia deveria

ser escolhido ao cursar a disciplina Pesquisa e Educação, componente regular do 5º semestre. Tal objeto pode estar em qualquer campo do saber que tenha relação com as disciplinas estudadas durante o curso.

O fato é que geralmente tais objetos não são escolhidos durante a disciplina citada até porque têm uma dimensão e intenção diferente da monografia. Esta se constitui na grande angústia e aflição de parte dos estudantes. A preocupação vai desde a escolha do tema a ser estudado até a busca pelo orientador. Sem falar no processo de construção da mesma. Geralmente, esse exercício que no corpo do curso está associado à “formação do pesquisador” é destinado para o último semestre, o que é pouco tempo.

Durante o Curso são as diferentes vivências em iniciação científica, projetos de extensão, disciplinas cursadas, estágios que vão direcionar e influenciar a escolha do tema monográfico. É a forma de se perceber o mundo, as análises e reflexão sobre a educação e aquilo que mais nos apaixona, que diante de tantas possibilidades irá direcionar o estudante para a escolha de determinado tema. É um processo único, singular... Que para alguns é apenas um cumprimento legal do Curso, tornando-se um fardo e para outros se constitui em um importante momento de reflexão, análise, práxis, questionamentos, ou seja, um primeiro trabalho científico, quem sabe na perspectiva da produção de outros. No último caso, está além do mero cumprimento para a obtenção do grau de licenciado em Pedagogia, constitui-se em um desafio e num importante exercício de reflexão, análise e síntese.

A monografia ganha outra dimensão quando se interliga diretamente ao estágio vivenciado pelo estudante. Desse modo, ela torna-se também elemento de discussão e reflexão da própria prática pedagógica, fazendo com que estas duas atividades dialoguem durante todo o processo de construção. Representa assim, um grande desafio de interlocução fazendo com que a todo o tempo a escolha pela profissão, os desafios postos pela mesma, o itinerário formativo no Curso, as escolhas feitas, a atuação como professor, as lacunas em torno da formação, as possibilidades

encontradas para superar determinados obstáculos, o papel do Estado, a situação pública da educação, quando é o caso, entre outros, venham à tona.

No momento em que uma experiência profissional influencia a escolha do tema monográfico é possível perceber-se que estas atividades podem dialogar, denotando o quanto são importantes para a formação do profissional, em especial do pedagogo. Essa importância se dá por se considerar o trabalho como um espaço educativo e, neste caso, a monografia pode revelar quem é esse educador que está se formando a partir de suas observações, questões e posicionamento teórico.

A leitura feita tanto do estágio quanto da monografia é que ambos são relevantes para a formação do pedagogo, mas que devem ser revistas a fim de contribuir ainda mais para o crescimento intelectual e profissional dos futuros pedagogos.

Da busca por estágio à escola

Os estágios, conforme já colocado, podem ocorrer ao longo do Curso. Não é fixado determinado semestre para que o mesmo se inicie. A procura, cadastros e chegada a cada estágio ficam por conta do estudante. A realização destes pela maior parte dos estudantes de Pedagogia tem como motivações: o cumprimento da carga horária exigida, a aprendizagem que se tem neste espaço e também como meio de obtenção de renda, por vezes, para a sua manutenção no Curso.

Tendo como referência as condições citadas durante o mês de setembro, cursando o 8º semestre, iniciei uma busca mais intensa para estagiar, tendo como preferência o estágio em sala de aula numa escola da rede municipal de ensino.

Geralmente, no início de cada semestre, a rede municipal de ensino seleciona estagiários para substituir professores em sala de aula por diferentes motivos (licença prêmio, licença médica) por meio do Instituto Euvaldo Lodi (IEL), que é uma entidade que procura estabelecer uma

relação entre a Universidade e diferentes instituições, sejam elas públicas ou privadas.

É necessário que o estudante tenha cadastro na base de dados do IEL para que tenha acesso às vagas. A disponibilidade de vagas, com base no perfil informado no sistema, pode ser visualizada *on-line*. Cotidianamente, acessava o sistema para ver se constava alguma oportunidade. Ao término do mês de julho, já estavam reabertas vagas para estágio em sala de aula na rede municipal de ensino. Dirigi-me ao IEL. Foi solicitado o comprovante de matrícula do semestre atual para que tivesse acesso às vagas, havia em torno de 20 vagas disponíveis em diferentes escolas. O critério utilizado para a escolha foi à proximidade de residência. Por uma carta de encaminhamento do Instituto cheguei a Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Salvador (SMEC). Lá me passaram uma lista de frequência e uma carta de encaminhamento à escola escolhida. Além de documentos que deveriam ser apresentados na escola.

Para começar a estagiar, diferentemente das instituições privadas, não é realizada entrevista e nenhum tipo de avaliação para o exercício docente. Assim, ao obedecer à data constante no contrato e cumprindo os procedimentos burocráticos para contratação, iniciei o estágio no dia 4 de agosto de 2008, no turno vespertino. As informações obtidas acerca do trabalho a ser realizado foram dadas pela vice-diretora do turno matutino. Assim, fui informada que assumiria uma turma do 3º ano, a qual, segundo a vice-diretora, estava em processo de alfabetização. No momento, ela colocou a necessidade de uma estagiária para assumir a turma do 3º ano matutino, que também era de responsabilidade da professora que substituiria à tarde.

É comum, na rede municipal de ensino, estagiárias assumirem as salas de aula sem nenhum acompanhamento e o procedimento para se chegar à escola geralmente é esse. Assim, no dia a dia, passa-se a conciliar as atribuições de estudante e de uma professora de fato já que não há diferenciação na escola, no que tange às atribuições e obrigações, entre estagiários e professores.

O SISTEMA DE ENSINO MUNICIPAL DE SALVADOR: CICLOS E PROGRESSÃO CONTINUADA

A rede municipal de ensino de Salvador é composta de 413 Unidades Escolares para atender aproximadamente a 180.725 alunos matriculados nos diversos níveis e modalidades de ensino, no ano de 2008.” (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA, 2008) As escolas são agrupadas em Coordenadorias Regionais (CR), 11 no total. Cada CR fica responsável por um conjunto de escolas que se localizam numa mesma área, tendo um coordenador local. As escolas são a ponta deste sistema organizado por meio de quatro Conselhos Municipais – educação, alimentação escolar, cultura, acompanhamento e controle social do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (FUNDEF) coordenadorias e subcoordenadorias, dentre elas a de merenda escolar. Além dos setores administrativos que junto com os setores pedagógicos formam o corpo do sistema (ANEXO A).

No tocante ao ensino, a rede oferece a Educação Infantil e Ensino Fundamental, sendo estas as etapas de aprendizagem da educação básica que “tem o objetivo de desenvolver o educando para o exercício da cidadania instrumentalizando-o para o mundo do trabalho e para o prosseguimento dos estudos.” (BRASIL, 1996) O Ensino Fundamental foi ampliado para nove anos a partir do ano de 2007, em Salvador, em consonância com a Lei nº 11.114/2005, que determina a implantação do Ensino Fundamental de nove anos em todas as escolas públicas do país até 2010.

O ensino nessa rede está organizado em ciclos nos anos iniciais do ensino fundamental, no qual só há retenção na passagem de um ciclo para o outro. Essa etapa é composta por cinco anos de escolarização dividida em dois ciclos da seguinte forma: ciclo I: 1º ano, 2º ano e 3º ano – ciclo II: 4º ano e 5º ano. No que tange aos anos finais do ensino fundamental, a organização se dá de forma convencional, através das séries. O ensino fundamental também comporta a modalidade de Educação de Jovens e Adultos sob diversas estratégias: Segmento da Educação de

Jovens e Adultos (SEJA), Brasil Alfabetizado e Telecurso 2000. O quadro abaixo apresenta a organização e estrutura do ensino em Salvador.

Quadro 1 - Estrutura Organizacional da Rede Municipal de Ensino de Salvador - 2008

Educação Infantil		Ensino Fundamental								Educação de Jovens e Adultos								
		Anos Iniciais				Anos Finais				Salvador Cidade das Letras				Telecurso				
Creche	Pré Escola	Ciclos de Aprendizagem								SEJA								
		Ciclo I				Ciclo II				1º ano		2º ano		1º ano		2º ano		
		1º Ano	2º Ano	3º Ano	4º Ano	5º Ano	6ª Série	7ª Série	8ª Série	9ª Série	1º Sem	2º Sem	1º Sem	2º Sem	1º Sem	2º Sem	1º Sem	2º Sem
		6/7 anos	7/8 anos	8/9 anos	9/10 anos	10/11 anos	11/12 anos	12/13 anos	13/14 anos	14/15 anos	Est. I	Est. II	Est. III	Est. IV	Área I A	Área I B	Área II	Área III
Retenção																		
Educação Especial Educação Ambiental Tecnologias Educacionais Lei N.º 11.645/08 Projetos Pedagógicos Especiais																		

Fonte: Portal da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Salvador.

O sistema de ciclos foi criado sob a justificativa de inovação pedagógica e como uma estratégia para diminuir os altos índices de repetência e evasão escolar identificados nas primeiras séries do ensino fundamental. Em 1987, a Secretaria de Educação de Salvador (SMEC) implanta o Ciclo de Estudo Básico (CEB), atualizado e regulamentado pela resolução do Conselho Municipal de Educação n° 004/DOM, 16/10/99.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN/96) (art.23) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN/97) propõem a organização do Ensino Fundamental em ciclos, visando a minimização da complexa problemática da repetência e da evasão escolar. Desde então, várias instituições de ensino- estaduais e municipais – vêm se organizando em ciclos em especial nas primeiras séries do ensino fundamental. Além do sistema de ciclos, surgiu também a possibilidade de progressão continuada que impede a retenção dos alunos entre as séries de um mesmo ciclo. Sendo esta também garantida pela LDB/96, em seu artigo 32, parágrafo segundo,

Art. 32º. O ensino fundamental, com duração mínima de oito anos, obrigatório e gratuito na escola pública, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante:

§ 1º. É facultado aos sistemas de ensino desdobrar o ensino fundamental em ciclos.

§ 2º. Os estabelecimentos que utilizam progressão regular por série podem adotar no ensino fundamental o regime de progressão continuada, sem prejuízo da avaliação do processo de ensino-aprendizagem, observadas as normas do respectivo sistema de ensino.

O regime de progressão continuada é um procedimento que permite o/a aluno/a avançar sucessivamente e sem interrupções nas séries ou nas fases do ciclo. Nesta lógica, está embutido que a reprovação não contribui para o sucesso escolar dos educandos. Os defensores dos ciclos ressaltam que não se trata de uma promoção automática dos alunos sem que estes tenham adquirido as competências, palavra corrente do momento no desenvolvimento das políticas públicas seguindo a lógica do sistema sociopolítico e econômico, de aprendizagem de determinada fase e como tampouco seriam eliminadas as avaliações que devem ser contínuas. Recomenda a utilização da avaliação diagnóstica e formativa, de forma processual, contínua e qualitativa. A avaliação da aprendizagem é realizada por meio de pareceres descritivos no final de cada bimestre. Ressaltam que a decisão de aprovar os alunos sem que adquiram as “competências e habilidades” necessárias vai de encontro à real proposta dos ciclos. Tal postura visa, em último termo, o cumprimento de metas e estatísticas.

A implementação e funcionamento dos ciclos tem suscitado muitas discussões tanto a nível macro quanto no interior das escolas, em especial neste trabalho. É fato no terceiro ano (antiga 2ª série), a presença de vários alunos que não sabem ler e em alguns casos que não conseguem identificar nem as letras do alfabeto. O 3º ano é o primeiro ano que permite a reprovação dos alunos. Neste caso, em específico, observa-se que

independente de saberem ler e/ou escrever podem ser “empurrado” para a série seguinte, mas podendo estagnar no 3º ano.

Nas escolas privadas mantém-se a organização do tempo escolar de forma seriada, já nas públicas houve a mudança para os ciclos. (NEGREIROS, 2005) Ambas apresentam justificativas contundentes para a sua organização. As primeiras utilizam como uma das justificativas, que o ensino seriado permite um monitoramento mais contínuo dos alunos por passarem por provas contínuas de avaliação de desempenho. Assim, a intervenção pode ser mais pontual. Já as segundas, utilizam como um dos argumentos para o ensino através dos ciclos que dessa forma diminuiria a reprovação e os alunos ficariam mais tempo na escola, o que diminuiria também a evasão. Esta última seria uma proposta pensada especialmente para a população carente com o objetivo de “segurar” o aluno na escola, respeitando o seu tempo de aprendizagem. Estas, em seus discursos, reforçam a ideia de qualidade, a qual aparece como uma das principais para a manutenção do sistema seriado.

Ainda segundo Negreiros (2005), “a manutenção da estrutura seriada parece adquirir contornos econômicos, culturais e sociais, distanciando-se dos ciclos de formação que proclamam a escola dos direitos, a escola cidadã, a escola plural.” Como se vê, o debate e a polêmica são acirrados. Tais posições não são antagônicas, tanto um tipo de organização do tempo escolar quanto o outro pode garantir a qualidade e ser cidadã. O certo é que a utilização de ciclos, não tem garantido qualidade nem tampouco caracteriza uma escola democrática de direitos, ao contrário, o que tem ocorrido é à exclusão dentro da própria escola.

O LÓCUS DO ESTÁGIO: A SALA DE AULA

A escola está localizada no final de linha, ou seja, no ponto de parada dos ônibus para descanso, num bairro da periferia da cidade de Salvador. Quando se trata de uma escola da periferia é necessário considerar o ambiente complexo e problemático em termos econômicos e culturais em que está inserida. Geralmente, nestes locais existe um elevado índice de desemprego, as crianças precisam trabalhar muito cedo, a violência está presente, o índice de escolaridade é baixo, as crianças entram mais tarde na escola, entre outros.

O contexto social em que o aluno está inserido interfere diretamente no seu processo de ensino-aprendizagem e nas relações que ele estabelece na escola. Assim, isto não deve ser perdido de vista.

Esta escola é uma das 34 que compõem a Coordenadoria Regional (CR) de Educação Pirajá. No entorno da escola situa-se uma delegacia, policiais, vários pontos comerciais informais, uma praça que fica no centro do final de linha do bairro e uma organização não governamental (ONG), onde vários alunos da escola participam de atividades como capoeira, curso de manicure, entre outros no turno oposto às aulas. É também marcante no bairro, a presença de diferentes instituições religiosas, com destaque para as Igrejas Evangélicas.

A construção da escola ocorreu, em 1968, na gestão do Governador Luiz Viana Filho. Mas o seu ato de criação foi publicado no Diário Oficial da União, de 16 de janeiro de 1978, tendo como patrono Afrânio Peixoto.

A Escola é bem localizada no bairro, o prédio está conservado e foi pintado em 2008, após 30 anos. A pintura por fora da escola é bem interessante com muito colorido, imagens de crianças e jogos, o que a destaca no bairro. Dispõe de 12 salas de aulas com áreas livres entre elas, dois corredores que dão acesso às áreas de recreação, sendo uma coberta e outra uma mini quadra sem cobertura, laboratório de informática com dez computadores, dois conectados à internet, mas atualmente só funcionam seis dos dez computadores, possui também sanitários para professores e

alunos, depósitos para material didático e merenda, secretaria escolar e sala da direção, que é a mesma dos professores.

As salas de aula têm janelas e ventiladores, mas são muito quentes e os ventiladores barulhentos, o piso de algumas é de cerâmica, geralmente das menores e as demais têm um chão mais “grosso”. Na quadra ocorrem às aulas de Educação Física, mas por não ser coberta quando o sol está muito forte as aulas são realizadas no outro espaço destinado ao recreio e quando chove o professor realiza as aulas na própria sala de aula. A sala da direção é a mesma destinada aos professores e a placa que consta na porta é sala dos professores.

Esse é o local de vida de um grupo social formado em média por 1.243 pessoas: 21 professoras, seis estagiários, um diretor, três vice-diretores, uma secretária escolar, dois auxiliares de secretaria, duas merendeiras, dois porteiros, cinco auxiliares de serviços gerais e 1.200 alunos matriculados, distribuídos nos três turnos, nas modalidades de ensino da Educação Infantil, Educação Fundamental das séries iniciais, Educação de Jovens e Adultos, além de duas salas de Telecurso.

São esses sujeitos que constroem o cotidiano dessa escola por meio das relações informais, hierárquicas e burocráticas.

As professoras, em sua maioria, trabalham em dois turnos na mesma escola, há aquelas que trabalham um único turno na escola, mas o outro, em outra escola. A vice-diretora da tarde atua à noite como professora na escola. Os estagiários citados estão substituindo professoras efetivas que estão de licença-médica ou prêmio. Há na escola duas professoras que são do Estado, pois quando a escola foi municipalizada, em 2004, permaneceram na escola e já estão prestes a se aposentar. Uma das auxiliares da secretaria é terceirizada. Os alunos em sua maioria residem no próprio bairro, alguns em regiões circunvizinhas que se delimitam com o bairro. Por vezes, alguns dizem que moram no bairro e outro que mora no mesmo local já o considera área de um outro bairro devido à dificuldade de delimitação.

À tarde, o portão abre às 12h55min e as aulas iniciam às 13h, tendo como término às 16h45min, sendo apenas 3h45min de aula. O recreio é separado por nível de ensino com horários diferenciados, tendo como duração 20 min. Em especial, às sextas-feiras, as aulas vão até às 15h, pois a partir deste horário ocorrem as Atividades Complementares (AC) com a presença dos professores, vice-diretora e raramente do diretor. Os professores recebem pelas AC o correspondente a 30% dos seus salários.

Essa escola, como as demais, é também uma organização social burocrática onde o poder está presente tanto no âmbito formal quanto de forma subliminar. Ela é organizada por meio de legislação específica que estrutura o seu funcionamento. Assim os sujeitos, neste ambiente, se relacionam tendo como uma das referências o lugar ocupado por cada ator na estrutura escolar, o que resulta em determinada hierarquia. As atividades neste espaço estão regulamentadas no regimento, tanto quanto em documentos mais gerais (leis, decretos) que visam dar certa unidade ao sistema de ensino.

Esse poder exercido a partir da própria organização do sistema o legitima em nome de ordens que “vêm de cima”. Assim quem o exerce justifica suas ações como se fosse algo que está além de suas escolhas, o que o caracteriza como algo formal e impessoal.

Essa organização e a forma como se estabelecem as relações no âmbito escolar camuflam os reais interesses que podem ser de ordem política e econômica de determinadas ações. O que varia entre as diversas instituições é como a força é utilizada por seus dirigentes, mas esta sempre está presente. Assim, os diversos atores da escola se submetem às ordens dos seus dirigentes devido à organização burocrática própria das instituições, neste caso a escolar. As pessoas interagem cotidianamente a partir de uma ordem hierárquica, onde cada um sabe o que lhe cabe na instituição.

Em determinados momentos, eclode dentro da instituição a execução do poder explícito devido a algumas incompatibilidades que emergem em situações de conflitos, quando cada um quer se impor por meio de suas ideias e discordâncias. Assim, o poder impessoal é desmascarado,

cedendo lugar ao poder explícito, resultante, às vezes, da conquista de posições de poder ou até pela implementação de alguns projetos na escola. Cotidianamente, nesse espaço, está presente tanto o poder simbólico quanto o poder firmado através da hierarquia própria das instituições burocráticas. Esse jogo confere a dinâmica escolar que convive com suas rotinas e inovações.

Em sua pesquisa sobre *A escola numa área metropolitana*, Pereira (1967) situa as categorias ocupacionais presentes na escola e as analisa também por idade. Neste caso, ressalta que a idade dos discentes é um elemento que não permite total burocratização da escola primária devido à falta de maturidade desses sujeitos. Diz ele “burocracia e escola primária são parcialmente incompatíveis, dado que a imaturidade da categoria discente constitui um fator que também se determinaria como disfuncional, em termos da completa burocratização daquele grupo social.” (PEREIRA, 1967, p. 95-96) Ressalta também outras duas condições que desestabilizam a total burocratização desse espaço: o curto espaço de tempo que os discentes ficam nas escolas, ou seja, em torno de quatro anos e o fato de não serem remunerados. Esses aspectos conferem certa especificidade às escolas primárias, sendo denominadas atualmente como escolas das séries iniciais do Ensino Fundamental I.

As relações estabelecidas no seio escolar não ocorrem de forma tão previsível e institucionalizada. Existem, neste espaço, relações informais que não estão previstas, por exemplo, em regimentos. Assim são as atividades reais exercidas pelos atores escolares (diretor, professor, discentes, demais funcionários) em prol da atividade fim da escola – ensino e aprendizagem conduzida sistematicamente – que conferem a sua dinâmica, sendo que esta também é resultado de fatores externos à escola. Além de tais atividades existem agrupamentos e relações que estão além do aparato burocrático, como as conversas informais e gestos que estão presentes no dia a dia e que muito podem nos dizer acerca do funcionamento real da escola, já que “gestos, palavras, pequenos acontecimentos, constituem a própria substância do cotidiano.” (AZANHA, 1992, p. 61)

O estudo de determinada instituição escolar não pode perder de vista as relações e negociações que estão presentes em seu cotidiano, os aspectos políticos, econômicos e culturais, a condição social de seus atores, a localização geográfica da instituição, o grupo social atendido, entre outros, como bem captou Pereira (1967). Estes elementos se inter-relacionam na constituição do cotidiano escolar fazendo emergir questões tanto gerais quanto específicas importantes para se compreender como se constrói a realidade de uma escola. Ressalta-se que algumas características presentes numa escola pode também fazer parte de outras realidades, mas todas apresentam certas características que lhe são peculiares.

O estudo do cotidiano escolar permite entrelaçar diferentes elementos, como já foram expostos, a fim de compreender a sua complexidade, sendo este composto por rotinas e por inovações que, por vezes, aparecem como problemas. O olhar de “dentro da escola” não prescinde de uma análise macro e tampouco pode perder de vista que cada sujeito que compõe o espaço intraescolar possui uma história que também estará presente consigo no contato com o outro. Além disto, a escola é um espaço contraditório, onde as relações de poder sempre estarão presentes: explícitas ou não.

A sala de aula é um espaço privilegiado na escola, pois é o local onde está presente a maioria das atividades destinadas à finalidade básica da escola, o ensino e aprendizagem sistemática de forma intencional. Este local também é profícuo de conflitos de diversas ordens, é onde se estabelece a maior parte do contato professor-aluno, onde os alunos ficam a maior parte do tempo na escola. Aqui são estabelecidas relações de diversas ordens entre diferentes sujeitos da escola que inscrevem o cotidiano da sala de aula e, por conseguinte, da escola. Além disto, firmam-se minigrupos dentro da escola.

A sala de aula assumida é o 3º ano vespertino, como é descrito na caderneta. O contrato é de estágio, em substituição a uma professora que está de licença médica e não tem previsão de retorno. Quando assumida a sala, os alunos já tinham aproximadamente dois meses sem aula,

situação comum a outras turmas da escola que atualmente são assumidas por estagiários.

A turma tem 27 alunos que frequentam, mas na caderneta constam 31 alunos. Assim há quatro alunos já evadidos durante o ano. Sendo os que frequentam 17 meninos e dez meninas. As idades variam de 8 a 15 anos, distribuídos da seguinte forma: três têm 8 anos, sete têm 9 anos, quatro têm 10 anos, seis têm 11 anos, quatro têm 12 anos, dois têm 13 anos e um tem 15 anos. O problema de distorção série-idade é muito presente neste microespaço, observam-se somente três alunos que, com base em sua idade, encontra-se na série esperada, ou seja, apenas pouco mais de 10%. Vale ressaltar que a nova organização do Ensino Fundamental com nove anos, no modo como aplicado na rede municipal de Salvador, faz com que os alunos que se encontram hoje na 2ª série estejam cumprindo na nova nomenclatura o 3ª ano. Entretanto, nem todos por força de reprovações encontram-se apenas há dois anos na escola.

Outro problema presente é o que diz respeito à leitura e escrita, tema este de grande divulgação pelos institutos de pesquisas, mídia em geral, além de ser assunto corrente nos espaços formais da escola e em conversas informais que são as péssimas condições no quesito saber ler e escrever, competências básicas a serem adquiridas pelos alunos.

Tal situação foi revelada recentemente pelos dados da Síntese de Indicadores Sociais 2008, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A pesquisa, baseada em informações da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2007, mostra que “no ano passado 1,3 milhão de crianças de 8 a 14 anos de idade não sabiam ler e escrever (5,4% dessa faixa etária). Desse total, 1,1 milhão (84,5%) frequentavam estabelecimento de ensino.”

O estudo também mostra que “1,7% dos brasileiros que não sabem ler e escrever tem quatorze anos (58,1 mil), idade em que já estariam perto de concluir o ensino fundamental.” Porém, quase metade desse grupo era analfabeta, mesmo frequentando a escola.

Na sala de aula em que atuo, esta situação é facilmente percebida. Dos 27 alunos, menos da metade sabem ler, apenas 13. Sendo que destes que sabem, a maioria ainda não tem uma leitura fluente, por vezes, soletram e algumas palavras não conseguem decodificar. Leitura fluente só é apresentada por seis alunos.

O 3º ano é o primeiro ano de escolarização em que os alunos podem ser retidos. Assim, independentemente, do seu nível de aprendizagem, em especial no quesito ler e escrever, os alunos passam automaticamente do 2º para o 3º ano, quando já deveriam estar alfabetizados. A situação real em termos de aprendizagem só pôde ser observada no dia a dia de sala de aula, pois não foi passado nem pela professora anterior e nem pela direção da escola informações acerca da turma que assumiria. No primeiro momento, a sensação é de espanto e impotência diante da “crueldade” vivenciada por boa parte dos alunos na rede municipal de ensino.

Na verdade, a turma assumida é resultado daqueles alunos que não conseguiram avançar para o ano seguinte, conforme relato de uma professora em uma AC. Segundo ela, foi feito um conjunto de avaliações, centradas principalmente na leitura e escrita, para verificar aqueles que teriam condições de avançar. A turma assumida é composta por aqueles que não tiveram condições de passar para a série seguinte.

A situação é ainda mais grave, pois 24 desses alunos estão retidos entre três e quatro anos no 3º ano e outros três estão cursando pela segunda vez. Isso foi detectado a partir das pastas de matrícula dos alunos. Isso justifica as diferenças etárias que compõem a sala de aula.

Esta situação lamentável não pode ser analisada por fatores isolados, vários contribuem para esta realidade. A universalização do ensino fundamental não foi acompanhada com a sua devida qualidade, o que traz repercussões tanto no plano social quanto individual. Por outro lado, há que se questionar o que está sendo feito no interior das escolas, em especial nas salas de aula, no que tange ao ensino e aprendizagem dos alunos e, diante deste quadro, quais as estratégias utilizadas para que os alunos

avancem ou será que tal situação já foi de tal modo banalizada que os atores da escola a veem como algo comum e irrelevante?

Essa realidade não é peculiar a essa escola, pois em encontros organizados pela rede municipal de ensino esse problema veio à tona e, quando colocava com indignação a situação da turma, comumente ouvia por parte da direção “*isso é tão comum na rede*”. Outro problema evidenciado neste espaço é quanto à frequência irregular de alguns alunos. Há aqueles que ficam mais de uma semana sem ir à escola pelos motivos mais diversos.

Parsons (1968), em seu estudo sobre a classe primária a coloca como um agente de socialização aparentemente homogêneo onde há, inicialmente, uma diferenciação de *status* dentro da sala de aula apenas em relação a sexo. Segundo ele “a principal diferenciação de estrutura se desenvolve paulatinamente – o aproveitamento.” (PARSONS, 1968, p. 52-53) Dessa forma, os alunos passam a ser classificados, o que acarreta certa hierarquia entre eles, pelo seu bom desempenho, o qual está articulado com a sua capacidade intelectual e bom “comportamento”.

No caso da turma em questão, apesar de ser do Ensino Fundamental I, não se diferencia, inicialmente, apenas pelo sexo, mas também pelas faixas etárias, alfabetizados e analfabetos e pela cor. Assim tem sua especificidade não se constituindo nem a *priori* um grupo homogêneo, sendo marcado pela heterogeneidade em diversos aspectos que são determinantes na forma como os diferentes sujeitos interagem neste microespaço.

Atuar num grupo tão heterogêneo sob diversos aspectos, como faixa etária e nível de ensino real, com o intuito de atender às expectativas de cada aluno para que todos avancem, saindo do estágio atual, constitui-se em um grande desafio diário para o professor quando há uma preocupação real para que ocorra de fato a aprendizagem. O desafio aumenta quando se trata de uma primeira experiência em que não se tem o apoio pedagógico necessário para o desenvolvimento de determinadas atividades e quando, ao mesmo tempo, está se descobrindo como professora diante de tantos problemas evidenciados e vividos no cotidiano escolar, que comumente não são sequer discutidos na Faculdade de Educação.

O DIA A DIA NA ESCOLA

Ao primeiro momento, tem-se a sensação de que há certa repetição dos fatos no dia a dia da escola isso após alguns dias de observação. Mas a partir de um olhar mais atento, percebem-se as singularidades de cada acontecimento e a forma peculiar de cada sujeito (professores, alunos, direção, demais funcionários) reagir dependendo da situação. Além disto, conhece-se de que forma se firmam as relações entre os seus atores.

Em especial, a sala de aula que tem um papel socializador importante durante muito tempo não atraiu a atenção dos sociólogos. Talvez, porque nas salas de aula fiquem evidenciados seus acontecimentos mais rotineiros, como traz Spindler (1982) durante uma experiência de observação:

Sentava-me, nas salas de aula, durante dias e dias, perguntando-me o que havia para ser observado. Os professores ensinavam, repreendiam, davam recompensas, enquanto os alunos, sentados nas carteiras, se agitavam, tagarelavam, escreviam, liam, faziam gracinhas, como em minha própria experiência de aluno e em minha prática de professor. O que eu iria escrever em meu caderno de observações em branco? (SPINDLER, 1982 apud SIROTA, 1995, p. 257)

Durante os meses de agosto, setembro e outubro, com regularidade a partir da 2ª quinzena do mês de setembro, foram registrados alguns momentos do cotidiano da escola (ANEXO B). Certamente, haveria muitos outros fatos a serem descritos, mas tais registros resultam de uma escolha com base naquilo que atrai mais a atenção daquele que registra movido por diversos motivos e sensações. Há fatos que comumente se repetem por estarem muito presentes no interior da escola, em especial na sala de aula, e também por no primeiro instante causar angústia e

dificuldade para lidar com algumas situações como professora durante esta experiência.

Os relatos são marcados pela angústia, em especial em torno da situação de aprendizagem da classe, das violências existentes, da postura autoritária da direção da escola em alguns momentos e, mesmo sem aparecer nos relatos, mas estando presente o tempo inteiro, de questões em torno dos desafios a serem enfrentados decorrentes da escolha em ser professora numa escola pública. Da impotência em lidar com determinadas situações e, ao mesmo tempo, a busca de estratégias para conseguir desenvolver um trabalho significativo para cada aluno sem ignorar as dificuldades de cada um, buscando conhecê-los em suas particularidades. A meta era, no mínimo, alfabetizar todos os alunos durante o período do estágio mesmo diante das inúmeras dificuldades encontradas.

Os alunos passam muito pouco tempo na escola e, diante da diversidade da turma, atender individualmente cada aluno era difícil devido ao clima de conflito que, por vezes, se instalava no ambiente. Sem falar nos dias em que não houve aula por diversos motivos. Entre agosto e outubro ficaram oito dias sem aulas, mas, além destes, houve outros dias em que os alunos foram dispensados mais cedo por falta de merenda, falta de água entre outros motivos, sobretudo, relacionados a infraestrutura precária.

Existiram dificuldades também peculiares à situação de estagiária atuando como professora. Nesta circunstância, além de dar conta das atribuições próprias da profissão, como: planejamento diário, organização de semanas comemorativas, que demandam bastante tempo; houve as obrigações de estudante prestes a concluir o curso que estava escrevendo a monografia. Outros problemas também interferiram como o não pagamento por parte da Prefeitura Municipal. Durante três meses de trabalho, houve apenas um pagamento, inclusive referente ao transporte. Situação esta comum entre os inúmeros estagiários da rede municipal.

Sob essas circunstâncias que os dias foram contados e, mesmo sabendo que não seria possível esgotar todos os fatos, houve a tentativa de trazer os diversos espaços que constroem o cotidiano da escola a fim de

conhecer e compreender como acontece a educação numa dada instituição a partir da dinâmica cotidiana, onde emergem situações de todas as ordens, trazendo assim a escola à tona. Assim foram descritos momentos da sala de aula, AC, conversas informais entre as professoras e direção, recreio, chegada à escola e momentos de planejamento.

Cada dia vivenciado no estágio foi momento de reflexão e questionamentos de diversas ordens, desde a situação enquanto estagiária ao contexto no qual se iam tecendo diversas relações entre os diferentes sujeitos. Assim mesclaram-se diferentes condições, ou seja, a de estudante, estagiária, professora e, ao mesmo tempo, observadora que tentava a todo instante captar, das diversas circunstâncias, àquilo que parecia ser mais significativo nessa teia de relações que dão pistas desse lugar (re)criado por seus atores.

Foram 35 dias em que o dia a dia do estágio foi contado dando testemunho de uma dinâmica escolar, das dificuldades encontradas, presenciadas e vividas enquanto professora. Esse primeiro contato com uma escola da rede municipal de ensino de Salvador possibilitou uma apreensão geral sobre o funcionamento da rede, a forma como se estabelece a relação entre os gestores do sistema e a direção local da escola, entre gestores e professores, professores e alunos, entre os diversos pares, além da situação do processo de ensino-aprendizagem, em especial, de determinada sala de aula.

É perceptível que a escola é resultado também das condições macrosociais em que estão inseridas, mas a sua compreensão está atrelada também ao conhecimento do que ocorre dentro da escola, o que confere um caráter particular a cada escola. Sem desconhecer as formas sob as quais se dão as inter-relações dentro da própria escola. Dessa forma, Casassus (2002, p. 60) aponta que “não se pode olhar o rendimento sem observar, ao mesmo tempo, vários âmbitos e níveis de análise: o contexto externo, o ambiente interno, a situação em que se encontram os atores, o papel que desempenham”. Os atores que atuam no contexto educacional são importantes para a compreensão do funcionamento escolar e é

a interação desses sujeitos, sob diversas formas, que irá incidir também na qualidade da aprendizagem, atividade fim da escola. Para tal fim são responsáveis: professores, gestão e autoridades públicas.

A escola assim como outras instituições tem normas, regras, estrutura física, mas sua unidade reside na interação que existe entre os diferentes sujeitos com vistas à aprendizagem em seus vários âmbitos e sentidos. Ela tem uma dinâmica própria em que o formal e o informal interagem a todo instante e a apreensão do que de fato ocorre na escola pode nos dar pistas de seu funcionamento para além do que expressam as estatísticas em torno da aprendizagem. Ela é também “um *locus* privilegiado de exercício da violência simbólica já que na maioria das vezes as punições são estipuladas de modo arbitrário.” (ABRAMOVAY et al., 2002, p. 146) A violência que predomina na instituição escolar ocorre geralmente por meio de símbolos em que a força física é dispensada. Então através do consentimento, pelo uso de tais símbolos, os protestos são silenciados e as ordens acatadas entre os diversos atores da escola a partir da hierarquia existente.

Na escola observada, diversos momentos denotam a existência da referida violência, assim seu interior não é marcado apenas por violências externas a ela, pois esta também gera a sua própria violência. Esse tipo de violência pode ter uma dimensão maior em termos destrutivos, a depender da situação, do que a violência física exercida comumente entre os alunos. São essas referências que nortearam os escritos acerca do cotidiano da escola e por consequência dessa experiência profissional.

Não há uma regularidade dos fatos contados por diversos motivos. Por vezes, não relatei por enxergar uma repetição dos fatos ou mesmo por esquecimento e a frequência se dá mais a partir da decisão em tornar essa experiência elemento de discussão nesse trabalho. A seguir, situam-se os dias que foram vividos na escola e registrados:²

2 Todos os nomes utilizados ao decorrer das entrevistas são fictícios.

*O Diário
de uma estagiária*

Dia 4 de agosto de 2008

Hoje, foi o meu primeiro dia de aula. Cheguei à escola antes das 13h. Dirigi-me a um estagiário e uma professora que se apresentaram e falaram que aguardasse a vice-diretora para que me apresentasse à sala. Essa professora disse *“agora que já falou comigo que sou professora da casa é só aguardar a vice. Não fique se expondo.” Fiquei no aguardo da vice.*

De repente bateu o sinal e os alunos foram para sala com as suas respectivas professoras. Continuei aguardando a vice, pois nem sabia quem eram os meus alunos. Mas observei que um grupo de alunos continuava no pátio brincando e com os seus materiais no chão guardando os seus lugares na fila. Depois de algum tempo uma funcionária da secretaria se dirigiu a mim perguntando qual professora estava substituindo. Respondi, pois além de saber que ficaria com o 3º ano e que estavam em processo de alfabetização essa era a única informação que tinha: o nome da professora que iria substituir. Após a resposta a secretária disse: *“tome a chave e pode ir para a sala. Eles te levam.”*

Confesso que tomei um susto, pois não tinha tido nem uma conversa com a professora anterior para saber como estava à turma, que assuntos já tinham sido dados...

Os alunos de fato me acompanharam até a sala em fila. Iniciei uma conversa com eles por meio de uma apresentação e um trabalho diagnóstico a partir dos seus nomes e de uma parlenda. Durante a aula, começaram a me questionar se iria ficar para sempre, se a professora anterior não iria voltar. Alegaram que não gostavam da professora anterior e que se ela voltasse saíam da escola. Segundo eles, a professora anterior havia tirado o recreio deles, gritava muito e pegava em alguns alunos com muita força. Disseram *“ela é muito ruim.”*

Neste primeiro contato já foi possível perceber que a maioria dos alunos não sabia ler e nem escrever, que ainda tinha aluna que não sabia escrever o seu nome e que a violência era algo muito presente, pois com frequência se agrediam.

Dia 5 de agosto de 2008

Ao chegar à escola fiquei no pátio aguardando o horário de entrada na sala. Durante este tempo fiquei conversando com a professora que havia me recebido no dia anterior. Em meio a outros temas, falei da angústia gerada, no dia anterior, em sala por não conhecer praticamente nada da turma antes do primeiro contato e de ter percebido que a maioria dos alunos que se encontravam no 3º ano ainda não sabiam ler e nem escrever.

Ao tocar o equipamento, levantei-me e segui para a sala com os meus alunos que já se encontravam em fila. A colega me disse *“vai para onde? Só vou para sala quando vejo alguém sair daquela sala”* (se referia as demais professoras que estavam na sala dos professores, com as quais não tem um bom relacionamento). Interrompi e disse *“mas o horário de entrada não é às 13h?”* Ela respondeu *“é, mas você irá trabalhar mais do que os outros. Quando eu era estagiária, eu seguia o ritmo dos professores.”* Ao ver as demais professoras indo para suas salas, se deslocou também e para concluir me disse *“sabe quanto tempo eu tenho de sala de aula? 11 anos. Quando eu era estagiária também sonhava muito.”* Dirigi-me para a sala com os alunos.

15 de agosto de 2008

Durante esses 10 dias que estou na escola, tenho observado muitas coisas que têm chamado a minha atenção e me incomodado muito: indisciplina, violência, agressividade entre eles, desobediência. Comumente, os alunos que geralmente não agem dessa forma dizem: *“se fosse com a professora Sara, ele não ficava assim. Leva para a secretaria pró, deixa ele sem recreio.”* Bem, ouço com frequência falas nesse teor. Algo que tem suscitado frequentemente entre eles é um conflito étnico-racial. É comum alguns alunos me falarem: *“pró ela/ele está me chamando de preta”, “seu cabelo duro.”* Praticamente, todos os dias ocorrem conflitos neste teor, o que geralmente resulta em briga.

Em meio a tudo isso que ouço cotidianamente, hoje, o posicionamento de um aluno chamou muito a minha atenção e me comoveu bastante. Conteí a história “*Quem me dera*” de Ana Maria Machado, que fala do desejo de uma criança em ter alguém para brincar. Ao terminar de contar a história comecei a questionar o “quem me dera” de cada aluno. Ao questionar a um dos alunos, que é negro, o seu “quem me dera”, disse: “*quem me dera se eu tivesse a pele branca e o cabelo liso.*” No primeiro instante, fiquei sem saber o que dizer, mas retomei o fôlego e disse: “meu amor, você é tão lindo assim”. Esta mesma criança geralmente é chamada pelos colegas de “*macumbeiro*” e este sempre diz “*quem é não sou eu.*”

Ao terminar a aula observei que ele não teve pressa em ir embora e quando saía se dirigiu a mim e perguntou: “*pró, a senhora me acha lindo mesmo?*” Diante da resposta: “*Sim, acho!*” Saiu sorrindo meio sem jeito.

19 de agosto de 2008

Hoje, não houve aula na escola, pois Sem Fronteiras e outros bairros da periferia tiveram toque de recolher orientado pela polícia, pois alguns estabelecimentos (escolas, igrejas, comércio) receberam cartas anônimas, ameaçando que no bairro haveria a visita do “anjo da morte.” Nas cartas solicitava-se que o bairro parasse. Como não sabia do ocorrido, estava a caminho da escola quando recebi um telefonema de parentes me avisando que esta notícia tinha sido veiculada na televisão. Cheguei a ir à escola e ao chegar lá só encontrei o porteiro e o bairro deserto apenas com policiais fazendo ronda.

20 de agosto de 2008

Hoje, poucos alunos vieram à escola e se referiram ao ocorrido no dia anterior com muita euforia e/ou medo. Um aluno disse: “*derrubaram dois lá na rua. Eu nem vinha para escola. Aqui o bicho está pegando, professora.*” Conversei com a turma sobre a violência que está presente nos diversos

bairros da cidade falando um pouco das suas causas e consequências, da falta de segurança e sobre o quanto os bairros periféricos ficam reféns a esse tipo de acontecimento. Uma mãe foi à escola justificar as faltas frequentes de seus filhos. Ela relatou que um deles viu praticamente na porta da sua casa um rapaz ser assassinado e estava traumatizado.

22 de agosto de 2008

A Atividade Complementar (AC) começou às 15 h e contou com menos da metade das professoras. O tema da AC foi a preparação da semana da paz. A vice-diretora informou que haveria uma caminhada pela paz no bairro, no dia 29, por ordem da Prefeitura. Uma professora disse: *“como eu já me coloquei pela manhã, eu sou contra esta caminhada, mas como sempre sou voto vencido. Essa caminhada pode soar como afronta ao toque de recolher que aconteceu esta semana no bairro. Aqui não tem segurança. Poderíamos celebrar a paz dentro da própria escola.”* Bem, após a sua colocação a vice trouxe as possibilidades e estratégias que poderiam ser utilizadas. Ressaltando que era necessário um planejamento da semana da paz e a escolha de algumas músicas já que teria um carro de som.

Também foi informado que, na semana seguinte, teria em dias diferenciados planejamento. Coloquei a situação da minha turma em termos de leitura e escrita, falando que precisava alfabetizá-los, já que boa parte dos alunos não sabia ler nem escrever. Ao colocar isto, uma professora explicou o porquê da minha sala ser tão mista. Disse:

Jaci, o ano passado tínhamos uma coordenadora na escola e, ao término do ano, fizemos uma bateria de avaliações para ver àqueles alunos que passariam para o 4º ano já que o 3º ano, por causa dos ciclos, é o primeiro ano que retém. Após as avaliações, identificamos àqueles alunos que conseguiam ler, escrever, compreender minimamente um texto para decidir se passariam ou não. Então a sua sala é o resultado daqueles que não sabiam nada.

Neste momento, ressaltou que este problema também é consequência dos ciclos já que não existe retenção do 2º ano para o 3º. Neste caso, tanto quem sabe ler e escrever, ou não, segue para o 3º ano e muitos acabam ficando retidos. Diante da situação da minha turma, a colega sugeriu que fizesse o planejamento com ela e outras colegas do 1º e 2º ano.

5 de setembro de 2008

Hoje, participei da primeira AC coletiva, em que professoras de diferentes escolas da Coordenadoria Regional (CR) de Pirajá se reúnem sob a coordenação desta CR. A mesma ocorreu no colégio Orlando Imbassay e contou com a presença de 48 professoras da rede municipal. O tema do encontro foi avaliação. A palestrante foi a coordenadora dessa Escola. Ao longo do encontro, foram trazidas as constantes dificuldades vivenciadas pelas professoras no cotidiano escolar. Os problemas diante dos relatos são comuns: dificuldades de ensino-aprendizagem, barulho ensurdecedor, críticas às habilidades que constam nas cadernetas. Mas o grande problema apontado foi referente à leitura e escrita.

As queixas se seguiram em torno da formação inicial dos/das professores/as que não aprendem a alfabetizar no Curso de graduação, aos ciclos de aprendizagem, a entrada tardia de alunos da classe popular na escola, à mudança do ensino fundamental para nove anos etc. Referindo-se aos nove anos, surgiu uma professora que perguntou: *“a que classe esta mudança atende?”* Vi o encontro como um momento oportuno de diálogo entre as professoras, onde ficou claro que a angústia, problemas, impressões são comuns a esta categoria. Da escola que trabalho estiveram presentes três professoras, que deixaram a reunião antes do seu término.

8 de setembro de 2008

Hoje, em meio à aula que estava dando, a vice-diretora chegou, segundo ela, para conversar com os alunos já que iria se ausentar da escola por volta de duas semanas por problema de saúde. Dirigindo-se aos alunos disse:

[...] estou muito insatisfeita com o comportamento de alguns alunos. Essa sala tinha um bom comportamento agora não tem mais. Tenho observado que durante o recreio correm iguais a uns loucos. O recreio deve ser um momento para vocês relaxarem e merendarem, mas não, só fazem correr. Outra coisa, tem aluno que está vindo sem a farda para a escola. Na minha sala não fica ninguém sem farda. Se o diretor ver alguém sem farda na escola reclama comigo. Não é só aqui não, viu pró, irei passar em todas as salas. Está demais o comportamento e falta de regras dessa escola.

Ao retomar a questão do comportamento falou para mim:

[...] pró, você vai ter que tirar o recreio desses meninos. Eles estão sem rédea. A professora Sara (professora que substituo) não deixava eles irem para o recreio. Brincavam na sala mesmo. Ela não deixava porque dizia que voltavam do recreio muito suados, fedendo e que não se comportavam. Aqui funciona como antigamente. Se o aluno não se comportar, desobedecer, coloca-o para escrever 100 vezes – devo respeitar a professora, não devo brigar com o colega...

Voltando-se para um aluno que estava inquieto disse: “Menino, não está me ouvindo falar. Fique ali em pé sem encostar-se à parede”. Ao sair da sala sugeriu que fizesse um combinado com os alunos. Confesso que fiquei profundamente irritada e chateada com tanto autoritarismo e imposição. Além do desrespeito a autoridade do professor em sala. Não há respeito pelas decisões tomadas pela professora da sala...

10 de setembro de 2008

Ao iniciar a aula devido aos últimos acontecimentos e dificuldades de desenvolver a classe por causa do comportamento da sala sugeri que fizéssemos um combinado. Expliquei o que era combinado e esclareci que seriam regras criadas por todos, além disto, que quando alguém desobedecesse alguma regra combinada, iríamos ler àquela regra. Após a explicação pedi que começassem a dizer o que gostariam que constasse no combinado. Disseram:

1. Só podemos falar um de cada vez; 2. Não arrastar as cadeiras; 3. Obedecer a professora; 4. Não tirar a camisa na escola; 5. Não brigar na escola; 6. Não bagunçar; 7. Não jogar a merenda fora; 8. Não fazer xixi no chão do banheiro; 9. Não gritar na sala de aula; 10. Não abusar; 11. Quando quiser falar levantar a mão; 12. Não correr na sala de aula; 13. Não sujar a sala de aula; 14. Não cuspir no chão; 15. Não pode sair da sala sem pedir a pró; 16. Não riscar a cadeira; 17. Não xingar; 18. Não ficar em cima das cadeiras.

Após sugerirem as regras questionei o que ocorreria com quem não respeitasse. Disseram: *“pró, tira o recreio por dez dias”, “manda escrever 100 vezes a regra que desobedeceu”, “ficar em pé na sala”...* Depois de algum tempo, alguns alunos tornaram a ficar inquietos, ao reclamar um aluno disse: *“por isso que não gosto de vir para escola. Não pode nem ficar em pé, tem que ficar sentado. É muito chato na escola. Prefiro ficar jogando videogame. Por causa disso que falto mesmo.”* Este aluno geralmente fica dias sem ir a escola e quando questiono fala que ficou jogando.

16 de setembro de 2008

Não houve aula, pois as professoras aderiram à paralisação nacional.

18 de setembro de 2008

Comecei a trabalhar com a turma a história *Luana: a menina que viu o Brasil neném* (2000). Alguns se mostraram muito curiosos como Túlio e Leonardo. No decorrer da história trouxe questionamentos acerca do significado de Quilombos, terreiro, Candomblé, África... Em diversos momentos, na sala de aula, comumente alguns colegas se dirigem a um dos colegas sempre o chamando de macumbeiro. O mesmo sempre reage dizendo que não é. Bem, ao contar a história citada fui interrompida por uma aluna que disse: “*pró, a senhora não tem vergonha de falar de macumba, não?*” A partir das colocações, procurei trabalhar o significado da palavra e outras questões que foram levantadas durante a história. Como sempre, no decorrer da aula, interrompi diversas vezes o assunto para chamar a atenção quanto às brigas entre colegas, barulho... Enfim, o ápice ocorreu após a vinda do recreio, onde houve uma briga envolvendo diversos alunos. Tal confusão resultou no sangramento do nariz de um dos colegas.

19 de setembro de 2008

Hoje, a aula foi baseada na correção das atividades passadas anteriormente. Como sempre, a aula foi interrompida diversas vezes devido a brigas, grito, desrespeito, bagunça... Confesso que, às vezes, fico sem saber o que fazer, dá até vontade de chorar. É lamentável o clima criado na sala de aula. Não há respeito entre eles, conversam o tempo inteiro, há constantes momentos de violência

entre os colegas, não respeitam a professora... É incrível, retornam do recreio ainda mais agitados. Ressalto que não são todos, mas existem aqueles que sempre estão envolvidos nos conflitos... Existe uma comparação entre eu e a professora anterior no que consiste às atitudes e posturas. Segundo eles, ela era totalmente punitiva... Assim é comum ouvir: *“Ah! Se fosse a pró Sara”*. Apesar da situação da sala foi possível fazer com que a maioria da sala participasse da aula.

22 de setembro de 2008

Hoje, continuei a correção de um exercício e passei atividade para casa. Estiveram presentes poucos alunos e não houve muita briga. Carlos, que geralmente não faz as atividades, hoje fez e na saída ainda se despediu de mim com um beijo.

Após a aula foi destinado um momento para o planejamento. A professora com a qual deveria fazer o planejamento já tinha feito o seu. Reuni-me com as professoras do 1º e 2º ano para planejar. Em meio ao planejamento, elas trouxeram algumas experiências vivenciadas na escola. Durante a conversa, uma das professoras comparou sua experiência na rede privada com a da escola atual, destacando que a única coisa que sente falta referente à escola que trabalhou (classe média-alta) são os recursos e a participação “dos pais”. Disse ela: *“tudo o que eu pedia os pais providenciavam e participavam das atividades realizadas na escola”*. Diante deste relato a outra professora se colocou, destacando a sua insatisfação em elaborar determinadas atividades na escola porque: *“a família não participa”*. Destacou ela:

“[...] fizemos o ano passado, no dia da avó, um café e não apareceu nenhuma avó. E olhe que não pedimos nada aos pais. Fiz várias almofadinhas para dar às avós e elas nem sequer apareceram.

Acabei distribuindo entre as professoras e o lanche quem acabou comendo fomos nós e os meninos.”

23 de setembro de 2008

Hoje, na sala, em meio à conversa sobre indisciplina e brigas entre eles ao serem questionados por mim sobre o sentido da escola, o que eles procuram na escola... Uma aluna me chamou e disse: *“pró, antes eu faltava muito à escola e outros colegas também. Houve uma reunião com os pais, onde foi informado que o aluno que não frequentasse a escola, os pais seriam presos e que isso era Lei. Aí eu deixei de faltar às aulas e ele também (se dirigindo a um colega).”*

Outro fato foi após o término do recreio. Percebi que alguns alunos não tinham retornado a sala. Notando a ausência, alguns colegas me disseram que estavam com o diretor. Ao ir ao encontro deles, o diretor me chamou e solicitou que anotasse o nome de todos, pois estavam brigando no recreio e a próxima vez que tivesse alguma reclamação deles ficariam com o recreio suspenso. Ao retornar para a sala, um dos envolvidos deu um murro em um colega na sala. Ao conversar com ele, optei por me dirigir a diretoria. A vice-diretora me orientou que o liberasse, pois: *“ele não era assim, estava alterado.”* O aluno se recusou a ir embora. Estranhei, pois ele sempre pede para ir embora devido aos inúmeros afazeres que tem em casa. Ao término da aula, ele me procurou e disse: *“pró, cadê a cola que pedi para colar as arraias?”* Assim me recordei que havia me pedido cola, pois a sua tinha terminado, e queria para colar as arraias que iria vender.

24 de setembro de 2008

Hoje, a turma esteve mais tranquila. Acredito que o fato se deu porque geralmente àqueles alunos que geralmente brigam não foram à escola, pois participam de um projeto do bairro e houve um passeio. Um fato que me chamou a atenção foi durante a aula de Educação Física. Neste momento, estava na sala de professores, onde estava também a vice-diretora e um aluno que se encontrava de castigo. A vice-diretora ao comentar a situação dele comigo, me dirigi ao aluno da seguinte forma: “ô, meu amor, porque você fez isso”? A diretora imediatamente me interrompeu da seguinte forma:

[...] não adianta tratar esse menino com carinho. Já fizemos isso e não adiantou. O pai dele já veio à escola e queria bater nele na própria escola e não deixamos. O pai dele é caminhoneiro, dá um duro danado, e a mãe também porque é diarista. Ele não quer nada. Quer ser mesmo um vagabundo!

Essa situação me deixou um tanto perplexa. Comecei a me perguntar qual o reflexo disso para o aluno? De que forma ele estaria introjetando aquilo? As questões em torno da indisciplina estão presentes o tempo inteiro na escola e a violência de todas as formas também. Mas o que leva a maioria desses alunos a serem tão agressivos? A expressão deles é carregada de tristeza, desânimo... Em qualquer momento, que você reclama imediatamente dizem: “vou deixar de vir para a escola.” Além de tudo, muitos não respeitam as professoras... Mas quando a vice-diretora entra na sala o silêncio é geral. Outra coisa que me chamou a atenção é que ao entrar na sala, um aluno disse imediatamente: “olha como a nossa sala está bonita.” A observação foi feita por ter visto na parede da sala uma árvore feita pelos alunos da manhã em comemoração a primavera. Este é outro ponto que tenho

observado na escola, ela é “morta”, sem vida. A estética da escola por dentro é muito ruim, muito pouco atrativa.

25 de setembro de 2008

Hoje, fiz um trabalho com o grupo sobre a primavera. Todos os alunos participaram... Foi bem legal, pois aqueles que nunca fazem a atividade, fizeram. Mas, como sempre, houve discussão, briga e ofensas entre eles... Um dos fatos que me chamou a atenção foi quando uma garota na sala disse: *“Pró, Lara está me chamando de preta e charuto preto. Vou dar um pau na cara dela.”* Intervi, perguntando qual a cor da colega que a havia “ofendido”. Ela simplesmente ficou calada.

26 de setembro de 2008

Hoje, cheguei atrasada na escola e os alunos me aguardavam no pátio. Dei continuidade ao trabalho sobre a primavera e depois distribuí livros para leitura. Fiz a leitura junto com alguns alunos. Logo após a aula, que dia de sexta se encerra às 15h ocorreu a AC. A vice-diretora iniciou com uma dinâmica, onde os participantes só conseguiriam chupar as balas dispostas com a ajuda do outro.

Bem, após a dinâmica abriu-se um momento para que discutíssemos o sentido da mesma. Foi trazida a ideia de colaboração e, em meio à discussão, a vice-diretora destacou que: *“o ambiente da escola está péssimo. Não existe uma troca entre vocês. Só sentam com a amiga para fazer trabalhos. Cada uma com o seu grupinho. A escola está sem vida.”* Após sua colocação uma professora tomou a palavra dizendo que: *“a partir do que ela vivenciou no dia anterior na escola, ela estava se sentindo sozinha, que ela não podia contar com ninguém.”* Após se colocar, um colega também estagiário perguntou o que tinha ocorrido no dia anterior. Ela informou

ao grupo que foi ofendida e interpelada por uma mãe na escola. Que esta mãe lhe disse coisas horríveis e que se sentiu ameaçada pela mesma.

Em meio a isso, foi trazido o quanto todos estão reféns na escola, sem segurança... A colega retomou dizendo que a partir do ocorrido só atenderia qualquer pai ou mãe acompanhada da direção e/ou alguém da secretaria. Assim foram trazidos vários problemas vivenciados pela escola: violência, indisciplina, fardamento, fundo da escola (crianças que vão para lá namorar), suspensão de alguns alunos... As professoras começaram a relatar inúmeras dificuldades de trabalho por causa da indisciplina de alunos, uma professora disse: “[...] *ontem, em frente a minha sala, na hora do recreio, havia dois meninos brigando fui separar e levei dois murros no braço. Tentei encaminhá-los à direção, um veio e o outro não quis me acompanhar e não veio, eles não nos respeitam.*” Após uma profusão de problemas a vice-diretora disse: “[...] *nós, professores, também matamos a cada dia os nossos alunos, intelectualmente.*” Não houve comentário desta sua fala.

Logo, em seguida, foi sugerido pela vice que o professor de Educação Física, também estagiário, apresentasse o seu projeto. O mesmo disse que o título do projeto é: *Vamos brincar*, falou dos objetivos, justificativa, a forma como poderia realizar dizendo que teria que contar com a participação de todas as professoras... Após a apresentação as professoras começaram a questioná-lo, trazendo inúmeros problemas para a implementação do projeto, uma disse: “[...] *nós estamos saindo do utópico e trazendo as dificuldades reais, que a prática nos ensinou...*” Outra disse: *“professor, não queremos inviabilizar o seu projeto, mas é porque são problemas reais.”* Uma professora disse: *“quem ficará com os alunos que não obedecerem às regras já que todas nós estaremos envolvidas nas atividades?”*...

Em meio à situação, a vice pediu que todas pensassem na proposta e trouxessem sugestões para viabilizar o projeto. Logo, em seguida, a vice tentou retomar a pauta para a discussão da semana da criança, mas já estava chegando o horário oficial de encerramento do AC, que é 16h45 min. Ao dar este horário, todas as professoras foram embora sem que a vice terminasse a reunião. Ficamos sós, eu e ela. Ela disse: “[...] *é difícil, minha filha. Já estou desgastada. É uma resistência, falta de disposição, falta de unidade que fica difícil trabalhar em prol da escola.*”

29 de setembro de 2008

Hoje, como é de práxis, ao chegar à escola aguardei no pátio junto com outros dois estagiários a campainha tocar para ir para sala. No momento em que toca é comum os alunos irem para as suas filas e seguirem os professores. Aguardam, em geral, a professora abrir a porta e geralmente, neste momento, brigam entre eles por conta do lugar ocupado. Ao abrir a sala, correm para escolher os “melhores” lugares. Desde quando comecei a estagiar que os alunos não iam ao laboratório. Hoje, anunciei a ida deles e foi uma alegria geral. Um aluno disse: “*Pró, fala que quem não se comportar não vai para o laboratório.*”

Após o recreio fomos para o laboratório. Tive que dividir a turma em dois grupos por causa da sua capacidade. No laboratório só tem seis computadores funcionando e tenho 28 alunos que frequentam, sendo que hoje foram 21 alunos. O grupo em espera ficou respondendo uma atividade que havia planejado e impresso em casa. Selecionei algumas atividades que constavam nos micros para que fizessem. Muitos saíram insatisfeitos, dizendo ser pouco tempo e que nem deu tempo de fazer nada. Quando estava ainda com o segundo grupo no laboratório, os alunos do primeiro grupo me chamaram para liberá-los, já que tinham concluído a

atividade. Fui à sala abrir a porta para que pegassem seus materiais. Neste momento, alguns pediram para continuar na sala para concluir a atividade. Permite e retornei ao laboratório para acompanhar os outros. Ao concluir a atividade, neste espaço, retornei à sala e alguns alunos estavam varrendo-a junto com a funcionária da escola. A funcionária me informou que a vice-diretora tinha colocado eles para ajudarem porque estavam bagunçando.

30 de setembro de 2008

Hoje, ao chegar à escola, como sempre, havia algumas crianças na frente da escola aguardando o portão abrir. Fiquei aguardando no pátio. Quando o portão abriu foi aquela correria para pegar o primeiro lugar da fila de suas salas. Fiquei no pátio até chegar o horário de ir para sala. Os alunos geralmente deixam os seus materiais no chão e brincam entre si, correm... Fomos para a sala e iniciei a atividade dividindo a turma em dois grupos com atividades diferenciadas. Ao longo da aula, interrompi, várias vezes, para chamar a atenção quanto ao barulho, briga, corre-corre na sala. Quando não aguentei mais, parei e fiquei apenas observando a sala, mas mesmo assim, continuavam a bagunça, gritaria e confusão entre eles.

Houve uma palestra na escola promovida pelo jornal *A Tarde* sobre o futuro da água. Após a palestra foi entregue um material onde os alunos, a depender da faixa etária, desenhassem/fizessem uma redação sobre o tema. A melhor redação e o melhor desenho ganharia um computador. A concorrência se daria entre alunos da rede pública e particular. Quando o pai da aluna saiu, um aluno disse: *“ela pensa que tenho medo do pai dela. Esse cata latinha. Fica catando latinha lá na rua.”*

De repente, saí da sala e fui à direção conversar sobre a turma e pedi que o diretor fosse conversar um pouco com eles lá na sala.

O diretor pediu que retornasse a sala e que logo iria até a sala conversar. Retornei e avisei aos alunos que o diretor passaria lá para conversar com eles. Logo, o diretor chegou e o silêncio foi geral. O diretor disse: *“boa tarde, pró, será que posso assistir um pouco a sua aula.”* Sentou-se e ficou alguns instantes sem nada dizer e todos permaneciam nos seus lugares muito calados. Logo ele retornou a falar: *“pró, e aí como está à sala?”* Dirigi-me a ele, deixando claro à turma o motivo que me fez convidá-lo a ir à sala. O diretor pediu que listasse o nome dos alunos mais indisciplinados e os encaminhasse à sala dos professores durante o recreio para que ele tivesse um bate-papo com cada um. Retirou-se da sala, dizendo *“eu começo logo, tirando o recreio.”*

Quando chegou a hora do recreio acompanhei os alunos (dois meninos, um de 8 anos e outro de 13) a sala dos professores, onde o diretor estava. Ao chegar lá, ele disse: *“[...] pró, olha que coincidência, essa senhorita é do conselho tutelar, é bom que ela aproveita e participa da conversa.* Ao terminar o recreio, já na sala de aula, um dos alunos que tinha conversado com o diretor disse: *“[...] pró, o diretor falou que se nós fôssemos levados a ele novamente seríamos encaminhados para o Conselho Tutelar.”* A turma, nesse segundo momento, estava mais tranquila, mas um outro aluno que também foi encaminhado ao diretor, continuava a “bagunçar”, abusando um e outro colega e aí começava a briga.

Retomei a aula e, de repente, ouço duas alunas discutirem dizendo assim: *“Você é uma racista! Racista mesmo!”* Dirigi-me a essas e perguntei o que estava acontecendo. A que se sentira ofendida disse: *“pró, ela está me chamando de charuto preto. Isso é racismo. Por isso a chamei de racista.”* Um outro colega da sala se meteu e disse: *“isso é racismo mesmo, pró. Eu sou preto com muito orgulho”!* O aluno que interpelou dessa forma foi o mesmo da história “Quem me dera”.

Devido ao comportamento da sala começamos a conversar sobre o motivo que vão para a escola e a maioria começou a falar que ia para aprender: “*eu venho para escola senão ia ficar na rua*”, “*eu prefiro vir para escola porque em casa fico trancada*”... Mas dois alunos disseram que preferem ficar na rua porque brincam de videogame, empinam arraia, se divertem mais do que na escola. Como a sala estava extremamente bagunçada e suja, vários papéis picotados pelo chão, solicitei, após a atividade, que arrumassem à sala. Geralmente a sala fica arrumada em círculo ou mini-grupo. Os alunos que arrumavam a sala disseram que iriam colocar as cadeiras em fila. A maioria ressaltou que a sala ficava mais arrumada em filas e que gostavam mais.

Fui para casa acompanhada de dois colegas que também são “estagiários” na mesma escola e as queixas eram as mesmas em torno da indisciplina e a aprendizagem dos alunos. Quanto à indisciplina um dos colegas disse:

sempre tem alguma peça estragada, mas a gente nem pode dar uma punição para que os demais não façam. Hoje, peguei uma aluna que estava perturbando e levei para a secretaria. De repente, a secretária trouxe a aluna de volta para a sala. Fiquei arrasada, pois isso tira a nossa autoridade. Aí os demais alunos que poderiam ficar com medo, não ficam e pensam, vou bagunçar porque não dá em nada.

O outro colega tomou a palavra e disse: “*a mesma coisa é o recreio. A vice-diretora fala para tirarmos o recreio. Eu não tiro porque quem acaba sendo punido também é o professor. Quando tiro o recreio de um aluno sou obrigado a ficar na sala com ele, pois não sou maluco de deixá-lo na sala sozinho.*”

Em meio à conversa, a outra colega relatou que, certa vez, foi pedido a ela pela secretária que sinalizasse na caderneta os alunos evadidos. O critério utilizado foram alunos que têm mais de

três meses sem frequentar a escola. Ela disse que ficou surpresa porque não teria como fazer isso já que tinha apenas duas semanas na escola. Ao ver o material com ela, a vice-diretora disse que esse era trabalho da secretária que havia lhe entregue o material. Disse ela:

voltei à secretaria com Ivonete (vice-diretora) para entregar de volta o material e a secretária disse que não iria fazer. Se dirigiu a mim, em frente da vice, dizendo que quem iria fazer era ela. Tanto Rilza quanto eu ficamos sem graça. E quem teve que fazer o trabalho fui eu mesma.

Após esse relato, foi questionada pela colega a autoridade da vice-direção em relação à secretária, que deveria cumprir ordens da vice-direção.

1 de outubro de 2008

Hoje, no primeiro horário, houve aula de Educação Física. Durante a aula, fiquei no pátio da escola e logo, dois alunos vieram dizendo que não queriam participar da aula porque estava chata. Ficamos conversando e, em meio à conversa, eles começaram a falar de filmes. Um deles disse: *“eu só gosto de filme de luta. Não gosto de desenho porque não tem nada, é só para achar engraçado. Não tem briga. Lá em casa tem um monte de filme de luta.”*

Nesse meio tempo, fui conversar com a vice-diretora, pois tinha interesse em conhecer o regimento da escola. Ela disse:

o regimento da escola está muito desatualizado. Essa é uma das minhas brigas aqui. Desde quando estou na escola que não se toca no regimento. Lá orienta as regras da escola em torno dos direitos e deveres de todos. Quando uma professora falta as demais logo chamam a atenção. Com o regimento em mãos teria respaldo para

dizer que ela não tem nada a ver com a outra colega e sim com as suas obrigações. O regimento é velho para ter acesso, fale com o diretor para ver se ele libera. Mas quanto às faltas de professoras você já deve ter observado que o diretor não liga muito para isso.

A caminho da sala, os alunos aguardavam na porta muito agitados, pois dois deles estavam brigando. Conversamos novamente na sala sobre o ocorrido. Iniciamos a aula de hoje com o livro do Projeto Aymará,³ pois combinamos, eu e os alunos, que toda quarta, as aulas seriam com base nesse material, continuamos com o livro de *Quem é a vez*. Os alunos que já sabem ler, dividi em duplas para que lessem a história três do livro e após a leitura fizessem a atividade sobre a classificação de sílabas, assunto que estava sendo trabalhado. Solicitei que listassem palavras com base em sua classificação. Quanto aos que não sabem ler, montei um grupo e fui ler com eles à mesma história, sinalizando com o dedo cada palavra lida. À medida que lia, solicitava que localizassem determinadas palavras. Percebi que utilizavam diferentes estratégias para o encontro da palavra (som da primeira letra, sílaba, se a palavra falada era a última... À medida que encontravam as palavras, pedia que me explicassem como encontraram. Era comum àquele que encontrava primeiro partir para ajudar o colega. A maioria das palavras, eles conseguiam localizar e faziam uma “festa” quando encontravam. Sempre que aparecia uma palavra que já havia solicitado que circulassem pedia novamente, imediatamente conseguiam localizar e diziam: “*agora está fácil, pró.*” Percebi que antes mesmo de pedir já circulavam determinadas palavras que já haviam sido solicitadas. Ao terminar a história

³ O Projeto Aymará foi adotado pela rede municipal de Salvador no ano de 2008, através deste foi implementado o Programa Cidade Educadora, um conjunto de ações, produtos e serviços articulados e integrados que aborda conteúdos curriculares por meio da literatura. Deste modo foram distribuídos livros didáticos para todos os segmentos de ensino da rede municipal de Salvador.

chegou a hora de ir embora. Solicitei que as pessoas que dividi em grupos fizessem as atividades do livro referente à história lida e àqueles que estavam no meu grupo solicitei que registrassem no caderno todas as palavras circuladas ao longo da história.

Ainda na sala, dois alunos vieram falar comigo. Perguntei se tinham gostado da aula e se achavam que estavam aprendendo mais. Disseram que sim. Mas um aluno depois disse: “Ah! Pró, acho que não sei nada porque não sei ler.” A partir da sua colocação, sugeri que após o término da aula ficaríamos nós três para que eles tivessem mais tempo na escola para aprender a ler. Neste momento, um outro aluno chegou e disse: “nós quatro, pró. Também quero ficar.” Assim combinamos que após as aulas ficaríamos mais um pouco.

Ao terminar a aula fui para o laboratório com um colega. Ficamos lá até um pouco mais tarde e a vice-diretora ao ir embora foi falar conosco, ressaltando que no dia seguinte possivelmente não iria e talvez teria que tirar outra licença, pois suas dores tinham voltado. Disse:

o clima da escola está me deixando mais doente. Estava bem melhor quando estava de licença, mas agora com os problemas do dia a dia estou piorando. O clima está muito pesado. Eu já venho desanimada. Estou muito cansada. O problema de tirar licença é que depois é compensado quando for me aposentar.

Despediu-se, dizendo que ainda tinha que voltar mais tarde para dar aula.

2 de outubro de 2008

Hoje, não houve aula porque a escola estava sendo arrumada para ser entregue ao Tribunal Regional Eleitoral (TRE), no dia seguinte. Assim o dia foi destinado ao planejamento mensal entre

as professoras. Como a maioria trabalha nos dois turnos teria que ficar o dia todo na escola. Cheguei por volta das 13h e as professoras estavam reunidas no pátio, pois fizeram um almoço coletivo com apoio das merendeiras. Após algum tempo, se dirigiram para as suas salas para planejarem. Uma colega que é estagiária e está apenas há um mês na escola perguntou como funcionava o planejamento, uma professora respondeu: *“o planejamento é realizado por segmento. Você tem que fazer com o colega que ensine na mesma série que você ou faz parte do mesmo ciclo.”* A colega estagiária informou que o seu colega não viria e que já tinha justificado a sua falta junto à vice-diretora. Estava na mesma situação que ela, pois a professora que deveria fazer junto comigo também não foi. As outras professoras se disponibilizaram a ajudar no que fosse preciso.

Optamos por fazer o planejamento juntas, eu e a outra estagiária, atendendo as especificidades das nossas turmas. Na próxima semana, será comemorada na escola a semana da criança. Assim foi solicitada na última AC que todas fizessem uma programação em homenagem ao dia da criança. Combinamos que em tal semana trabalharíamos com alguns jogos (bingo, jogos de botão, pega varetas...), exibição de filme, festa em homenagem ao dia da criança. Tal programação, em sua maioria, foi comum ao grupo pois as propostas foram socializadas.

Em meio ao planejamento, a colega confessou que: *“é ruim pegar o barco andando, pois ficamos voando em muitas coisas.”* Queixou-se também da falta de contato com a professora que está substituindo, pois não teve acesso ao que já havia sido trabalhado na sala. Mas também demonstrou a sua alegria ao fazer uma atividade de leitura, solicitando que cada um lesse uma passagem de determinado texto. Segundo ela, para a sua surpresa somente uma aluna não sabia ler. Os demais conseguiram ler, alguns com dificuldades, mas conseguiram e a turma ajudava. Disse: *“um aluno*

foi até aplaudido pelos colegas, pois geralmente não participava das aulas.” A aluna que não sabe ler, segundo ela, tem dificuldade até para identificar as letras e está no 4º ano.

Solicitamos da secretaria a chave do depósito para ver se tinha algum material que pudesse ser utilizado por nós. Ao chegarmos ao depósito ficamos surpresa com tanto material (caixas de cadernos, livros, jogos de vários tipos, mochilas, tênis, brinquedos, alfabeto móvel...). Às vezes, alguns alunos pedem caderno e é informado pela secretaria que não tem. Fomos à outra sala onde as professoras do 1º e 2º ano estavam planejando para socializar o que estávamos pensando e ver a programação delas também. Mostraram-nos e nos deram sugestões. Logo, em seguida, nos informaram que na semana após a da semana da criança, iriam iniciar o projeto “*Respeite os meus cabelos*”, o qual fizeram o ano passado após o curso de formação para implementação da Lei nº 10.639/03. Segundo elas, no ano passado, este ficou restrito à semana da Consciência Negra e, neste ano, optaram por antecipar para não ficar restrito ao mês de novembro.

O diretor ficou na escola por algum tempo observando a arrumação da mesma para ser entregue ao (TRE), mas depois foi embora. Após algum tempo, ligou para que fosse dado um recado a alguma professora. Foi informado pela auxiliar da secretaria que tal professora já tinha ido embora. Perguntou o nome das professoras que ainda estavam na escola, mas ela informou que a maioria já tinha ido embora. Nesse momento, eu estava na secretaria obtendo dados sobre a escola. Antes de o diretor ir embora solicitei o regimento e ele me informou que daria na próxima terça-feira, que é quando as aulas iriam retornar. Ao concluir o planejamento, eu e a outra estagiária fomos embora.

3 de outubro de 2008

Não houve aula, pois a escola foi cedida para o Tribunal Regional Eleitoral (TRE) por causa das eleições.

6 de outubro de 2008

Não houve aula. Limpeza da escola por causa das eleições (TRE).

7 de outubro de 2008

Quando cheguei à escola já havia alguns alunos no portão aguardando o mesmo ser aberto. Dirigi-me a sala de professores. Lá tinham três professoras, uma dormindo e as outras conversando sobre diversos assuntos. Geralmente, tais professoras almoçam na própria escola já que trabalham pela manhã também.

Em meio aos assuntos, falaram da importância dos cursos técnicos devido à demanda das empresas. Uma professora colocou que pediria afastamento sem provento para fazer um curso técnico, caso não desse certo retornaria. Outra professora disse:

nós ficamos nos prendendo aqui por causa da estabilidade e deixamos de vislumbrar outras oportunidades, onde poderíamos ganhar bem mais. É bom por causa da estabilidade, mas não temos direito a nada. Acho um absurdo não termos Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS). Na empresa privada não temos segurança no trabalho, mas pelo menos quando saímos temos alguma coisa. O bom mesmo é economia mista.

As demais concordaram e começaram a lamentar de não terem plano de saúde e outros benefícios. Colocaram que o recebimento

de auxílio-transporte é horrível, pois na época do vale-transporte era bem melhor. Destacaram que o auxílio deveria ser compatível ao valor real.

Durante a conversa perguntei a opinião delas sobre o piso salarial para os professores. Disseram em coro que era péssimo, que só veio para atrapalhar a vida delas por já receberem mais do que o piso sugerido. Neste caso, iria ocorrer um congelamento do salário delas por já estarem acima do piso. Quanto à divisão das 40h em sala de aula e a outra metade para o planejamento, disseram que ainda não foi aprovado e seria bom porque aí precisaria de mais contratações.

Quando estava próximo das 13h, dirigi-me ao pátio, pois os alunos já estavam entrando. Um dos meus alunos quando me viu disse: *“pró, Leo Kret ganhou as eleições, a senhora viu?”* *Ele não vai fazer nada. Só ganhou porque os gays votaram nele.* Ao chegar à sala os alunos começaram a falar sobre as eleições: *“pró, eu fui votar com o meu pai. Eu que votei”, “pró, como é que João vai para o segundo turno se ele não fez nada. Agora, minha mãe vai votar em Pinheiro”, “pró, a senhora votou em quem?”, “no dia da eleição a rua fica mais suja ainda...”* A eleição de Leo Kret foi muito falada entre eles. Discuti com eles o significado das eleições, que os candidatos deveriam ser eleitos mediante as propostas apresentadas, a credibilidade do povo em que seriam eleitos para promover mudanças que vão ao encontro de melhoria para a nossa cidade.

Durante esta semana, na escola, haverá atividades em homenagem ao Dia da Criança. Hoje, na aula, foram trabalhados alguns jogos em sala e foram feitas algumas brincadeiras tradicionais como pula corda na área destinada à recreação. Primeiro, brincamos com bingo, antes do início do jogo estabelecemos algumas regras e foi informado que não haveria premiação. A turma concordou em participar do jogo. A sala foi dividida em pequenos grupos, onde tentei colocar aqueles alunos que ainda têm dificuldade em

identificar os números com outros que já sabem, para que houvesse ajuda entre eles. A brincadeira começou e a concentração e vibração cada vez que um número que constava na cartela era sorteado era geral.

Quando são liberados para o recreio saem todos correndo para pegar os primeiros lugares na fila da merenda. Após merendarem se dispersam pela área destinada ao recreio. Existem grupos que se organizam de diversas formas a depender da brincadeira. É comum brincadeiras de pega-pega, outros se dirigem para a quadra, alguns ficam sentados em torno das mesas que ficam no pátio. Como todas as salas estavam fazendo atividades recreativas, quando fomos para o recreio uma professora estava com os seus alunos brincando de pula-corda. Logo, a maioria dos alunos que estava no recreio quis participar o que foi permitido pela professora desde que respeitassem a fila.

Ao término do recreio, meus alunos pediram para continuar a brincadeira. Neste caso, inverti as atividades e continuamos no pátio. Ainda quando estava no pátio com as crianças encontrei o diretor que disse: *“Pró, a senhora me pediu alguma coisa, o regimento. Não dou agora porque estou abafado, resolvendo e correndo atrás de algumas coisas. Nossos patrões nos chamam.”* Assim saiu muito rápido da escola.

Organizei com os alunos um jogo de palavras, com graus de dificuldades diferentes para atender aos diferentes níveis. A sala foi dividida em grupos e era dado um determinado tema e algumas dicas para que descobrissem as palavras. Para adivinhar, informavam uma determinada letra e eram dadas algumas pistas para que descobrissem. A palavra era, paulatinamente, escrita no quadro. À medida que acertavam, comemoravam bastante, em especial aqueles que não sabem ler, mas que por diferentes estratégias conseguiam descobrir.

8 de outubro de 2008

Como nos outros dias, ao abrir o portão os alunos correram para guardar com os seus materiais o seu lugar na fila. Ao dar o horário dirigi-me para a sala com os alunos e conforme combinado assistimos ao filme *Kiriku*.⁴ O porteiro me ajudou a levar os aparelhos para a sala (televisão e DVD). A primeira aula deles seria de Educação Física, mas o professor me pediu para trocar de horário com uma outra professora, por solicitação da vice-diretora, porque esta não havia chegado. Concordei. Assim meus alunos ficaram com a segunda aula de Educação Física.

Iniciei o filme. Assistiram concentrados e sem barulho. Quando alguém conversava logo protestavam porque queriam ouvir. Mas um aluno se recusou a assistir dizendo que ficaria de costas, pois não gostava de desenhos. Disse que só gostava de assistir filmes de luta... Mas, de vez em quando, dava uma olhadinha! Distribui pipocas enquanto assistiam. Quando estava próximo do término do filme o professor de Educação Física chegou, mas conversou com a turma dizendo que aguardaria o término do filme e informou que a aula de Educação Física hoje não seria na quadra, mas na sala porque não seria nenhum exercício corporal e sim de raciocínio lógico podendo ser feito na sala. Os alunos não gostaram muito da ideia, mas acabaram se conformando. Dei continuidade ao filme e ao terminar sentamos em círculo e conversamos sobre o filme. Perguntei do que se tratava, o que acharam do filme, a cena que mais gostaram... De alguma forma,

⁴ *Kiriku e a feiticeira* é um filme que conta a história de uma comunidade que vivia subjugada pelo poder de uma feiticeira. É uma história que celebra a coragem de um garoto que era diferente dos outros companheiros de sua aldeia. Era perspicaz e astucioso, muito amigo de sua mãe. A feiticeira foi vencida pela coragem e pela astúcia de uma comunidade. O menino Kiriku enfrenta a feiticeira Karabá junto com seus guardiões e nesta luta ele aprende que só o amor, a verdade e a generosidade, aliados à inteligência, são capazes de vencer a dor e as diferenças.

todos participaram. O professor de Educação Física também colaborou no diálogo sobre o filme.

Logo, em seguida, o professor iniciou a atividade na sala da qual também participei. A atividade exigia observação e concentração para que entendessem as regras do jogo. Como não acertavam, ficavam ansiosos para que o professor desvendasse o “segredo”. Após algum tempo, alguns compreenderam a charada e participavam mais eufóricos. O professor de Educação Física encerrou explicando o mistério da brincadeira.

Durante o recreio, fiquei no pátio e alguns alunos se aproximaram para conversar. Como hoje a merenda foi um “almoço”, passaram a maior parte do tempo merendando e ao terminar o recreio muitos ainda não haviam terminado. Esta situação fez com que muitos se queixassem por não terem “nem brincado”. Antes de acabar o recreio, alguns alunos vieram me falar que um colega havia cuspidido no prato do outro. Conforme explicação deles, o colega que cuspiu fez isso porque o outro havia reclamado com ele por estar jogando a comida fora. Quando estavam me contando, outros vieram dizendo: *“Pró, a vice-diretora colocou Danilo para lavar os pratos da escola porque ele cuspiu...”* Todos comemoraram o que foi feito com o colega. Falaram: *“É bom que ele aprende.”*

Ao retornarmos à sala, retomei a discussão sobre o filme e distribuí folhas de ofício com margens coloridas para que no espaço registrassem por meio de desenhos e escrita sua opinião sobre o filme e destacasse a cena que mais gostou. Quando estava explicando a atividade, um aluno me informou que a vice-diretora estava chamando Luana (aluna), a qual chegou à sala chorando muito. Ela teria cuspidido no bebedouro. Após algum tempo, a vice-diretora chegou à sala gritando por Ludimila para lavar os bebedouros e falando para todos que ocorreria o mesmo com quem repetisse o que ela fez, disse para os alunos: *“você têm que entender que a escola é nossa.”* A aluna seguiu com a vice-diretora

e iniciamos uma conversa sobre a preservação da escola, a necessidade de manterem a escola limpa, sobre a punição sofrida pelos colegas... Após a conversa, iniciaram a atividade solicitada. Ao terminarem, pedi que cada um apresentasse o seu trabalho para o grupo. Ficavam muito felizes quando eu e os demais colegas conseguíamos descobrir a cena que estavam representando por desenhos. Após as apresentações, iniciamos uma brincadeira, o que alegrou a turma.

10 de outubro de 2008

Hoje, organizei uma festa em homenagem ao dia da criança. Estava no pátio quando as crianças chegaram e como sempre entraram correndo para marcar o seu lugar na fila. Ao dar 13h, me dirigi à sala com os alunos, os quais me ajudaram a arrumar a sala de forma que ficasse espaço livre para brincarem e dançarem. Conversamos sobre as atividades realizadas durante a semana em homenagem ao dia da criança. Colocaram-se dizendo que gostaram muito e um aluno disse: *“nem precisou a minha mãe me obrigar a vir para a escola.”*

Os lanches para a festa foram levados por mim. Dei de lembrança do dia da criança um *kit* com alguns materiais escolares a cada um. Fizeram a maior festa ao receberem. Na sala, organizaram algumas brincadeiras, houve alunos que levaram alguns brinquedos e outros que levaram CDs para dançarem. Ao terminar fui para a sala dos professores para a AC. Hoje, todas as professoras estiveram presentes. Ao iniciar a AC, a vice-diretora destacou que a mesma deveria ser para estudo e não para planejamento. Falou da pauta, onde destacou a Lei nº 471/2008, que trata do incentivo ao livro e à cultura da leitura. Pediu que alguém lesse a lei. A lei foi lida por uma estagiária. Isso foi feito para justificar a semana da leitura na escola a ser realizada do dia 28 a 31/10. Disse a

vice-diretora: “hoje, antes de saírem, irão me dar o planejamento da semana da leitura, pois mesmo sabendo que todas trabalharam o dia da criança, só recebi a programação de três grupos.”

Após a fala da vice-diretora uma professora manifestou que:

é semana de tanta coisa que a gente tem que dar conta. Geralmente, estamos trabalhando determinados assuntos ou desenvolvendo um projeto na turma e temos que suspender para dar conta de tanta coisa. E, muitas vezes, são atividades que estamos vendo resultados e simplesmente paramos. Na verdade, passamos a ser meras cumpridoras de tarefas e a aprendizagem dos alunos que é o que deveria mais interessar é deixada de lado. A mesma coisa é referente à Lei nº 10.639/03, na CR só se acredita que estamos trabalhando com a África se chegamos lá nas reuniões e apresentamos alguma coisa. Não acreditam que trabalhamos determinadas questões todos os dias intervindo aqui e ali.

Outra professora toma a palavra e ratifica o que a colega disse:

Rilza, eu entendo a angústia de Shirlene porque também é a minha. Na verdade, estamos partindo de um extremo a outro. É muita cobrança. Na semana da criança só trabalhei os últimos dois dias porque as crianças viram o clima da escola. Mas tinha que dar conta de tanta coisa. As notas dos meninos sendo cobradas...

Logo, em seguida, uma outra professora disse:

e para nós do 2º ano ainda tem um agravante por causa do baixo rendimento dos meninos no provinha Brasil. Nós estamos fazendo o curso e temos que dar conta também do que é determinado lá. Ainda tem o Projeto Aymarà que caiu de paraquedas. Também me sinto uma cumpridora de tarefas. Não tem como dar conta do conteúdo programático. Só se fala em habilidades e o resultado

está aí: muitos alunos no 3º ano sem saber ler e escrever. É com isso que a CR deveria estar preocupada.

A vice-diretora retomou a palavra, dizendo que compreende a angústia das professoras até porque ela também é professora, mas que ela enquanto vice-diretora também é cobrada. Disse que sempre quando tem reunião com a CR leva os problemas postos pelas professoras em relação ao excesso de tarefas. Após tais colocações, a vice-diretora comentou que haveria na escola o “dia da leitura da família na escola”, mas ainda marcaria. Quando uma professora falou da dificuldade em se trabalhar o mapa da África em “detrimento” do Brasil e da dificuldade em fazerem determinados *links*, a vice-diretora respondeu que, na verdade, o professor era muito mal formado e incluiu-se também...

A vice-diretora pediu que organizássemos a semana da leitura por segmento e entregasse a ela antes de irmos embora. A professora do mesmo segmento que eu, teve que ir embora e acabei elaborando uma proposta sozinha. Durante este momento, conversei com a vice-diretora acerca do processo de avaliação dos meus alunos no que diz respeito à retenção ou não, já que não há nota e que são avaliados por conceitos e algumas habilidades. Falei da situação de alguns alunos que mesmo observando alguns avanços não têm condições de ir para a “série” seguinte. A diretora disse: *“se tiver que reter, retenha, se a Secretaria de Educação quiser aprovar a gente não pode fazer nada, mas estará posto o seu registro e os motivos que levaram a tomar esta decisão.”* Depois de algum tempo, entregamos a programação da semana da leitura e fomos embora.

13 de outubro de 2008

Hoje, havia programado a ida ao laboratório de informática, no primeiro horário, aula de Português e Matemática. Fomos para o laboratório e auxiliiei os alunos a acessarem um jogo educativo que trata de substantivos e utilização de letras maiúsculas e minúsculas. Separei o grupo em trios e duplas, colocando juntos aqueles de níveis próximos, devido ao grau de dificuldade das atividades. Para cada grupo escolhi atividades com graus de dificuldades diferentes, mas do mesmo assunto que já havia sido trabalhado na sala.

A atividade foi interrompida algumas vezes, porque alguns colegas alegavam que o outro não o deixava “brincar” também. Foi possível notar, os alunos que já dominavam o assunto, as dificuldades encontradas e as estratégias que utilizavam para resolver algumas questões, a motivação em estarem diante e em contato com o computador. Alguns disseram: *“as nossas aulas deveriam ser todas aqui.”* Quando estava próximo para terminar o tempo permiti que jogassem livremente no computador e logo em seguida começamos a desligar as máquinas porque haveria outra aula.

Retornamos à sala e fiz uma revisão dos assuntos trabalhados no laboratório: substantivos próprios e comuns, utilização de letras maiúsculas. Havia levado atividades diferenciadas para “rodar” na escola, o que não foi possível porque o mimeógrafo não estava bom. Assim tive que copiar a atividade no quadro, o que demandou muito tempo, até porque tive que copiar primeiro a de um grupo e depois a do outro. Além disso, quando estava passando a atividade no quadro um aluno foi desligar o ventilador correndo, tropeçou bateu com a cabeça na parede e começou a escorrer sangue do seu nariz e na mesma hora ficou um galo na testa dele com sangue também. Saí da sala com ele que estava meio tonto e o levei à secretaria para ver o que seria

feito. Ao chegar à secretaria, a secretária perguntou se na casa dele tinha telefone e ele disse que não. Respondeu que a mãe dele tem celular, mas não sabia o número. Ela orientou que eu colocasse gelo.

Fiz isso e o levei para sala. Lá ele chorava de dor. Fui novamente à secretaria e falei que ele tinha que ir para o posto. A secretária falou que não tinha ninguém para levá-lo. Identificou um primo dele em outra sala e pediu que o levasse para casa. O primo dele assim o fez e ao retornar me procurou e disse que a mãe dele o levou para o posto. No momento em que resolvia esta situação, alguns alunos me procuraram dizendo que os demais estavam bagunçando na sala. Retornei a sala e continuei passando a atividade e tirando dúvidas daqueles que já estavam respondendo. Devido aos contratempos não deu tempo para todos terminarem e não dei a aula de matemática programada.

14 de outubro de 2008

Hoje, ao chegar, fiquei no pátio aguardando dar o horário com uma professora e dois estagiários. A professora comentou que no dia 16 não haveria paralisação dos professores porque eles teriam que confirmar participação na passeata e panfletagem. Disse ela: *“já que não posso optar por ficar em casa prefiro vir para escola mesmo.”*

Após a entrada dos alunos foi anunciado pela secretária que duas turmas não teriam aulas, o que é comum na escola. Geralmente há turmas sem aulas. Dirigi-me a sala com os meus alunos e três alunas de uma das turmas onde não houve aula, pois me pediram para ficar na minha sala, o que permiti. A secretária veio me informar que o pai do aluno que se acidentou no dia anterior na sala de aula foi à escola dizer que não gostou da atitude da escola em mandar o seu filho acidentado para casa acompanhado

de outra criança. Disse que o seu filho chegou a vomitar a caminho do posto de saúde. A secretária disse que explicou a ele que fez o que foi possível.

Estava na sala dando aula quando chegaram alunos de outra sala me convidando para ir à sala deles para que visse a homenagem que fizeram para o professor deles e gostariam que todos os professores participassem. Solicitei que dois alunos tomassem conta da sala e me dirigi a sala do colega. Ao chegar lá, estavam todas as professoras e a vice-diretora também. Alguns alunos se pronunciaram agradecendo a nossa existência por ensinar a eles ler e escrever. Não demoramos porque nossos alunos ficaram sozinhos na sala. Ao retornar àqueles que pedi que tomassem conta me falaram que todo mundo se comportou.

Dei continuidade à aula. Comecei a corrigir no quadro as atividades que passei no dia anterior. Geralmente, faço três tipos de atividades a fim de atender aos diferentes níveis de aprendizagem, o que demanda muito tempo. Faço a correção no quadro solicitando que cada aluno vá responder determinada questão. É interessante porque geralmente àqueles que estão num nível mais avançado sempre ajudam o outro. Às vezes, vão responder em dupla por iniciativa própria. Ao terminar a correção deu o horário de irem para o recreio. No recreio fiquei no pátio. Túlio veio se queixar que sua comida foi derrubada por Jairo. Perguntei se foi de propósito disseram que não. Falei para Túlio ir explicar o que aconteceu a merendeira e pegar novamente. A merendeira deu novamente a ele.

A maioria das crianças brincava de pega-pega, outras estavam em pequenos grupos conversando e uns passam o tempo todo do recreio merendando e depois sempre falam: *“pró, nem deu tempo de brincar. Eu estava merendando.”* Retornamos para a sala. Havia pedido a eles que estudassem um determinado texto do livro de Português utilizado pela escola. Chamei um por

um para ler um trecho do texto. Ao terminar, pedi que sentassem em duplas e respondessem as questões de interpretação do texto. Quanto aos que não sabem ler, formei um grupo e li com eles e logo, em seguida, fiz um ditado de palavras que eles já têm mais familiaridade. Solicitei que um ajudasse o outro na tentativa de escrever as palavras. Nesse momento, os que estavam sentados em duplas falaram que também queriam participar do ditado. Laura disse: “*pró, deixa a gente ajudar eles?*” Igor também gostou da ideia e disse: “*é, pró, fica mais animado e todo mundo aprende.*” Foi um atrás do outro falando praticamente a mesma coisa.

A partir da manifestação da turma, pedi que continuassem a atividade de interpretação do texto em casa que no dia seguinte olharia e permiti que todos participassem do ditado. Percebi a movimentação de um tentando ajudar o outro. Durante esse momento, Carlos e Elieser brigaram. Igor e Ueder separaram. Após o ditado, fiz a correção solicitando que cada um escrevesse no quadro uma palavra. Quando a palavra era escrita errada, quem sabia falava: “*deixa eu ir, pró*” ou então ia ajudar o colega a escrever corretamente. Encerrou-se o horário de aula e liberei a turma, Marina pediu para apagar o quadro.

15 de outubro de 2008

Não houve aula devido ao feriado do Dia do Professor.

16 de outubro de 2008

Hoje, cheguei um pouco atrasada na escola porque estava em orientação da monografia. Ao chegar, os alunos já se encontravam no pátio com seu material no chão. Alguns estavam sentados nas mesas que ficam no pátio e outros na quadra. Igor, Túlio

e Flávio assim que entrei na escola correram para me abraçar. E alguns falaram: *“pró, ainda bem que a senhora chegou.”* Peguei a chave na secretaria e nos dirigimos à sala. Como sempre, eu caminhando à frente e eles atrás, na fila. Quando chegamos à porta da sala Lucas, que não estava na fila, quis ficar na frente e os demais gritavam: *“pró, ele não estava na fila.”* Lucas se dirigiu a Igor dizendo: *“você está tirando muita onda pivete, já está na minha lista.”* Solicitei que Lucas deixasse os colegas que estavam na fila passar e depois ele entrava. Os demais reorganizaram a fila e entraram.

Havia solicitado que fizessem em casa um exercício de Matemática. Poucos fizeram e quem não fez deu alguma justificativa. Iniciei a correção no quadro pedindo que cada um fosse responder no quadro. Ao mesmo tempo em que fazia a correção ocorriam brigas na sala e geralmente era interrompida. Ueder disse: *“pró, Lucas está falando que vai me pegar lá fora”*, Igor disse: *“pró, ele também disse que vai me pegar. Ele pensa que eu sou besta só porque ele já é grande. Eu não tenho medo de você.”* Lucas falou: *“vou pegar mesmo com a barreira. Vou derrubar você.”* Conversei com Lucas. Flávio falou: *“até Carlos está quieto hoje.”* Ao dizer isto Carlos falou: *“comece a me abusar.”*

Continuei a aula e à medida que corrigia alguns alunos ficavam pedindo a todo tempo para ir ao quadro, mas geralmente alternava a ida deles, priorizando os que não tinham ido. Os alunos que ainda não leem também participaram das correções. O assunto dado foi adição. As atividades foram as que constavam no livro e alguns problemas que passei no quadro.

Durante a aula, fui interrompida por uma senhora que na aula anterior tinha ido à sala e distribuiu um papelzinho para que os alunos preenchessem os quadrados, que totalizavam R\$ 7,00 e trocassem por dois brinquedos. Na sala Jairo e Ueder preencheram todo o papel e Mara a metade, que daria direito a um brinquedo. A senhora solicitou que pedisse a estes alunos para irem

pagar e escolher os seus brinquedos. Ao retornarem para a sala os demais se voltaram para esses colegas por conta dos brinquedos. Pedi que guardassem e na hora do recreio brincassem. Assim fizeram.

Após a correção, passei mais algumas operações no quadro e pedi que à medida que terminassem me mostrassem. Somente Elieser, Carlos e Lucas não fizeram à atividade proposta. Os demais quando terminavam me mostravam e eu corrigia na mesma hora, individualmente, fazendo que descobrissem o erro quando isto ocorria. Liberei a turma para o recreio. Durante o recreio sai da escola porque não deu tempo para eu almoçar. Então, nesse intervalo, fui a uma lanchonete próxima da escola.

Retornei poucos minutos antes de terminar o recreio. Ao voltarmos para a sala, fiz a chamada e pedi que me ajudassem a arrumar melhor a sala para a realização de outra atividade. Ao sentarem, pedi que escrevessem um texto que respondessem à pergunta: “Quem sou eu?” Escrevi no quadro algumas dicas do que deveria constar no texto dentre elas, idade, cor, nome, o que mais gosta de fazer...

Disse que não precisava seguir a ordem que estava no quadro e que seria legal que trouxessem outras informações. Além de escrever o texto pedi que se desenhassem. Para os que não sabem escrever pedi que pensassem no que gostariam de escrever e escrevessem do seu jeito e me procurassem para que eu ajudasse. Geralmente, incentivo à escrita de todos para observar o estágio em que se encontram e a partir daí passar atividades específicas para que avancem na leitura e escrita. Distribui folhas de ofício e deixei o material de pintura para que usassem caso quisessem.

À medida que terminavam iam me entregando. Pedia para que lessem o texto para mim e quando necessário incentivava para que escrevessem mais um pouco. A alguns questionava sobre quem era a família deles, com quem moravam. Quando um dos

que não sabe ler e escrever me procurava pedia para que lesse para mim o que escreveu. À medida que lia, eu reescrevia o texto com as palavras deles. Durante este momento, Caíque e Elias brigaram. Intervi e pedi para que terminassem a atividade dizendo que só sairiam após o término.

Caíque terminou, mas não quis ler o que tentou escrever. Diz que só ia ler depois de Elias. Os dois não sabem ler. Elias me entregou a atividade escrita, a sua idade e nome. Falei com ele que gostaria de outras informações como a cor. Ele ficou calado. Depois disse: *“eu não sei.”* Bianca falou: *“como você não sabe, Elieser. Ele está com vergonha de dizer, pró. Ele é negro.”* Ele permaneceu calado. Pedi que olhasse para outros dois colegas que estavam escrevendo no quadro e dissesse a cor deles. Também não falou. Mas Túlio disse: *“eu sou preto com muito orgulho”* e Leonardo também. Elieser tem a mesma tonalidade da pele de Túlio e Leonardo. Carlos disse: *“pró, a senhora não está vendo que ele é preto, não?”* Elieser tomou a palavra e disse: *“não sou preto nada, porque não tenho cabelo duro e nem sou feio. Eu sou moreno.”* Pedi então que tentasse escrever moreno em seu papel. Ele escreveu e eu reescrevi a palavra.

Depois fui ler com Carlos. Disse o que escreveu. À medida que lia, fui reescrevendo e observei certo avanço na escrita dele desde quando comecei. Algumas palavras estavam escritas corretas. Dava para entender boa parte do texto mesmo sem ele ler. Ao terminar de ler disse a Carlos: *“você não colocou nem a sua idade e nem a sua cor.”* Ele virou a folha e me mostrou. Pedi para que lesse a cor e leu: *“preto e amarelo.”* Perguntei: *“por que preto e amarelo, Carlos?”* Ele disse: *“porque eu fui para a praia e me queimei. Aí fiquei assim preto e amarelo.”* Durante esse momento, Túlio e Leonardo que já haviam terminado continuaram na sala e falaram: *“pró, lembra que a senhora falou que eu, Leonardo e a senhora íamos ficar um tempinho a mais para que a gente aprendesse a ler mais rápido?”*

Por esse motivo continuavam na sala. Bianca também disse que queria ficar. E ao mesmo tempo em que estava conversando com Carlos e Elieser, estava pedindo a Túlio, Lonardo e Bianca que escrevessem algumas palavras no quadro. Organizaram-se, dizendo que cada um ia escrever uma vez, mas sempre um ajudava o outro e quando acertavam ficam muito contentes. Em certo momento, disseram: *“pró, fala mais difícil.”*

Ao terminar, já havia passado do horário 15 minutos, pedi que trouxessem embalagens de diferentes produtos com a intenção de trabalhar com o rótulo das mesmas. Ao sair da sala Carlos me aguardava com o rótulo de um pacote de biscoito e disse: *“aqui, pró. Também vou ficar com eles até depois.”* Ao sair da escola encontrei Túlio que disse: *“pró, minha tia não está acreditando que estava na sala até mais tarde porque eu quis.”* A tia dele me parou e perguntou se ele estava de castigo. Respondi o que tinha ocorrido e ele falou: *“vai ser todo dia agora. Vou ficar para aprender a ler logo.”*

17 de outubro de 2008

Ontem, a vice-diretora solicitou que eu chegasse mais cedo, assim como, os demais colegas que trabalham somente à tarde. Pedi que chegássemos antes das 12h porque haveria um almoço conjunto dos professores, direção e demais funcionários em homenagem ao dia do professor. Cheguei à escola por volta das 11h30min e estava ocorrendo a AC da manhã.

Quando deu meio dia e a maioria das professoras estava presente sentamos à mesa que foi arrumada no centro do pátio pelas merendeiras e uma das auxiliares da secretaria. Estiveram presentes também as duas vices-diretoras e o diretor que se atrasou um pouco. De repente, chegou um carro de mensagens na porta da escola e fomos todas para frente prestigiar a homenagem

organizada pela direção. Algumas músicas foram tocadas, mensagens lidas e ocorreu também o pronunciamento das vices da manhã e da tarde, que destacaram a importância de sermos educadoras e o companheirismo do dia a dia para exercer a função... Foi bem legal e havia um clima de confraternização e animação entre nós.

Após esta homenagem, nos dirigimos à mesa e todos de pé demos as mãos e uma das professoras fez uma oração. Logo, em seguida, nos servimos, sentamos à mesa e conversamos, brincamos, rimos... O diretor e as vices começaram a chamar cada professora para a entrega de uma lembrança, o que foi comemorado por todas. Nesse tempo, já dava para ver que alguns alunos já estavam no portão afoitos para entrar. Quando deu 13h começaram a gritar: *“abre o portão”*... Em torno das 13h10min, o portão foi aberto e como sempre entraram correndo para guardar os seus lugares.

Peguei a chave e, de repente, fui interrompida por alguns alunos pedindo para que eu não fosse para a sala. Percebi que estavam organizando uma “surpresa”. Continuei no pátio a pedido deles. Laercio se dirigiu a mim, dizendo que iria para casa porque não tinha trazido nada. Pedi para que não fosse e falei com os outros que estavam no pátio, fazendo com que eu não fosse para a sala, que independente do que estavam fazendo todos os colegas deveriam participar independente de terem trazido ou não alguma coisa. Expliquei que nem sempre é possível “contribuir”. Eles compreenderam e disseram que tudo bem e Marina disse: *“mas não é para ninguém ir embora. Porque senão não tem graça.”*

Igor chegou para mim e disse: *“pró, eu quero comprar um guaraná e só tenho R\$ 1,20. O guaraná é R\$ 2,00. A senhora pode completar?”* Dei o dinheiro a ele e ele me devolveu o restante. Estava uma correria. Foram conversar com a diretora e pediram o som...

Toda hora vinha um pedindo para que eu não fosse para a sala. A mãe de Luana veio conversar comigo, dizendo que no próximo ano iria tirá-la da escola e a irmã dela, que é do 4º ano, também. Falou que ia pedir para esta ser reprovada para que fossem juntas para a mesma escola. Disse que faria isso porque a sua filha mais velha seria voluntária, na forma “de amiga da escola” em outra unidade e queria que Luana fosse para lá para ser alfabetizada. Informou-me que Luana era “especial”, o que eu já havia observado. Certa vez, conversei com a vice-diretora sobre ela, mas a mesma não soube me dar muitas informações, só confirmou que ela tinha alguma deficiência.

Perguntei a mãe de Luana se ela tinha algum acompanhamento em outra instituição, disse-me que sim me mostrando alguns registros de consulta. E disse que os especialistas que acompanham Luana afirmam que ela tem potencial para, pelo menos, escrever o nome dela. Ressaltou também que Luana havia dito em casa que gostava mais da professora atual. Isto porque, segundo a mãe dela, a professora anterior obrigava Luana a copiar os deveres do quadro, o que a deixava muito apreensiva por não conseguir. Comprometi-me em acompanhar a aluna mais de perto e pedi a mãe dela que retornasse à escola para conversarmos mais sobre a mesma, já que estava com um pouco de pressa.

No pátio, a vice-diretora veio conversar comigo dizendo que a observação que fez na AC anterior não foi direcionada a nenhum dos estagiários, mas a algumas professoras que acham que não devem dar satisfação de nada do que fazem em sala de aula. Disse: *“seria bom que nunca deixássemos de ser estagiários. Porque quando se é estagiário não acha que sabe tudo e sempre busca o outro para ser auxiliado, ajudado. Quando já se é um profissional muitos acham que já sabe tudo e lidar com isso é muito difícil”*. Após a conversa a vice-diretora saiu. Disse que ia à sua casa rapidinho. Ela mora no bairro e, inclusive, já estudou nesta escola.

Nesse tempo, o diretor disse: *“professora, por enquanto, vamos conversar. Isso é muito gratificante na nossa profissão.”* Durante a conversa, perguntei há quanto tempo ele era diretor da escola. Disse que assumiu um primeiro mandato de 2004 a 2006. E, em 2006, ganhou as eleições diretas da escola e ficará até 2009. Informou que não irá se candidatar novamente e que a escola tinha uma equipe muito politizada e que, possivelmente, haverá três chapas. Ressaltou que considera isso bom, que não gosta da ideia de chapa única e que deita tranquilo com a condução do seu mandato. Disse ele: *“é sempre bom renovar. As colegas que assumirão certamente trarão mudanças porque cada um vê as coisas e têm concepções diferentes e isto é bom.”* Falou também que não voltará para a sala de aula porque já cumpriu o tempo obrigatório. Durante a conversa fiquei sabendo que é formado em Educação Física e que fez o curso de gestor escolar. Também me disse que há 15 anos que a prefeitura já adota a eleição direta para diretor, onde alunos, pais e professores votam.

A auxiliar da secretaria foi à sala e disse que uma mãe queria ir à sala de uma das professoras para conversar sobre o seu filho, o que não pode para não interromper a aula. O diretor pediu que encaminhasse a mãe à sala dele. Quando chegou, a mãe alegou que gostaria de conversar com a professora sobre as faltas de seu filho. Disse que ele estava dizendo em casa que não estava tendo aulas para ficar dormindo e a mãe dela acreditava. Disse ela: *“eu trabalhava todos os dias, agora só trabalho dois, porque tudo que falam a minha mãe ela acredita e não vem conferir se realmente não tem aula. Nem sei o que faço mais. Ele não gosta de estudar. O outro estava indo no mesmo ritmo. Agora está bem melhor.”*

O outro a que ela se referiu é meu aluno. O diretor tomou a palavra e disse que o problema não está na escola. Está na família, que era preciso ter mais rigor. Que ela cobrasse da mãe dela mais rigor. Que não tinha como ela deixar de trabalhar para

cobrar que os filhos viessem para a escola. Solicitou também que pedisse à mãe dela que fosse a escola para que ele conversasse com ela. Ressaltou que era importante a presença constante dela na escola.

Em alguns momentos, o diretor fez comparações com o seu tempo de criação e a de agora, lembrando alguns ditos populares. Falou que apanhou, algumas vezes, e isso não fez mal nenhum a ele e hoje ele agradece. Que só conversa, às vezes, não resolve. A mãe retomou e disse que já conversou, já bateu e não adianta, que seu filho fica sem vir para a escola para dormir e que gostaria de conversar com a professora. O diretor permitiu e pediu para que ela fosse breve para não atrapalhar a aula.

Igor, Jairo, Ueder e Carlos vieram me pedir mais uma vez para não ir para a sala e se queixaram que Flávio queria escrever sozinho no quadro. Não queria dar o piloto a ninguém e que eles também queriam desenhar e escrever uma mensagem. Disse então vou para a sala conversar com ele. Disseram: *“pró, a senhora ainda não pode ir.”* Perguntei como faria para que Flávio desse o piloto aos demais. Ueder disse: *“pró, basta à senhora falar com a gente e vamos à sala e dizemos a ele que foi a senhora que mandou.”* Assim ficou combinado.

Confesso que estava preocupada com eles sozinhos na sala. Sempre que um aparecia perguntava como estavam, se havia alguém brigando e um deles disse: *“pró, lá está tudo na paz. As meninas estão enfeitando tudo. Nem deixam os meninos ajudar muito. A gente vai para quadra e daqui a pouco a gente volta para ajudar elas.”* Em torno das 13h40min vieram todos me chamar. A sala estava cheia de bolas escritas por eles dizendo que me amavam, o quadro cheio de corações com mensagens e a assinatura de cada um dos presentes, bolo e refrigerantes. Fiquei muito feliz com a organização e iniciativa deles. Fizeram questão de falar que foi todo mundo que organizou. Fiz questão de abraçar cada

um e dizer o quanto estava feliz com a surpresa, agradeci a todos. Algumas meninas apresentaram uma coreografia que tinham ensaiado e eu e os outros colegas assistimos.

Logo, em seguida, organizei a sala para que todos fossem servidos. Uns alunos serviram o refrigerante e alguns me ajudaram a servir o bolo. Como dia de hoje só tem aula até às 15h, não deu tempo eu dar a aula planejada. Ao terminar limpamos a sala. Fui para a AC, que foi mais uma confraternização entre nós, professores e vice-diretora. Ela nos deu uma mensagem em homenagem ao dia dos professores e nos deu outra lembrança, um pingente com a 1ª letra do nosso nome. Foi organizado um lanche. A mensagem foi lida por uma das colegas. Todas gostaram muito das homenagens. Conversamos, cantamos... A vice ressaltou que na verdade somos uma família e que os desentendimentos fazem parte. Fomos liberadas, o que também foi muito festejado.

20 de outubro de 2008

Hoje, ao chegar, fiquei na sala dos professores, ao abrir o portão fiquei no pátio, conversando com alguns alunos. Fomos para a sala. Decidi que não iríamos para o laboratório porque a maioria dos micros estavam quebrados e para que todos participassem teriam que ficar em torno de quatro alunos por micro, o que não é muito proveitoso e para mim, às vezes, parece perda de tempo, porque não é possível programar de fato uma atividade para ser realizada lá. Sempre algum se queixa que o colega não o deixa mexer no micro... Esta decisão não foi bem aceita pelo grupo, mas expliquei os motivos lembrando que no encontro anterior só o tempo que levamos para ligar e abrir os programas e identificar àqueles que estavam funcionando tomou quase o tempo todo da aula.

Havia preparado em casa uma atividade sobre leitura e interpretação de um texto e questões relacionadas a assuntos que já tinham sido trabalhados. Imprimi tais atividades em casa. Foram feitas três tipos de atividades com base no nível dos alunos. Mas todas as questões partiram do mesmo texto. Exceto a de Luana, que é específica, por não saber escrever o seu nome e a atividade foi voltada para este aprendizado. Ao verem o material impresso, como sempre, começaram a perguntar se era prova. Informei que não e que todas as atividades realizadas no dia a dia contavam para a avaliação deles. Antes da entrega da atividade, coleí no quadro o mesmo texto que constava na atividade deles, pois tinha escrito o texto num papel metro de forma que todos visualizassem e lêssemos o texto juntos. A primeira leitura foi feita por mim e depois pedi que lessem juntos o texto que estava fixado ao quadro. Após a leitura começamos a conversar sobre o texto. Perguntei qual o título do texto, o autor, de que se trata...

Após essa primeira conversa, entreguei as atividades. Pedi para os alunos que encontrassem dificuldades me procurassem para responder às questões. Túlio e Carlos falaram logo que não sabiam, pois não sabem ler. Sentei com eles e reli o texto, pedindo que identificassem algumas palavras, o que conseguiam fazer a partir de diferentes estratégias. Li as questões com eles e à medida que faziam me mostravam. Observei que alguns, como Leonardo e Bianca, eram ajudados por colegas como Ueder e Igor que sabem ler.

Toda hora alguém se queixava que Lucas estava abusando ou batendo em algum colega. Carlos estava imitando Flávio, que tem uma deficiência física. Isto fez com que Flávio ficasse irritado e brigasse com Carlos. Erck estava chamando Mara de macumba e de “negra preta do bozó”. Ela havia me pedido para ir ao banheiro quando retornou me disse que tinha ido à diretoria falar que Erick estava sendo racista com ela e a vice-diretora ficou de

ir à sala. Chegou a hora do recreio e os liberei. Fiquei no pátio e como sempre havia grupos diferentes brincando. Hoje, algumas meninas da minha sala tinham levado um elástico para brincar e durante o recreio brincavam. Igor e Lucas ficaram olhando. Igor disse que sabia pular também, mas que não gostava porque era brincadeira de menina.

Lucas disse que o mingau estava muito ruim. Disse: *“elas pensam que a gente tudo passa fome para fazer um mingau desses.”* Dirigiu-se a uma colega (José) e disse: *“vocês comem porque está com fome.”* Depois falou comigo: *“pró, estava muito ruim mesmo. Por isso que a gente joga fora e elas não gostam.”* José concordou que estava ruim, disse que parecia massa de bolo. Lucas estava insistindo para que eu o liberasse às 16h porque queria comprar um DVD. Ao dizer que não iria liberá-lo, disse que eu era ruim e que não viria mais para a escola. Disse: *“a gente tem que ficar aqui como se tivesse na prisão. A gente podia entrar e sair à hora que quisesse. Por isso que falto mesmo.”* Conversei com ele, explicando o porquê de não liberá-lo. Disse que ele poderia comprar o DVD no dia seguinte, falei da importância da escola... Espero que amanhã ele apareça.

Ao terminar o recreio fomos para a sala. Passei uma atividade no quadro e acompanhei àqueles que ainda não tinham terminado a primeira atividade. À medida que terminavam liberava, pois já estava próximo do horário de saída. Túlio, Leonardo e Bianca pediram que fizesse um ditado com eles para que escrevessem no quadro. Ditei algumas palavras e algumas conseguiam escrever. Túlio disse: *“pró, já estou aprendendo”*, o que me deixou contente. A cada palavra escrita comemoravam e ajudavam um ao outro. Quando todos terminaram fomos embora.

21 de outubro de 2008

Antes de ir para escola, passei numa lanchonete próxima e lá encontrei outras três professoras da escola. Em meio à conversa, a professora Júlia parabenizou o comportamento da vice-diretora da manhã frente à mãe de uma aluna. Perguntei do que se tratava e ela disse que a mãe da aluna foi se queixar à direção da escola do seu comportamento devido à queixa de sua filha. Contou-me que a filha dela disse em casa que a professora só ficava ao celular e que um aluno tocou nos seios dela e ao contar a professora, ela nem ligou porque estava no telefone.

A professora Júlia disse que durante a conversa com a mãe e a vice-diretora falou que estava resolvendo muitos assuntos pelo celular devido a problemas que estava passando, pois seu esposo tinha sido operado, um primo foi assassinado e além de tudo tem uma filha pequena. Ressaltou na conversa com as duas, que o dia que tiver que dar satisfação a um aluno por estar ao celular, sai da escola, pois é livre e concursada. Disse o quanto ficou chateada com a aluna, mas que a vice-diretora soube contornar muito bem a situação.

Fomos para a escola. Dirigi-me a sala com os meus alunos para que deixassem o seu material na sala, pois havia agendado junto à biblioteca comunitária do bairro uma visita. Lá os alunos participariam de uma oficina de confecção de bonecos com material reciclado, além de conhecerem e fazerem o cadastro na biblioteca. A oficina foi conduzida por Gilca que é a responsável pela organização da biblioteca e frequentemente faz trabalhos de artes na escola. Inclusive, uma das turmas da escola que fez um trabalho com bonecos e criou histórias, foi convidada pela Fundação Pedro Calmon para apresentar o teatro de bonecos no Pelourinho. Tal trabalho foi produzido pelos alunos do 4º ano e apresentado na escola sob sua orientação.

Gilca explicou, passo a passo, a produção dos bonecos e, logo em seguida, os alunos começaram a fazer. Alguns não levaram as garrafinhas solicitadas há muito tempo por mim e ajudaram os colegas a fazerem, outros preferiram pegar livros para ler. E ficaram bastante felizes quando foi anunciado que poderiam pegar livros emprestados na biblioteca e levar para casa. Para isto, eu ficaria responsável. Assim informei que faria uma lista de controle dos empréstimos onde cada um escreverá o nome do livro ou revista tomado emprestado e assinará o seu nome. Quando estávamos voltando para a escola, Leonardo empurrou Fábio, que caiu. O irmão de Fábio disse: *“que iria quebrar Leonardo no pau se batesse mais uma vez em seu irmão.”* Retornamos a sala. Pedi que os alunos escrevessem a receita de confecção dos bonecos e informei que as demais etapas seriam feitas num outro dia. Liberei os alunos para o recreio. Ao retornarmos fui informada que deveria ir para o pátio com os alunos às 16h 10min para assistir uma apresentação dos alunos de uma outra sala e foram me passados avisos para serem entregues aos alunos acerca da reunião dos responsáveis a ser realizada no dia 23/10 às 13h30min. Carlos disse logo que a avó dele não iria.

Conversei com eles sobre a existência de diferentes tipos de texto, explicando hoje em específico a fábula. Li com eles uma fábula de Monteiro Lobato. Dividi a turma em trios e distribui uma cópia para cada trio para que lessem novamente. Às 16h10min subi com os alunos. Todas as turmas e professoras estavam no pátio. A apresentação foi organizada por alguns alunos que pediram a vice-diretora da tarde para se apresentarem. Durante a apresentação todos se divertiram e bateram palmas para a atividade realizada.

Igor perguntou-me se quando terminasse iria liberar a turma. Disse que dependeria do horário que terminasse. Não gostou, dizendo que se fosse à professora anterior liberaria. Quando terminou já era de fato o horário de ir embora. Então retornamos a

sala para que pegassem os seus materiais e fossem embora. Fui pedir a vice-diretora alguns materiais como cola e tinta guache para dar continuidade à confecção dos brinquedos. Ela estava na sala “dos professores” agradecendo e parabenizando a iniciativa dos alunos que fizeram à apresentação, mostrando-se disponível para o que precisassem. Quanto ao material informou que iria ver o que daria para fazer porque a escola estava carente de materiais e a verba recebida foi pouca. Despedi-me e fui embora.

22 de outubro de 2008

Aguardei o horário para ir à sala, no pátio. Quando bateu o sinal fui para a sala com os alunos. O primeiro horário é aula de Educação Física, mas o professor se atrasou. Enquanto não chegava conferi com os alunos a receita que pedi que escrevessem sobre a atividade de construção de bonecos realizada no dia anterior. Jairo tinha feito, mas como aos demais ainda não expliquei novamente, dei um tempo para que fizessem e auxiliiei àqueles que ainda não sabem ler. Túlio disse: *“pró, vou escrever do meu jeito depois a senhora olha.”* Estava olhando o caderno de cada um quando o professor de Educação Física chegou. Comemoraram muito a chegada dele.

Durante a aula de Educação Física aproveitei para ler um texto na sala “dos professores”. Ao terminar nos dirigimos à sala e pedi a um aluno para escrever no quadro a receita. À medida que Ueder escrevia ia sendo ajudado pelos demais colegas. Fiz a correção no quadro. Ao terminar a aula, nos dirigimos à sala. Como sempre, fizeram a fila na porta da sala e ao abrir a porta correram para sentarem-se em seus lugares. Começamos a aula sobre corpo humano. Após a explicação, pedi que sentassem em duplas e comesçassem a responder as questões do livro de Ciências.

Deu o horário do recreio e os liberei. Um pouco antes de ir para o recreio Lucas, que terminava de copiar a atividade, disse: *“pró, eu estou trabalhando no bar de Val. Se eu trabalhar dois dias recebo R\$ 20,00. Dou o dinheiro para a minha mãe guardar. Meu video game comprei, juntando o meu dinheiro, foi R\$ 450,00.”* Perguntei o que fazia e os dias em que trabalhava. Ele disse que despachava, arrumava as garrafas e que trabalhava sábado e domingo durante todo o dia chegando em casa por volta da meia noite. Nesse momento, se dirigiu para Marina dizendo *“ela sabe que eu trabalho lá. Ela também trabalha com a mãe dela vendendo cerveja.”* Dirigi-me a Marina perguntando se a mãe dela também trabalhava no bar, ela disse que não, que a mãe dela era vendedora ambulante e que ela ajudava. Depois disse: *“tem gente que tem vergonha, não é pró? Eu não tenho não, pois minha mãe vende para me sustentar e é ela para tudo. A gente tem que ter vergonha de roubar, mas não de trabalhar.”* Após conversarmos fomos para o recreio.

Durante o recreio fiquei no pátio com a responsável pela confecção dos bonecos, que conforme combinado foi dar continuidade ao trabalho. Os alunos corriam por toda a escola e, de repente, vimos um grupo de alunos gritando: *“é briga, é briga.”* Fomos até lá e encontramos um aluno meu, Ueder, que estava chorando muito, com o sapato na mão. Ao mesmo tempo em que atendia ele, alguns colegas falavam: *“pró, eu mostro quem derrubou e bateu nele.”* Perguntei a Ueder como foi, levantei a sua blusa e estava um pouco arranhado. Disse que não estava doendo, que estava preocupado com o seu sapato que havia lascado. Os colegas da mesma turma perguntavam quem foi, para se juntarem e baterem em quem o agrediu. Disse que não sabia. Pedi que os colegas se afastassem e que não era preciso brigarem.

Lucas disse: *“hoje, eu nem estou a fim de briga. Senão o pivete ia ver.”* Ajeitei o sapato de Ueder e retornamos à sala para darmos continuidade à oficina de confecção de bonecos. Dividi a turma

em grupos, entre àqueles que tinham feito à primeira etapa e os que não fizeram. Pintaram os seus bonecos e depois se organizaram para limpar, o que haviam sujado. Durante a oficina, Lucas me pediu o piloto para escrever no quadro. Pedi que escrevesse o alfabeto e algumas palavras, no que demonstrou muita dificuldade. Ao terminar, lembrei à turma da reunião dos responsáveis e alguns disseram que não tinha ninguém para vir porque a mãe, a tia, o pai... estariam no trabalho. Hoje, como nos outros dias, ganhei flores e cartas de alguns alunos. Eram 16h50min quando liberei a turma. Ueder disse: *“vou ficar na sala ajudando a pró até ela ir embora.”* Assim ficou na sala até eu guardar alguns materiais, me ajudando. Ao terminar saímos da sala. Dirigi-me a secretaria e a vice-diretora disse que, no dia seguinte, após a reunião conjunta dos responsáveis cada professora teria um momento em suas salas com os responsáveis pelos alunos.

23 de outubro de 2008

Hoje foi reunião dos responsáveis. Ao chegar à escola fiquei no pátio com um colega que conversava com a avó de uma das suas alunas. Tinham poucos responsáveis. Meu colega se dirigiu para mim e perguntou: *“cadê a família?”* Falei que é complicado ter a presença da totalidade dos responsáveis, pois muitos trabalham. A avó que estava próxima a nós interrompeu, dizendo que tem um bocado de mães que não vão porque não querem, que ficam em casa sem fazer nada, olhando a vida dos outros. Resaltou que uma vizinha sua que tem três filhos na escola disse: *“que não iria para reunião nenhuma porque tinha mais o que fazer.”*

A vice-diretora se dirigiu aos presentes pedindo que aguardassem mais um pouco para ver se chegavam mais responsáveis. Ligou o som que tocava música de Toquinho. O espaço estava organizado da seguinte forma: cadeiras dispostas à frente para

que os professores sentassem e do outro lado em fileiras cadeiras para os responsáveis. Após a chegada de mais responsáveis a vice-diretora deu início à reunião. Distribuiu a pauta entre os professores e iniciou fazendo menção ao dia dos professores. Fez uma homenagem a partir da leitura de um texto. A reunião teve a seguinte pauta: abertura com a música Aquarela; leitura do texto A partilha; dinâmica de grupo com o professor de Educação Física; avisos (TRE 2º turno das eleições 2008 de 24 a 27 de outubro; Jornada da Literatura 2008; AC Coletivas; retorno das professoras que estão de licença/agradecimento aos estagiários; Consciência Negra e a Lei nº 11.645/2008; encontro ente pais e professores em sala de aula; calendário/final de ano).

Conforme a pauta, após a leitura do texto, foi iniciada uma dinâmica de grupo, onde participaram responsáveis e alguns professores. Poucos participaram. Foi informado que a escola está em busca de dois ônibus para levar alguns alunos para a Jornada de Literatura que ocorrerá no Pelourinho pela Fundação Pedro Calmon, onde haverá a apresentação de alunos da escola. Para tanto a vice-diretora pediu que quando recebessem um aviso solicitando, que permitam seus filhos irem, que deixem. Quanto ao retorno das aulas foi informado que só haveria aula na próxima quarta-feira (29/10) por causa da entrega do colégio para o TRE e dia do funcionário público que foi antecipado para segunda-feira, mas na terça a escola estaria fechada para que fosse limpa devido as eleições do domingo. Quanto as AC coletivas informou que além do período sem aula citado, haveria um outro dia que os alunos não teriam aula porque os professores em dias diferentes participariam da AC coletiva que é realizada pela SMEC. No caso do 3º ano, a AC coletiva será no dia 31/10. Falou também que duas das professoras que estão de licença retornarão em novembro. São as professoras do 4º e 5º ano. Quanto a minha turma continuarei até o término do ano, pois a professora que substituo

continua de licença. A vice-diretora informou que tentará de alguma forma manter os outros dois estagiários até o término do ano. Destacou que em novembro começarão as comemorações do dia da Consciência Negra e que era importante o trabalho não só da escola, mas também da família para que ocorra de fato a valorização e respeito à cultura afro-brasileira. Por fim, disse que só restavam 35 dias de aula e que haveria o encontro de cada professor com os responsáveis de seus alunos em sua sala. Informou também que no dia 29/10 seria o “Dia da leitura da família na escola” e que era muito importante a presença deles.

Não foi aberto espaço para os responsáveis se colocarem. Só ouviram os avisos. A intenção era que se colocassem no encontro específico com o professor. Estiveram presentes em torno de 60 responsáveis. Destes apenas seis eram homens. Dirigi-me à sala com alguns responsáveis e no decorrer do encontro foram chegando mais responsáveis, pois não tinham como ficar o tempo inteiro porque tinham filhos em outras séries também. Compareceram: o pai de Átila, a avó de Carlos, a mãe de Lucas e Evandro, a mãe e o pai de Bianca, a mãe de Marina, a mãe de Leonardo, a mãe de Elieser, a mãe de José, a mãe de Jairo.

Na sala me apresentei. Ressaltei a importância deles terem comparecido e falei que muitos não comparecem devido ao horário, o que foi ratificado por um pai. Logo, em seguida, disse que gostaria de ouvi-los e cada um começou a perguntar sobre como estava o seu filho. Falei em específico de cada um sobre a participação nas aulas, as brigas que ocorrem, os avanços que tenho observado, as constantes faltas de alguns e ressaltei que minha preocupação maior é com os que ainda não sabem ler e escrever trazendo que esse era um papel da escola. Expliquei porque geralmente não passo deveres de casa e expliquei que no caso deles não receberam notas, pois no 3º ano não damos notas fazemos uma avaliação onde descrevemos as “habilidades” adquiridas

por eles. Destaquei que no momento estava centrando as atividades mais na leitura e escrita.

A mãe de Laura disse que observou que ela está lendo bem melhor agora. Disse:

pró, não é querendo falar mal da outra professora não, mas Laura agora faz questão de vir para escola. Antes, a outra professora passava um monte de dever que ela nem sabia responder e eu também não tinha como ajudá-la.” O pai de Bianca também disse que antes ela não queria vir mais para a escola e agora observa que ela está com muita vontade de aprender. Que fica em casa revendo as atividades e lê algumas palavras. A mãe de Leonardo também falou a mesma coisa, disse: “agora mesmo quando sair de casa, ele ficou em casa lendo. Até me disse que todos os dias chegaria um pouquinho mais tarde porque a senhora estava fazendo um trabalho no final da aula com ele e outros colegas. Ele está muito animado.

A mãe de Marina disse que a filha não é boa mesmo nos estudos. Que ela é aplicada, que é inteligente para um monte de coisas, mas não consegue aprender a ler e escrever. Disse a ela e as demais que trouxeram este problema que são vários fatores que interferem na aprendizagem do aluno e que todos são aptos a aprender e que sem dúvida a escola tem muita culpa em um aluno chegar ao 3º ano sem aprender a ler e escrever. Fiz questão de dizer que a culpa não estava nos seus filhos e que têm plena condição de aprender. A mãe de Jose disse:

acho que o tempo que ficam sem aulas prejudica muito os alunos. O ano passado foi tanta greve e esse antes da senhora chegar eles ficaram mais de dois meses sem aula. Como é que aprende assim também. Depois quando voltam não tem nenhuma reposição e tudo segue como se nada tivesse acontecido. Sei que a

minha filha também é muito preguiçosa. No ano que vem, vou colocar ela pela manhã e à tarde vai para uma banca.

O pai de Átila criticou a ação da escola quando o seu filho se acidentou. Disse ter sido uma irresponsabilidade da direção da escola deixar o seu filho ir para casa acompanhado de um garoto da sua idade no estado em que se encontrava. A mãe de Jairo disse que sabe que o problema dele é a indisciplina e sabe que ele faz isso para chamar a atenção dela. Falei que ele sempre briga, mas quando chamo a atenção dele, ele obedece e que quanto à leitura e escrita ele está bem. A mãe de Elieser perguntou como ele estava. Falei que o problema de Elieser era que faltava muito e quando vem para a escola não faz as atividades e quase sempre briga com Carlos. Ficou surpresa quando falei das faltas, pois ela disse que ele não faltava. Mostrei as faltas dele na caderneta. Disse que quando chegasse em casa conversaria com ele sobre as faltas.

A mãe de Lucas e Erick também quis saber como os filhos estavam. Falei que os dois faltam muito. Ela disse que eles não gostam de estudar, mas são ótimos meninos. Quanto a Lucas, disse que ele não gosta também devido ao defeito que ele tem na boca e os colegas geralmente o chamam de boquinha. Isso, segundo ela, contribui para que fique irritado e brigue com quem o abusa. Ratifiquei o que ela disse, pois geralmente os colegas o abusam e ele reage batendo, pois alguns, por ele ser grande, sentem medo e apanham dele. Pedi a ela só que fizesse com que eles não faltassem tanto, pois as faltas prejudicam muito principalmente àqueles que ainda não sabem ler.

Falei para todos da importância da presença constante de cada um dos seus filhos e que estaria disponível sempre que precisassem. Comprometi-me a fazer o possível para que todos avancem. A avó de Carlos que tinha saído para outra sala retornou me

dizendo: *“pró, Carlos não tem jeito. Nem sei o que eu faço. Não sei se ele é assim porque é rejeitado pela mãe que é uma “banda voou” e pelo pai que é outro. A senhora precisa ver a alegria que ele fica quando a mãe resolve aparecer.”* Disse a ela que ele é muito danado, que geralmente briga, mas que tenho observado que está melhorando e que ele é um ótimo garoto. Disse que quase sempre no final da aula converso com ele... Ela disse que ele é muito brabo, que não quer nada e que é igual ao irmão que estuda numa outra sala. Que já pensou em devolver a mãe, mas acha que ele pode piorar.

Falei que ele estava avançando na leitura e escrita, que ainda tem muita dificuldade, mas que em breve ele estará lendo. Ela falou sentida que quanto a isso nem pode ajudar ele porque não sabe ler nem escrever e que o seu avô só chega tarde do trabalho e não tem paciência e o irmão, até quando ele pede para ensinar, geralmente, não ensina porque quer brincar. Disse que ele gosta muito de desenhar, que se eu deixar fica desenhando o tempo inteiro. Disse ainda: *“pró, o irmão também é assim, só quer desenhar.”* Falei que ele desenha muito bem e disse que quem sabe ele não seria um artista plástico. Ela riu e disse: *“é, só se for.”*

Destaquei que quando faço algum ditado, ele fica muito contente quando falo a palavra Bira, por ser o nome do pai dele e ele saber escrever. Ela ficou surpresa em eu saber o nome do pai dele. Disse a ela que ele, geralmente, fala o nome do pai. Disse que ele tem tudo para aprender, que fica muito chateado porque os colegas geralmente dizem que ninguém gosta dele. Quando fazem isso ele geralmente diz: *“minha avó gosta sim de mim.”* Isso o deixa muito agitado e triste. Pedi que apenas conversasse com ele. Ficou surpresa também quando disse que ultimamente sempre quando vai embora se despede de mim com um beijo, mesmo quando reclamo com ele. Ela disse: *“não acredito! Carlos, pró, é todo bruto. Olha que coisa!”* e deu risada. Quando estava conversando com ela, a vice-diretora chegou com um papel para

que eu assinasse sobre a AC coletiva que ocorrerá no dia 31/10 cujo tema será “*Violência e Indisciplina*”. Quando terminei de conversar com a avó de Carlos me retirei da sala e encontrei a mãe de Leonardo conversando com a vice-diretora. Quando a mãe de Leonardo me viu, disse: “*só ouço elogios lá em casa viu. Leonardo está muito empenhado e gosta muito de você.*”

Deixei a chave na secretaria e fui à sala de um colega que já tinha terminado a reunião com os responsáveis. Disse-me que fez questão de dizer que o filho de ninguém ali era santo, fazendo destaque a alguns. Diferentemente dele, outra colega, também estagiária, disse que estava muito feliz com a reunião e que em alguns momentos chegou a se emocionar conversando com os pais. Disse: “*eles pensaram que iria falar só de problemas, que iria falar da indisciplina dos alunos, mas não. Minha intenção era dizer o quanto cada um dos filhos deles era importante e que, um dia, queria encontrá-los sendo um doutor e que cada um é muito inteligente.*” Disse-me que ficaram surpresos e alguns se manifestaram que nunca tinha vindo a uma reunião para que não fosse dito o tempo inteiro o quanto o seu filho era indisciplinado, mal educado, o que geralmente os deixavam constrangidos. Então já sabiam o que ouviriam na reunião e que hoje tinha sido diferente.

Tal colega falou comigo que jamais mediocrizaria o seu trabalho porque trabalha numa escola pública. Que a profissional que ela era na escola privada seria na pública. Reforcei o que ela disse.

24 de outubro de 08

TRE.

27 de outubro de 2008

Feriado do Servidor Público antecipado.

28 de outubro de 2008

TRE (Limpeza da escola).

29 de outubro de 2008

Hoje, foi programado o “Dia da leitura da família na escola”. Como pela manhã ninguém da família compareceu, o que acarretou diversos comentários entre as professoras. Disseram que isso era perda de tempo e que já sabiam que ninguém iria aparecer. Tivemos que fazer outras atividades. Meus alunos foram para a aula de educação física. Ao terminar esta aula, fomos para a sala de aula e fizemos uma roda de leitura. Logo, em seguida, foram para o recreio. Como eu não tinha almoçado aproveitei o intervalo para ir a uma lanchonete próxima da escola. Após o recreio, houve a apresentação de uma turma no pátio sobre a leitura. Todos os alunos da escola assistiram.

30 de outubro de 2008

Cheguei atrasada na escola, pois estava em orientação. Ao chegar, os alunos estavam sentados em torno de uma das mesas do pátio. Ao me verem, começaram a gritar e alguns correram para me abraçar. Fomos para a sala. Expliquei porque me atrasei. Comuniquei à turma que na sexta não haveria aula porque participaríamos de uma AC coletiva. Danilo disse: *“como é que pode pró, numa semana toda a gente só vai ter aula dois dias”*? Disse a ele o porquê de não ter tido aula nos dias anteriores. Mas mesmo assim não se conformou. Iniciamos a aula com o Projeto Aymarará. Fiz uma leitura coletiva com eles, onde cada um lia uma passagem do texto. Após a leitura pedi que fizessem as questões correspondentes à história lida. Acompanhei mais de perto àqueles que não sabem ler, mas estes também

eram ajudados pelos outros colegas. Após o recreio, fiz um ditado e depois corrigimos as atividades.

31 de outubro de 2008

Cheguei à escola e aguardei dar o horário para ir para sala. Geralmente, neste horário algumas professoras que trabalham nos dois turnos aproveitam para dormir. Fui para a sala com os alunos, que como sempre se organizam em filas. Retomei a atividade do dia anterior e corrigimos. Passei outra atividade no quadro relacionada às operações de adição e subtração. À medida que terminavam me mostravam para corrigir. Jaimilson, ao terminar, perguntou se poderia ajudar Túlio. Havia uma movimentação na sala onde um observava a atividade do outro.

Ao terminarem corriji a atividade no quadro. Vários quiseram ir responder no quadro. Assim alternava a ida deles e os demais sempre acompanhavam. Uma professora do 2º ano foi convidar a minha turma para assistir uma encenação da história *Menina bonita do laço de fita*, de Ana Maria Machado, em sua sala. Perguntei à turma se gostaria de ir assistir. Todos toparam. Fomos à sala da professora e assistimos. Retornamos a sala e conversamos um pouco sobre a apresentação. Dei continuidade à correção. Como toda sexta-feira a aula terminou às 15h por causa da AC. Fui para a AC que hoje ocorreu no laboratório de informática devido à exposição que uma professora faria de um curso que participou. A pauta da AC foi a seguinte: socialização do Curso sobre a Lei nº 11.645/08; Estudo dos textos com sugestões de atividades para se trabalhar a Temática da Lei nº 11.645/08; Produção de atividades para a semana da Consciência Negra; Avisos – data prevista para Mostra pedagógica pela Coordenadoria Regional (CRE-Pirajá), de 10 a 14/11, sugestão do grupo; mudança na data das AC Coletivas (conforme e-mail da CRE); o que ocorrer.

A vice-diretora lançou para o grupo que deveríamos pensar em como trabalharíamos a Semana da Consciência Negra e sugeriu que a Mostra Pedagógica não seguisse o calendário da CRE-Pirajá e fosse lançada para uma das últimas semanas de dezembro, que segundo ela é pura enrolação. As professoras que trabalham nos dois turnos colocaram que é atividade demais para novembro e que na AC da manhã decidiram fazer a Mostra Pedagógica em apenas um dia na semana que é destinada à Semana da Consciência Negra. A vice-diretora discordou dizendo que apesar do grupo fazer atividades voltadas para a consciência negra durante todo o ano a semana destinada a se trabalhar a consciência negra deve ter atividades voltadas para esse fim e não tem sentido fazer uma mostra pedagógica de apenas um dia.

A vice-diretora continuou dizendo que seria um momento de chamar a comunidade para a escola, de socializar o que a escola tem feito, pois *“a comunidade lá fora tem falado muito mal da escola.”* E seria interessante que fosse em dezembro porque, na verdade, quem está no sistema sabe que as duas últimas semanas em dezembro é enrolação. Destacou ainda, que na verdade, se quiséssemos parar agora já poderíamos porque já sabemos aqueles alunos que passarão e os que serão retidos. Falou que há uma queixa sobre a falta excessiva dos alunos, mas que ninguém quer perceber que se o aluno falta é porque a escola está totalmente desinteressante...

Uma professora tomou a palavra e disse: *“Ivonete, você está falando que o sentido da Mostra Pedagógica é trazer a família para escola. Você organizou o “Dia da leitura da família na escola”. Quem apareceu? Ninguém. Então é fácil a comunidade falar mal da escola desde quando ela não está nem aí para escola.”* A vice-diretora retomou a palavra: *“nós sabemos que a escola é fechada para a família. É uma farsa dizermos que tentamos aproximar a família, a comunidade. Não estamos nem aí para os problemas que atingem a*

comunidade dos nossos alunos. Falo isso porque moro aqui e sei que falam da escola com razão...". A mesma professora continuou: *"a escola está fechada, mas quando abre eles não aparecem. Então, para mim, são críticas infundadas."* Outra professora disse: *"agora a escola está sempre aberta para mãe agredir o professor."* As professoras foram unânimes com relação às colocações feitas pelas colegas. Disseram várias vezes: *"como é que a comunidade pode falar mal da escola se quando são chamados não participam"?*

A vice-diretora retomou dizendo que elas façam o que quiserem quanto à Mostra Pedagógica e a Semana da Consciência Negra, mas que elas só entenderiam o que ela passa quando estiverem ocupando o lugar que ela tem hoje, pois ela sabe a situação de professora por ser também e a de gestora e que é difícil conciliar tantos interesses. Mas reforçou que achava apropriado colocar a semana da Mostra Pedagógica em dezembro para chamar a comunidade para de fato se fazer alguma coisa nesse período, pois na realidade os alunos são segurados até término de dezembro só para justificar as verbas recebidas.

A professora iniciou a sua apresentação, cujo título foi Educação para as relações étnico-raciais. Após pouco tempo, tive que sair, pois tinha que ir à SMEC levar as folhas de ponto dos estagiários. Estava chateada porque desde quando entrei só recebi salário um mês e referente ao mês de setembro, os demais estagiários receberam e eu não. Comentei com a vice-diretora que fui informada pela SMEC que a minha folha de ponto que teria sido levada pelo diretor não constava lá, por isso não recebi. Tive que assinar novamente a folha de setembro e levar com as folhas de outubro. Fui para SMEC. Cheguei aproximadamente às 18h30min.

O SIGNIFICATIVO NO PROCESSO REGISTRADO

Ao longo dessa experiência foi possível mobilizar saberes e ter uma dimensão da dinâmica escolar. Além disto, permitiu uma integração neste espaço complexo e contraditório onde os responsáveis por tal instituição interagem direta e indiretamente. Local profícuo de questões a serem desveladas e discutidas. Contudo, existem aquelas que saltam mais ao olhar da autora, a partir de cada instante vivenciado e relatado. Há também que se observar, em que condições e sob quais circunstâncias alguns sujeitos se situam neste espaço, tão caro a uma sociedade dita democrática.

Assim, o diário é retomado a fim de destacar alguns aspectos do período registrado com a certeza de que não se esgotam a gama de questões que emergem da escola observada.

Sobre os alunos

São os alunos que dão sentido à existência das escolas, são estes que justificam as finalidades das mesmas, qual sejam a aprendizagem e formação dos sujeitos sob diversos aspectos, tanto intelectual quanto moral ou eticamente no desenvolvimento de valores e atitudes que contribuam para a convivência em grupo e para o seu próprio desenvolvimento.

Conforme foi sinalizado, os estudantes que formam a escola em questão são oriundos da periferia, convivem diariamente com a violência existente do bairro, são pobres, comumente entram na escola mais tarde do que aqueles da elite, é uma maioria negra, e, em especial, na sala de aula em que a autora é professora, há alunos ainda que são analfabetos repetentes, com idades entre 8 e 15 anos. É essa a realidade cruel de uma escola pública

da rede municipal de ensino de Salvador, no que tange a aprendizagem dos seus alunos, que certamente não é exclusiva.

Não há como pensar nesses sujeitos e nem entendê-los ignorando a realidade de que são refêns. Mas comumente é o que ocorre: são tachados de violentos, mal educados, indisciplinados... Ignora-se a realidade de vida de cada um desses sujeitos jogados “à própria sorte”. Acabam por ser culpabilizados por todo o sistema, pela condição em que se encontram e isso é introjetado neles próprios, o que se revela quando os mesmos se autot classificam como “cabeça dura”, “burros”. Isso ocorre devido à forma como são tecidas as relações no espaço interno da escola e ao discurso em torno do bom desempenho, bom comportamento e à suposta autonomia que a criança e/ou jovem deve ter para encontrar estratégias que superem sua real condição. Os alunos são comparados da forma mais simplória possível, sendo comum posicionamentos deste teor: “tal criança passa também por inúmeras dificuldades, vivem no mesmo bairro e por que umas conseguem se sair bem nos estudos e outras não? Isso é questão de interesse”. Essa posição é corrente na escola observada, conforme fica evidente nos registros realizados.

A todo instante o aluno é classificado, recaindo sobre este um juízo de valor, que para Parsons (1968, p. 56),

É julgado em termos difusos e gerais; um bom aluno é definido em termos de uma fusão dos componentes cognitivos e morais, aos quais é atribuído um peso variável, recaindo ora num, ora noutro [...] O bom aluno seria aquele que mescla tais componentes.

Para tanto, não se analisa a realidade objetiva ou a história de cada aluno, que é deixada fora dos muros da escola, entretanto está ali e nos diz muito acerca da forma como se dá o relacionamento entre pares e professores.

Ao ignorar a situação dos alunos, Freller (1999) deixa claro que “estes passam por um processo de ‘coisificação’ no qual são destituídos do que lhes seria significativo, enfim ritmos e valores são ignorados [...]”. É nesse emaranhado de condições que o aluno se mostra na escola, se posiciona e constrói junto com os demais sujeitos o cotidiano da escola. Seus gestos, palavras, comportamento, aprendizagem nos dizem muito sobre a condição e configuração da escola atual. Estes, razão de ser da escola, estão na realidade excluídos dentro deste espaço tão dinâmico e complexo, em que convivem com as diversas formas de violência e com a situação de não aprendizagem.

A violência

A escola é um local diverso organizado por procedimentos formais e informais que, em parte, é regido por regras e normas. Neste espaço, existem ações de diversas ordens, dentre elas, situações violentas e agressivas. As normas são utilizadas como uma das estratégias para coibir a violência. Mas esta se mostra de inúmeras formas, estando presente mesmo nos mais diferentes acontecimentos da vida da escola, em especial, na sala de aula observada; esteve presente em constantes agressões físicas e verbais entre os alunos, na postura autoritária da direção e de algumas professoras em relação a eles, entre outras, como foi relatado.

Não há um consenso entre estudiosos acerca do conceito de violência, já que conceitos acerca de comportamentos são discutíveis. Mas há, no entanto, unanimidade, que não só a violência física requer atenção, mas outros tipos de violência podem ser tão traumáticas quanto à física. Nesse aspecto, situam-se as agressões verbais, como, também, a violência simbólica, que ocorre por meio do exercício do poder de maneira implícita. Assim, a violência tem sido objeto de pesquisas e de reflexão, o que tem

ocasionado uma compreensão maior acerca do tema e esta vem ganhando outras dimensões, tornando-se mais um termo polisêmico. Nas abordagens contemporâneas, tem tido maior atenção aos diversos tipos de violências que coexistem no espaço escolar. (ABRAMOVAY et al., 2002)

Essa abrangência do tema passou a denominar e unificar como violentas, diversas ações conforme exemplifica Arroyo (2007, p. 789, grifo do autor),

[...] O conjunto de condutas indisciplinadas que sempre aconteceram nas escolas passou a ser interpretado e classificado como *violências*, elevando a diversidade de condutas desviantes a essa condição e segregando os alunos antes tidos como indisciplinados na categoria mais temida, segregadora e estigmatizante de *violentos*.

Outra questão central é que, comumente, os alunos são vistos como os agressores, violentos e, dificilmente, como vítimas da violência criada pelo ambiente escolar através de suas imposições, autoritarismo e negação de direitos, como o de aprender, pelo menos, a ler e escrever, caracterizando a exclusão a que estão submetidos dia a dia, mesmo, passando anos na escola. Existem regras aplicadas, cotidianamente, nas escolas que são indispensáveis para a sua organização. Sendo que quando são infringidas, as punições são, sobretudo, aplicadas aos alunos.

Entre as regras internas das escolas, as que mais se destacam são: horário de entrada e saída na escola e das aulas, o uso do uniforme, horário do recreio, a identificação e as práticas proibidas no espaço escolar, organização das filas, chamadas, não ficar de chapéu na escola, não mascar chiclete, saída da sala durante as aulas... Muitas dessas regras são questionadas pelos

alunos, já que quando infringidas, as punições incidem mais sobre estes. O aluno que desrespeita qualquer uma dessas regras, instantaneamente, é punido.

Na escola observada foi comum a indicação de supressão do recreio devido ao “mau comportamento da turma”. Com a professora anterior, os alunos não tinham recreio e em determinados momentos, a partir da observação da turma pela vice-diretora, a mesma sugeria que o recreio fosse suspenso, voltando a ser como era antes, sem ao menos consultar a professora estagiária. Outras punições ocorreram como obrigar a aluna a lavar o bebedouro por ter cuspidado no mesmo, obrigar um aluno a lavar os pratos da escola por ter cuspidado no prato de merenda de outro colega... Situações estas, que expunham os alunos a momentos de humilhação perante os colegas, passando a serem alvos de escárnio. Não seriam essas também formas de violências, em que nem ao menos suas vítimas podem defender-se?

É real o clima de tensão criado na escola, em especial na sala de aula. O clima criado neste micro espaço é angustiante, a todo instante há agressão física e verbal entre colegas. São incontáveis às vezes em que as aulas foram interrompidas para que se separassem brigas entre os alunos. Emergem, a todo instante, conflito de diversas ordens...

A violência escolar tem alcançado níveis alarmantes, foi o que identificou a pesquisa realizada este ano (2008) por uma organização não governamental internacional. Foi constatado que a violência escolar “atinge um milhão de crianças a cada dia.” (AGÊNCIA BRASIL, 7 out. 2008) No Brasil, 70% dos 12 mil estudantes pesquisados afirmaram terem sido vítimas de violência. Outros 84% apontaram as suas escolas como violentas. Dentre as principais formas de violências evidenciadas, ganha destaque nas escolas o *bullying* “fenômeno definido pelo estudo como ‘atitudes agressivas, intencionais e repetidas que ocorrem

sem motivação evidente adotadas por um ou mais estudantes contra outro.”(AGÊNCIA BRASIL, 7 out. 2008) Essa prática violenta foi a mais presente, encontrada e evidenciada no período do registro em diário e tem implicações psicossociais nos indivíduos que, por vezes, não é nem considerada pela escola e determinadas ações passam despercebidas, o que poderia ter ocasionado danos severos ao processo de aprendizagem dos alunos. Essa prática pode ser vista todos os dias na escola, infelizmente, é muito comum e carece de mais estudos.

Vários estudos apontam os fatores associados à violência na escola como: “baixa autoestima; falta de perspectivas em relação ao futuro e de percepção do lugar da escola em sua vida; violência doméstica; qualidade de ensino medíocre; problemas nas relações entre professores e alunos; resultados escolares ruins, [...]”. (FUNK apud ABRAMOVAY et al., 2002, p. 79)

Em direção ao avanço das discussões e questionamentos em torno da violência Arroyo (2007, p. 790) aponta que “as classificações de crianças, adolescentes e jovens se radicalizam nas escolas e na sociedade.” Segundo o mesmo autor,

Quando se classifica por parâmetros de rendimento intelectual se usa a expressão ‘alunos com problemas de aprendizagem’, ‘repetentes’, mas permanecendo na escola, ainda confiáveis. Quando as classificações são por critérios morais se usa a expressão ‘alunos-problema’ porque, quando violentos, logo são estigmatizados, expulsos, segregados do convívio escolar. Desconfiáveis.

Continua o autor, questionando de que forma esse debate tem sido incorporado pelas instituições educacionais, se as mesmas estão entrando neste debate ou eximem-se disto, se está presente nos cursos de formação de professores... De qualquer forma, tais instituições são convocadas a se tornarem mais públicas por meio do debate em que alunos

estigmatizados como violentos sejam trazidos à tona como sujeitos concretos, contextualizados e de direitos.

É necessário que a escola seja repensada e que a ideia de que a educação do ser humano não ocorre em um local preciso, mas na totalidade de suas experiências, não seja um mero discurso, mas que esteja na base de sua prática pedagógica cotidiana. Apesar dessa ideia ser comumente propagada parece não ter sido, de fato, assimilada. Em acordo com Angel Pino (2007, p. 782),

Se a escola, como outras instituições sociais, muito pode fazer para incentivar a compreensão por parte dos alunos dos valores realmente humanos, livres de qualquer afetação moralista, capazes de fornecer razões para não optar pelo uso da violência no intuito de viver uma sociabilidade humana, ela tem também que repensar sua função numa sociedade em constante mudança.

Há que assumir-se também que a escola não é apenas marcada por violências externas a ela, pois também produz a sua própria violência, geralmente de forma subliminar, sendo considerada como legítima através do exercício da autoridade pedagógica, que pelo seu próprio exercício, ideologias tendem a justificar a condição desse exercício, disseminando a ilusão que “a violência simbólica exercida por um sistema de ensino não mantém nenhuma relação com as relações de força entre os grupos ou classes.” (BOURDIEU; PASSERON, 1982, p. 74)

A violência supracitada esteve presente a todo instante na escola, sendo o corpo discente a grande vítima desta prática e isto, quiçá, seja pauta para discussões de coordenadores do sistema de ensino municipal, em especial da escola observada.

O racismo

Na sala de aula observada é comum a expressão de comportamentos com traços racistas, fazendo com que as vítimas desse tipo de violência passem, por vezes, a negar-se. A exemplo disto destaca-se a postura de um aluno que afirmou desejar “*ter um cabelo liso e uma pele branca*”. Falas como essa, dão indícios da forma como os indivíduos, neste caso, negros, que são continuamente estigmatizados e estereotipados, internalizam valores socioculturais que são privilegiados pela escola, por reproduzirem e valorizarem apenas a cultura e saberes eurocêntricos, tornando-os hegemônicos e dominantes. Tal situação faz com que aqueles que não estão dentro do padrão considerado como belo e que não atendam ao padrão estético valorizado socialmente, passem a negar-se. Essa é uma situação que está presente e é reproduzida, cotidianamente, na escola e que é naturalizada.

Os alunos negros, em especial na sala de aula observada, comumente são chamados de “cabelo de bombril”, “charuto preto”, entre outras expressões em tom pejorativo, manifestações que evidenciam a existência do racismo, o qual é silenciado e realizado entre os próprios alunos. Contudo, intervenções que valorizem a estética e cultura afro-brasileira contribuem para que os alunos se vejam positivamente, em especial os alunos negros. A intervenção realizada pela professora, como consta nos registros, ao afirmar o quanto o aluno supracitado é belo surtiu efeitos positivos e uma prova disso é que ele, após este dia, faz questão de dizer “*sou negro com muito orgulho*”.

O preconceito sofrido pela população negra no cotidiano escolar tende a estigmatizá-la, tendo o poder de provocar prejuízos à trajetória escolar. Tal preconceito, por vezes, ocorre de forma sutil, velada, o que o torna mais eficaz por estar coberto com o discurso de uma suposta democracia racial. Tal discurso veicula a ideologia de que racialmente o Brasil é um país homogêneo e, por isso, não há motivos para haver preconceitos já que somos “um país de mulatos”. Contudo, existe um contradiscurso que tem tido força e repercussão, onde se afirma e já foi reconhecido

legalmente que o Brasil é um país racista, onde o fator “cor” interfere no processo de socialização e, por conseguinte, na situação do negro no país.

A discussão sobre relações raciais e educação tem sido uma constante no cenário educacional brasileiro. Tal temática, geralmente, é tratada a partir das tensas e conflitantes relações sociais, econômicas, políticas e culturais entre os diversos grupos étnico-raciais. A atenção dispensada à questão se insere na forma como a sociedade é estruturada, tendo a questão racial como elemento presente neste processo.

Neste contexto, está o debate sobre como o racismo se estrutura no contexto social, com especificidade no Brasil. Geralmente, são trazidas à tona as teorias raciais formuladas em finais do século XIX (SCHWARCZ, 1993), para que se possa compreender a formulação do conceito de raça e de que forma elas contribuíram para o processo de racialização no Brasil. Outra questão fundamental, neste debate, é a discussão sobre uma suposta democracia racial no Brasil, fato que comumente camuflou as desigualdades entre “brancos” e “negros”, em nome de uma proferida relação harmônica existente entre estes grupos e que profetiza que todos têm acesso de forma igualitária aos bens culturais produzidos.

Com efeito, diversos são os intelectuais que denunciam a falsa democracia racial existente no Brasil, citando as várias práticas racistas existentes no tecido social, em especial na sala de aula observada, em que atitudes racistas são tão comuns. Assim, ao se analisarem variáveis, como: acesso a educação formal, posição no mercado de trabalho, presença e permanência nas instituições de ensino superior, entre outras, nota-se o quanto os/as negros/negras sofrem desvantagens. Gomes (2005, p. 46), afirma que “o racismo no Brasil opera de um modo particular: ele se afirma através da sua própria negação”.

Tais análises evidenciam a forma como o racismo é camuflado e difundido pelas diversas instituições, estando presente tanto naquelas formais quanto informais de educação. Não há como desconsiderar a contribuição das diversas instituições de ensino na reprodução das práticas racistas. Historicamente, tais espaços privilegiaram e legitimaram apenas a cultura

e história eurocêntrica negligenciando e silenciando as demais. Dentre as vozes negadas, situa-se a dos negros, por exemplo. A trajetória dos/as negros/as na escola, por exemplo, é marcada por constantes práticas racistas, as mesmas são fundamentadas na negação e desvalorização da cultura africana no currículo escolar, como os exemplos trazidos.

Tal situação tem sido denunciada há muito tempo por militantes dos movimentos sociais, com destaque para o movimento negro, e por pesquisas no meio acadêmico. Há uma luta incessante por uma educação antirracista, a qual envolve os diversos segmentos sociais e institucionais. Educar sem discriminar implica em uma tarefa árdua, pois muitos preconceitos e estereótipos ainda estão muito enraizados nos indivíduos, em decorrência de alienantes modelos culturais que lhe são impostos e como evidenciados em situações registradas na relação entre os alunos.

Nesse processo de desconstrução do racismo, a escola é, também, um local indispensável já que se constitui em um lócus privilegiado de disseminação da cultura. Neste cenário, vários são os autores, tais como: Munanga (1998, 2001); Botelho (1999); Gomes (2005); Santos (2005); entre outros que enfatizam os professores como sujeitos neste processo.

Dentre os agentes envolvidos neste processo, a formação de professores tem tido um merecido destaque, pois a atuação destes continua sendo um fator que contribui para a perpetuação dos estereótipos e discriminações. Sendo os professores elementos chaves na sala de aula, é preciso pensar e tornar real uma formação que os habilite a lidar com os inúmeros casos de preconceitos que surgem no espaço escolar como relatados anteriormente.

Munanga (2001, p. 9) traz uma contribuição sobre o papel dos professores no combate ao racismo, diz ele que,

[...] apesar da complexidade da luta contra o racismo, que consequentemente exige várias frentes de batalha, não temos dúvidas de que a transformação de nossas cabeças de professores é uma tarefa preliminar importantíssima.

Essa transformação fará de nós os verdadeiros educadores, capazes de contribuir no processo de construção da democracia brasileira, que não poderá ser plenamente cumprida enquanto perdurar a destruição das individualidades históricas e culturais das populações que formaram a matriz plural do povo e da sociedade brasileira.

Neste sentido, a formação inicial de professores e sua constante formação continuada podem significar, também, contribuições para que aqueles atores não considerem determinadas práticas como naturais com a ilusão de que determinadas ofensas verbais em nada prejudicarão o desenvolvimento intelectual e moral dos educandos.

Ianni (2004) demonstra o quanto a questão racial está envolta no cotidiano, afirmando que constantemente somos postos à frente de situações que envolvem o preconceito racial. Assim chama a atenção, para refletirmos sobre os “enigmas” que estão escondidos na questão racial. Para tanto destaca, dentre outros fatores, que “a raça, a racialização e o racismo são produzidos na dinâmica das relações sociais; que a ideologia racial naturaliza as tensões e conflitos raciais e que a marca fenotípica transfigura-se em estigma.” (IANNI, 2004, p. 23-24)

Diante dos estigmas existentes, são comuns, na escola, situações em que as crianças não se reconhecem como negro, como um aluno, que durante uma atividade intencional deveria dizer a sua cor, este relutou e ao final disse *“eu sou moreno, não sou negro porque não tenho cabelo duro e nem sou feio.”* Sendo que esta criança é visivelmente negra. Outra colega, que presenciava a cena, disse: *“pró, a senhora não está vendo que ele é negro? Ele está é com vergonha de dizer.”* São posições como estas que denotam o quanto é necessário desconstruir determinados preconceitos e criar uma imagem positiva do negro para que deixem de ser vítimas desta cruel violência. Assim, diz Gomes (2005, p. 43), “[...] A construção de uma identidade negra positiva é um grande desafio, dada à sociedade, que historicamente nega as contribuições afro-brasileiras para

a formação do povo. O negro é desde cedo ensinado a negar-se para ser aceito. Há que olhar para dentro das escolas e ver como essa temática tem sido conduzida. Apesar da Secretaria Municipal de Educação investir em cursos de formação continuada de professores, após a implementação da referida Lei, a discussão sobre a “consciência negra” restringe-se ao mês de novembro. O negro, ao que parece, só é lembrado neste momento, onde é enfeitado para desfilhar na escola, jogar capoeira, sambar... Tudo isto é importante e faz parte da constituição da nossa cultura, mas não pode restringir-se a isso. Enfrentar as tensas relações raciais que sempre surgem nas salas de aula não é fácil e o posicionamento, a ser tomado pelas professoras, tem a ver com a maneira com que se lida com tais questões enquanto envolvimento político, e o compromisso para contribuir com a promoção de uma educação de qualidade para todos, na qual nenhuma voz seja silenciada na escola e nem tampouco que atitudes racistas sejam meramente ignoradas.

Ensino e aprendizagem

Aqui se situa o ponto crucial nessa discussão já que é função primordial da escola fazer com que os alunos aprendam. O ensino e a aprendizagem dos alunos é a atividade fim da escola, porém a situação encontrada é que os alunos não estão aprendendo, muitos não sabem, já no 3º ano, ler e escrever. O que ocorre no interior das escolas, em especial na sala de aula, para que crianças e jovens fiquem em média cinco anos na escola e nem sequer aprendam a ler e a escrever, nem a decodificar as palavras mais simples? Qual o sentido que terá essa escola para esses alunos?

A sensação é que, dia após dia, várias crianças e jovens são “exterminadas” intelectualmente nas escolas, em particular na observada. Como naturalizar uma situação dessas? O problema está aí, todos sabem, pois ele está presente na rede como um todo e não se faz simplesmente nada para sair dessa situação. Os comentários, por vezes angustiantes, entre as professoras e gestores é de certo conformismo, como se não pudesse fazer nada. O que fica aparente é que o mais importante são os números

que tentam dizer que a educação está melhorando através da melhoria de determinados índices que escondem diversas variáveis que implicam também na aprendizagem dos alunos.

Entender a escola sob os seus diversos aspectos, em especial o processo de ensino e aprendizagem, requer analisá-la a partir do “instituído” e o “instituinte”, em que se entende,

O ‘instituído’ como as normas legais para a organização da estrutura escolar determinada pelos órgãos oficiais e vigente para a educação básica, enquanto o ‘instituinte’ se refere à organização da escola criada pelos próprios membros da instituição no seu cotidiano. (LIBÂNEO apud PEREIRA, 2008, p. 339)

Comumente, há duas posições colocadas, erroneamente, de forma antagônica para se justificar o fracasso escolar: uma culpabiliza a prática pedagógica interna das escolas e, outra, situa tal problema, como uma questão localizada apenas na macroestrutura. É necessário sair desta polarização, há que se considerar ambas, para se entender de que forma o mesmo se corporifica.

A ampliação das matrículas não foi acompanhada de uma progressão da qualidade de ensino. Há total dissonância entre os índices comumente divulgados e a real situação da condição de aprendizagem de parcela significativa da população, que, ao virem à tona, demonstrará o fracasso da educação em nosso país. Pereira (2008, p. 343) indica que, “O deslocamento do processo de exclusão educacional não se dá mais na questão do acesso à escola, mas dentro dela por meio das instituições de educação formal, deixando a educação à mercê dos interesses de mercado.” “Bons resultados”, bom desempenho, produtividade, flexibilidade e autonomia são os motes da política neoliberal que vem se expandindo no governo atual. A política de avaliação externa do Ensino Fundamental centralizada na União é exemplo, representada pela Prova Brasil e o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB). O repasse de recursos pelo

Ministério da Educação (MEC) também está atrelado ao compromisso dos gestores municipais com determinadas metas de melhoria dos resultados do ensino praticado.

Para os idealizadores dessa avaliação, esta se constitui em uma forma de tornar “transparente” a situação das escolas e dos municípios no que tange à educação, além de comprometer os diversos atores da escola com a qualidade do ensino. Mas tal juízo acerca desta política está longe de ser consensual, ao contrário é alvo de contundentes críticas, em que pese a sua real intenção e função, conforme aponta

[...] O IDEB é mais um instrumento regulatório do que um definidor de critérios para uma melhor aplicação dos recursos da União visando alterar indicadores educacionais. O resultado de cada município e de cada estado será (e já está sendo) utilizado para ranquear as redes de ensino, para acirrar a competição e para pressionar, via opinião pública, o alcance de melhores resultados. Ou seja, a função do MEC assumida pelo governo Lula mantém a lógica perversa vigente durante doze anos de FHC. (ARAÚJO apud FREITAS, 2007, p. 967)

Por meio dos resultados divulgados camufla-se a real situação das escolas. Esse índice tem por base dois fatores: rendimento escolar (taxas de aprovação, reprovação e abandono) e médias de desempenho. A melhoria do IDEB, a nível nacional, de 3,8 para 4,2 entre os anos de 2005 e 2007, causou polêmica, pois se identificou que “674 municípios brasileiros conseguiram melhorar ou manter o seu IDEB única e exclusivamente por causa do aumento nas taxas de aprovação [...] Nessas cidades o desempenho dos alunos nos testes caiu ou estagnou-se.” (GOIS; TAKAHASHI, 2008, p. 1)

Em Salvador, o índice também avançou de 2,8 para 3,8. Essa tendência também pôde ser observada na escola objeto deste trabalho, em que o índice passou de 2,9 para 3,5. Mesmo assumindo este resultado está

abaixo do índice nacional como do da capital baiana. (ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA, 2008)

A ideologia disseminada e incorporada é a da meritocracia, esta garantida pelo acesso a escola, onde “bons resultados” dependem única e exclusivamente de cada sujeito. “Todos” estão na escola supostamente em condições de igualdade. O sucesso e o êxito são individuais. Esta perversa política ignora as desigualdades sociais às quais os alunos que constituem o público das escolas públicas estão submetidos. Dessa forma, a propalada equidade educacional fica restrita ao acesso ou mascaramento da reprovação.

A realidade de um conjunto significativo de alunos que convivem nas escolas é trazida de forma contundente por Freitas (2007, p. 968),

Hoje um grande contingente de alunos procedentes das camadas populares que vivem o seu ocaso no interior das escolas, desacreditados nas salas de aula [...] cuja eliminação da escola foi suspensa ou adiada aguardam sua eliminação definitiva na passagem entre ciclos ou conjunto de séries, quando então saem das estatísticas de reprovação, ou em algum momento de sua vida escolar onde a estatística seja mais confortável.

Alunos, como os do 3º ano da escola estudada, mantêm-se nas salas de aula sem que, de fato, aprendam conteúdos e habilidades básicas. As avaliações tendem a avaliar o sistema, mas o principal, que é a aprendizagem dos alunos torna-se irrelevante.

Em uma pesquisa realizada pela Unesco em 14 capitais, dentre elas, Salvador, registrou-se o maior índice (50%) de alunos que consideram que a escola ensina pouco ou nada. Entre o corpo técnico-pedagógico, a capital baiana está entre as três que apresentam um maior percentual (43%) que tem uma visão negativa sobre o ensino oferecido na escola. (ABRAMOVAY et al., 2002)

A ideia é aprovar em série, pouco importa o estágio de aprendizagem dos alunos, clama-se por números. A exemplo disso situa-se a posição da vice-direção da escola quando colocada a situação de parte dos alunos da sala observada, que mesmo tendo avançado em alguns casos não teriam condições de seguir para o 4º ano. A vice-diretora assim se colocou: “se tiver que reprovar, reprove e registre os motivos no diagnóstico, mas se a secretaria disser que todos devem ser aprovados não poderemos fazer nada”. A mera não reprovação em nada tem haver com a democratização do ensino e com a não exclusão dos alunos. Seria ideal que a redução da reprovação fosse consequência da melhoria do ensino e da real aprendizagem dos alunos, mas não é isso que se evidencia na escola.

O desejo de aprender a ler e a escrever era notável entre os alunos, havia uma ânsia... Quando alguns conseguiram ler pela primeira vez uma simples palavra ou escrevê-la comemoravam, pois tamanha era sua alegria. Dois alunos muito amigos, que ainda não tinham aprendido comumente diziam um para o outro: *“a gente vai aprender. Determinado colega aprendeu e a gente também vai.”* Vários momentos apontavam para essa vontade... Como dizer que os alunos não querem nada? Falam isso nos diversos espaços da escola. São culpabilizados por tal situação. Não são analisadas as causas da mesma. Os alunos estão dispostos, não veem a hora de decifrar o mundo através da leitura e escrita. Já estão cansados de ir para escola e não aprenderem o básico. Isso não é função da família, da comunidade... É obrigação básica da escola senão esta perde o seu sentido de existência.

Certa professora que irá assumir o 3º ano, no próximo ano, estava satisfeita em deixar de ensinar o 5º ano, porque supostamente iria trabalhar com alunos menores. Comentei com ela a real situação dos alunos do 3º ano devido à faixa etária, e que muitos são analfabetos. Outra colega colocou:

“o problema do 3º ano não são os alunos que passam automaticamente do 2º ano, mas aqueles que estão retidos durante

muito tempo no 3º ano.” A primeira colega disse: “não estou preocupada com os que estão retidos, pois se não tiverem condições continuarão durante muitos anos até que recebamos uma ordem para aprová-los...”

Discutir e pensar em formas de superar tal situação implica em conhecer de perto os agentes que inscrevem o cotidiano da escola sem perder de vista que este problema não é apenas algo local, isolado, tem relação também com a política educacional em vigor. O aluno, infelizmente, não parece ser o centro das políticas públicas e, em especial, da escola. Assim são excluídos diariamente deste espaço e, por conseguinte, tal lugar tende a perder o seu significado e sentido por parte dos alunos, já que esta não tem lhes oferecido sequer o básico: o direito de aprenderem a ler e escrever. Tal situação faz com que alunos afirmem *“a escola é chata, não se pode fazer nada, nem tem graça”*, conforme consta nos relatos.

Sobre as professoras

Aqui são tecidas considerações acerca das professoras a partir de diversos momentos vivenciados na escola como, AC, conversas informais entre colegas, em especial da dinâmica da sala de aula. A discussão sobre essas profissionais está presente em todos os espaços como: mídia, debates políticos, legislação, instituições escolares etc. Comumente, vêm à tona questionamentos em torno de sua formação, prática-pedagógica, condições de trabalho, tempo de serviço, relação com os discentes, entre outros. É impossível pensar na escola sem pensar nesse sujeito tão importante na contribuição para formação de tantos outros sujeitos. É o professor, o responsável direto pela aprendizagem sistemática dos educandos, mas condicionado pelas circunstâncias que cercam e determinam seu próprio trabalho.

Difícilmente, tais atores são ouvidos no que tange a suas percepções em torno das condições de trabalho, dos problemas enfrentados cotidianamente

na escola etc. E estas questões estão presentes dia a dia, nas conversas informais das professoras da instituição observada. Existem inúmeras queixas com relação a sua sobrecarga de trabalho, ao excesso de projetos que têm que ser implantados na escola sem se levar em conta os seus planejamentos, as cobranças da CR, entre outros, conforme consta nos registros realizados.

É sob essas circunstâncias que se institui a condição docente e a forma como este irá interagir com os seus pares, gestores, alunos e demais funcionários. No entanto, essa condição se dá, em especial, na relação docente/discente devido à responsabilidade com a educação sistemática do segundo. É essencial, nessa relação, docente e discente, saber como ambos se relacionam cotidianamente nessa troca de saberes, na prática de uma formação integral de cada sujeito. Essa relação é marcada pelas condições sociopolíticas, culturais e econômicas. Os sujeitos que compõem essa relação são históricos e interagem com as condições criadas no ambiente escolar. Como afirma Teixeira (2007, p. 434) “a relação docente/discente se constitui em espaços e tempos macro e microsociais que a circunscrevem, nos quais se destacam os ordenamentos e dinâmicas da escola.”

Dessa forma, a condição docente vai se construindo a partir das estruturas e da complexa relação existente entre os diferentes atores da escola em que as condições materiais e simbólicas se realizam, assim como a institucionalidade própria da escola. A escola é o *locus* principal em que a condição docente se realiza, mas em especial, é a sala de aula o espaço no qual docentes e discentes interagem, convivendo durante a maior parte de seus tempos escolares.

A situação e a forma como docentes interagem, neste micro espaço, está associada à forma como se estabelece o contato entre os gestores da escola, a divisão social e sexual do trabalho, a condição salarial e de trabalho, aos processos didático-pedagógicos do cotidiano docente, entre outros. Nessas condições,

[...] o docente torna-se um trabalhador assalariado e a criança, o adolescente e o jovem se transformam em alunos, com seus respectivos deveres e direitos, funções, papéis e atribuições, sob a égide da razão instrumental, na perspectiva da escola iluminista; nos dias atuais, cada vez mais regulados pelo paradigma do mercado, da produtividade, do quantitativo. (TEIXEIRA, 2007, p. 435)

As exigências atuais baseadas num modelo regulatório, presente também nas escolas, em que expressões como flexibilidade, autonomia, desempenho, têm correspondido a um aumento crescente das atividades e das responsabilidades dos sujeitos, em especial dos professores. Dessa forma, os professores “se sentem responsabilizados por suas tarefas, seu desempenho, sua formação e atualização e até mesmo pelo sucesso ou fracasso do aluno ou da escola.” (OLIVEIRA, 2007, p. 357) Os professores sentem-se pressionados com a intensificação do seu trabalho, o qual não tem sido acompanhado com a promoção de boas condições para o seu exercício docente. Existe carência material e pessoal nas escolas.

Tal situação é claramente vista na escola observada. As professoras sentem-se, por vezes, meras cumpridoras de tarefas a partir das ordens que “vêm de cima”, o que traz insatisfação e certamente implica no seu fazer docente. Há uma perda da autonomia docente no espaço escolar. Essa insatisfação fica evidente num dos relatos em que professoras se colocam, diante das exigências vindas da SMEC:

geralmente, estamos trabalhando determinados assuntos ou desenvolvendo um projeto na turma e temos que suspender para dar conta de tanta coisa. E, muitas vezes, são atividades que estamos vendo resultados e simplesmente paramos. Na verdade passamos a ser meras cumpridoras de tarefas e a aprendizagem dos alunos que é o que deveria mais interessar é deixada de lado.

Outra professora toma a palavra e ratifica o que a colega disse: “Rilza, eu entendo a angústia de Shirlene porque também é a minha. É muita cobrança. Na semana da criança só trabalhei os últimos dois dias porque as crianças viram o clima da escola. Mas tinha que dar conta de tanta coisa. As notas dos meninos sendo cobradas...” Logo, em seguida, outra professora disse:

e para nós do 2º ano ainda tem um agravante por causa do baixo rendimento dos meninos no provinha Brasil. Nós estamos fazendo o curso e temos que dar conta também do que é determinado lá. Ainda tem o Projeto Aymarã que caiu de paracaídas. Também me sinto uma cumpridora de tarefas. Não tem como dar conta do conteúdo programático. Só se fala em habilidades e o resultado está aí: muitos alunos no 3º ano sem saber ler e escrever. É com isso que a CR deveria estar preocupada.

O posicionamento de tais professoras serve para deixar claro de que forma vem se desenvolvendo a relação entre os gestores do sistema de ensino e aquelas que estão na ponta do processo. Outra questão é quanto ao tempo de trabalho em salas de aula. Durante as últimas eleições municipais, em especial em Salvador, foi utilizada como propaganda política a existência na rede de professores de tempo integral, o que é uma falácia. De fato, as professoras na escola em questão, estão presentes 40h, ou seja, nos dois turnos, mas diferente da forma propagada estão 40h em sala de aula e não parte planejando conforme fora pensado e desejado.

A condição docente é resultado de uma trama de relações complexas no qual estão presentes conflitos e tensões, em que não faltam problemas concernentes às estruturas e hierarquias, às relações de poder e de força e a diversidade de interesses, o que, por vezes, resulta em certa competitividade. Esse clima, às vezes, enfraquece o sentimento de pertencimento da categoria, o que inviabiliza lutas e supostas conquistas. No entanto, geralmente, a maioria das professoras se reúne antes das reuniões formais coordenadas pela vice-diretora, em especial da tarde, para decidirem sob

determinados assuntos, planejamentos, semanas comemorativas etc. e, assim se posicionam como conjunto nas reuniões.

Há que se considerar também que na escola não estão presentes os sujeitos considerados ideais por parte significativa de professores. Neste espaço, vem à tona o que está do lado de fora. Assim as desigualdades sociais, a questão étnico-racial, as diversas formas de violências, a questão de perda de sentido que sofre a escola, entre outros, fazem parte deste cotidiano. Como ainda aponta Teixeira (2007, p. 437),

Estando no mundo, de que são parte, ambas, escola e aula, dele recebem o que nele se passa: do mais saudável ao menos desejável. A questão social nelas está colocada e recolocada a cada dia, direta e indiretamente, nas histórias individuais e coletivas de docentes e discentes.

Infelizmente, apesar dessas questões comumente virem à tona, observa-se que não foram incorporadas pelo conjunto de professoras a relevância dessas mesmas no que concerne à relação e desenvolvimento da práxis pedagógica. Comumente, os alunos são tratados de forma superficial, ignorando-se suas histórias de vida. Assim são punidos corriqueiramente, classificados quanto ao desempenho, o que é observado em conversas informais entre professoras e em seus gestos, no olhar para cada criança ou ao não retribuir um simples gesto de afeto.

Contudo, há que se considerar as péssimas condições a que estes atores tão importantes, professores, estão submetidos. Essa situação tem feito com que muitos deixem de acreditar na educação e no trabalho realizado. A insatisfação é visível no olhar, nos gestos, nos comentários, na forma como comemoram, por exemplo, a falta de água na escola, pois, nesses casos, os alunos são dispensados mais cedo... Essa

sobrecarga de trabalho e as condições objetivas sob as quais executam suas funções têm que ser consideradas e reavaliadas pelos gestores do sistema. Além disto, é necessária a reafirmação desses profissionais enquanto uma categoria profissional.

Sobre a gestão da escola

Assim como os demais sujeitos da escola, o corpo gestor situa-se como um dos elementos importantes no desenvolvimento das ações pedagógicas da escola. Contudo, sua função reside mais em administrar tal instituição. Na escola em questão, conforme já foi posto, há um diretor e três vice-diretoras, cada uma por turno. No tocante à tarde, a vice-diretora está sempre presente, o que não ocorre com o diretor, que dificilmente aparece na escola. Geralmente, “justifica-se” dizendo que estava resolvendo problemas concernentes a escola e captando recursos. O diretor certa vez disse: *“estou correndo atrás de recursos para viabilizar a reforma da área recreativa da escola.”* Neste caso, fica evidente que o dia a dia da escola fica, em termos de gestão, a cargo da vice-direção.

Atualmente, o discurso em prol da autonomia, gestão democrática, responsabilidade social, participação da comunidade tem conduzido a política interna da escola. Frequentemente, é dito que o sucesso da escola depende de todos os atores envolvidos direta ou indiretamente. Há uma suposta transferência do poder de decisão global para o local e na escola observada não é diferente. Assim,

[...] A democratização dos processos de organização e gestão deve considerar as especificidades dos sistemas de ensino, bem como os graus progressivos de autonomia das unidades escolares a eles vinculados, e buscar a participação da sociedade civil organizada, especialmente o envolvimento de trabalhadores em educação, estudantes e pais. (DOURADO, 2007, p. 925)

Nessa lógica, todos os atores da escola passam a ser co-responsáveis pelo seu bom funcionamento e cabe a gestão da escola mobilizar toda a comunidade intra e extraescolar. Assim no discurso corrente “se este [diretor] tem maior liberdade, criar-se-á uma capacidade de resposta mais adequada às reivindicações da comunidade.” (CASASSUS, 2002, p. 111)

Outro aspecto destacável é quanto à forma de condução da gestão da escola, tanto do diretor quanto da vice-diretora da tarde, em relação aos alunos. Percebe-se que a relação é estabelecida por meio da força, conforme é trazido por Bourdieu (1989), em que o poder é exercido de forma simbólica sob a forma de um direito e imposição legítima. Tal poder é dissimulado por meio da hierarquia existente e sob o discurso da disciplinarização e da responsabilidade de cada um perante o sucesso da escola. Esse discurso é incorporado e diante da hierarquia e poder assumido pelos gestores, os alunos “obedecem” e, momentaneamente, mantêm a ordem diante apenas da presença desses, quando a vice-diretora entra na sala o silêncio é geral. Isso ocorre devido à força existente nessa relação gestores/alunos.

A gestão é também altamente punitiva em caso de descumprimento das regras, ou em relação a um suposto mau comportamento é retirado o recreio da turma, colocam-se os alunos para lavar o bebedouro, limpar a escola... Certa vez, conforme os relatos, um aluno da sala observada foi posto, pela vice-diretora, para lavar os pratos da merenda por ter cuspi-do no prato de um colega sem ao menos consultar a professora, dentre outras ações que confirmam o autoritarismo com que são conduzidas determinadas relações na escola. A própria vice-diretora, certa vez, declarou que: *“aqui é como antigamente, o aluno não obedeceu coloca-se para escrever 100 vezes devo respeitar a professora... coloca-o de pé para que sirva de exemplo para os outros”*. Tais atitudes vão de encontro à tão propagada gestão democrática da escola, a descentralização das decisões... A relação é centrada na hierarquia e autoritarismo e na qual o aluno não tem muito a vez. As ações são justificadas pela necessidade de responsabilização que os alunos devem adquirir para o “bem estar” da escola.

Para a vice-diretora existe uma resistência das professoras em desenvolver determinados projetos, em cooperar com a gestão da escola, há um incômodo em relação, segundo ela, ao corporativismo e “vícios” existentes entre as professoras e a dificuldade em trocarem experiências, saberes e de socializar seus trabalhos, o que pode ser extraído de um dos seus relatos: “*seria bom que nunca deixássemos de ser estagiários porque quando se é estagiário não acha que sabe tudo e sempre se busca o outro para ser auxiliado, ajudado*”. Nos seus discursos sempre se coloca como aliada do corpo docente destacando que ela também é professora e, portanto, sabe das dificuldades peculiares à categoria. Destaca que, posteriormente, não estará mais assumindo cargo na gestão e que outros ocuparão o seu lugar e terão a dimensão dos problemas e cobranças enfrentados por ela.

O discurso que impera na escola, e provavelmente em outras instituições, é o da autonomia administrativa, como consequente de uma organização política administrativa democrática. Tal modelo organizativo transfere para as instituições, responsabilidades que antes cabiam ao Estado, o que vai ao encontro da política neoliberal que rege atualmente as políticas públicas, “a escola [assim] é transferida da esfera política para a esfera do mercado.” (PEREIRA, 2008, p. 339)

Nessa direção, é comum na escola a busca pela produtividade, a autorresponsabilização dos sujeitos da comunidade escolar, a culpabilização entre gestores e professores da situação em que se encontra a escola, o que torna instável o clima entre estes. Não há uma discussão sobre as causas e consequências de todo o processo educativo e da regulação que tem sido imposta pelo sistema de ensino à escola, cabendo aos gestores administrar os conflitos surgidos, fazendo com que se sintam reféns e com a sensação de que estão todos “contra eles”, em especial, secretárias e professoras.

Família e escola

Vários são os momentos relatados que demonstraram a difícil articulação família/escola. A última ignora as condições de organização, estrutura e formação da primeira, não hesitando em classificá-la como desinteressada e responsabilizando-a pela sua não participação no processo de ensino e aprendizagem dos seus filhos. Na escola, questionamento sobre que família é essa não é feito um só instante. Os professores, em especial, tendem a culpabilizar a família pelo suposto fracasso de seus filhos e ressentem-se quando são realizadas algumas atividades na escola em que a família é convidada a “participar” e esta não comparece, a exemplo do Dia da Avó e do Dia da Leitura da Família na Escola.

Pouco importa os motivos que levaram a família a não frequentar a escola quando convocada. Ancorada num tipo, de certa forma, idealizada, a escola segue ignorando a condição de analfabeto de diversos pais. A exemplo de uma avó, que em contato com a estagiária- professora afirmou: *“não ter condições de acompanhar o aprendizado de seu neto por nem sequer saber ler”*. Quem mais do que a família irá torcer e desejar o “sucesso” de seus filhos? Outro fato destacável é que a suposta reunião organizada pela escola com responsáveis é uma mera transmissão de avisos, é um espaço fechado. Não há diálogo! Essa família, certamente, está cansada de ouvir tantas queixas, onde de fato, não são chamadas a dialogarem, a trazerem suas percepções sobre a escola e quem sabe, oferecer propostas para “construir a escola”, como exemplo disso cita-se um comentário feito por uma mãe num diálogo com a estagiária- professora que assim se referiu sobre o cotidiano da escola visto por ela: *“como as crianças irão aprender? No ano passado foi tanta greve e, este ano antes da senhora assumir, eles ficaram sem aulas aproximadamente dois meses.”*

Os papéis dessas duas importantes instituições, escola e família, para educação passam a ser confundidos. Há uma culpabilização generalizada entre ambas no tocante a aprendizagem das crianças e jovens. Mas não deve haver dúvidas que o papel de ensinar, alfabetizar e fazer com que os alunos aprendam cabe à escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existe um total desconhecimento em relação ao cotidiano escolar. Estudos que partam do cotidiano da escola são de suma importância para que determinados acontecimentos, que comumente não estão presentes nos dados estatísticos venham à tona. O que se observa, é certa carência no tocante ao estudo de micros espaços, em especial das escolas. Tal estudo permitiu que pequenos acontecimentos, aparentemente sem importância ganhassem sua devida relevância. Dessa forma, ter-se-ia uma ideia mais abrangente e real das realidades e práticas escolares construídas dia a dia por seus atores e também da forma real de como as políticas públicas vigentes impactam e constroem tal espaço. A realidade humana é constituída de fatos concretos em sua cotidianidade. Assim, fatos aparentemente irrelevantes trazem uma riqueza acerca de como se processa cada instante da vida social. Além disto, é possível perceber de que forma os sujeitos interagem num dado espaço dando pistas de como se constitui o contexto mais geral.

Há uma busca pela ordem na escola, o aluno bom é aquele “bem comportado” e que assimila bem os conteúdos. No entanto, a realidade de cada um deles é ignorada pelos gestores e boa parte dos professores. O que acontece nas salas de aula não é questionado, enquanto uns avançam outros permanecem estagnados, excluídos dentro da escola. Mas a escola não discute isto, parece que pouco se importa com a trajetória e destino de uma maioria deixada à própria sorte. “Não aprendem porque são desinteressado e pronto”!

Essa é a ideologia corrente que sujeitos dos diversos grupos introjetaram: gestores, professores, família e inclusive os alunos, vítimas desse processo. Isso está no imaginário das pessoas alimentado por uma política excludente de massa. Cabe aqui questionar através de Enguita (1989, p. 110): “Qual educação para o povo”? É fácil encontrar esta resposta, pois está presente em diversos espaços, como: nos índices relativos à educação, nas condições físicas e materiais das escolas, no nível de

aprendizagem dos alunos, analfabetismo funcional, tão conhecidos entre nós, tudo isto é apenas uma amostra da violência exercida na escola com uma maioria de crianças e jovens pobres, residentes da periferia e negra. “Educa-se” para o *status-quo*.

O impacto é maior quando se adentra a escola já que todas as questões postas são visivelmente percebidas, em especial da situação de aprendizagem em que se encontram os alunos da sala observada como registrado. Um exemplo da crueldade vivida nas escolas públicas do Nordeste e privadas de São Paulo, no Brasil é o documentário *Pro Dia Nascer Feliz* (2006), onde estudantes pobres e ricos, professores e gestores falam da vida na escola. É possível perceber a precariedade, violência, preconceito que habita o cotidiano escolar, mas também há esperança. Grupos antagônicos, ricos e pobres, com os seus dilemas. No entanto, chama muito à atenção o abismo que há entre as escolas da elite e as escolas do pobre. O documentário dá mostras da extrema desigualdade de ensino entre estas duas classes sociais.

Nessa primeira experiência docente, em que deveria ainda ser estagiária, numa escola pública, questionamentos de diversas ordens estiveram presentes, em especial sobre a triste realidade enfrentada pela escola pública e da condição docente para enfrentar essa cruel realidade. Ficava, por vezes, me perguntando o que fazer com tamanha disparidade em sala de aula onde elaborava atividades diferenciadas, tentava me dividir em “mil” para atender individualmente os alunos, mas o tempo de aula, 3h45min, corria e o planejado, às vezes, caía “por terra”, sem contar nas interrupções por conta de diversos conflitos. A sensação era de impotência.

A política neoliberal em vigor tenta a todo custo, no campo da educação, descaracterizar o trabalho docente, fazendo com que este se torne disperso, ancorado na lógica atual da participação de todos pela educação. Não seriam as péssimas condições de trabalho que estão levando muitos docentes hoje a se desanimarem? Ir uma única vez à sala de aula, a fim de cumprir a carga horária de estágio e afirmar que nunca mais irá enfrentar a sala de aula (como é o caso de diversas colegas de Curso)?

Não seria certo despreparo para enfrentar a realidade escolar, dada à fragilidade de sua formação, que os fazem assim se posicionarem? Será que a mera inclusão de metodologias no currículo do curso formará melhor seus discentes para a docência?

Aprendemos a ser professor em diversos espaços e tempos e os cursos de graduação configuram-se em um desses espaços. Não aprendemos nestes locais apenas conteúdos, metodologias, mas aprendemos um determinado modo de ser professor. Incorporamos valores, cultura profissional, símbolos... A maneira como cada um participará deste espaço, o diferencia. A participação no movimento estudantil via as suas organizações, como diretório acadêmico, em reuniões dos órgãos colegiados da faculdade, grupos de pesquisa, entre outros, dando outra dimensão para a formação. Só que a maioria dos estudantes trabalha, estuda e acaba convivendo pouco tempo na faculdade, somente em tempo curtos de aulas, sendo impedidos, portanto de ter outras vivências. Assim a formação de boa parte fica restrita às aulas.

Temos que estar “preparados” para lidar com a dinâmica do espaço escolar. Hoje, o que está em evidência é a violência, indisciplina, péssima qualidade de ensino... Amanhã, os problemas e/ou as questões podem ser outros, pois a sociedade é dinâmica assim como o conhecimento. Então, desde já, devemos ser preparados para lidar com a multiplicidade de acontecimentos que fazem parte da ação educativa, pois as técnicas apenas, jamais darão conta da complexidade do ato de educar, pelo contrário, tenderá a incutir nos futuros professores que educar é algo muito simples, basta seguir o passo a passo, as técnicas disponíveis.

É certo, contudo, que com toda precariedade do ensino ainda se vê no olhar de cada criança a esperança de aprender e a vontade de estarem na escola. É um espaço mágico, contraditório. Ali se criam laços de amizade, formação de grupos, trocas, há ajuda mútua entre os colegas, a alegria ao receberem a professora quando se atrasa um pouco, a insatisfação, muitas vezes, quando são informados que não haverá aula, a mobilização em organizarem festas, a alegria ao descobrirem algo novo, ao lerem a

primeira palavra, as conversas entre professoras, a afirmação de que ainda acreditam na educação. São muitos os fatos que ocorrem no dia a dia que afirmam que “nem tudo está perdido” e nos faz acreditar que outra educação é possível. Isso nos dá força para seguir.

Apesar dos inúmeros desafios enfrentados na condição de “professora improvisada”, onde, às vezes, questionava se conseguiria prover alguma mudança significativa no tocante à aprendizagem dos alunos, em especial daqueles que não sabiam ler, a experiência foi avaliada de forma positiva. Embora não seja o resultado desejado, nos quatro meses de estágio, dentre os 13 alunos que não sabiam ler e escrever, três deles hoje leem, ainda que com muita dificuldade, mas a alegria e satisfação deles em decifrar as primeiras palavras foram gratificantes. Alguns alunos que comumente faltavam às aulas passaram a frequentar com certa regularidade; dois alunos que nos primeiros dias não faziam atividades, passaram a fazer sempre, buscando o auxílio da professora e, fazendo questão de repetir, a todo instante, que estavam respondendo as suas atividades.

O dia a dia foi marcado pela rotina da escola, horários a serem cumpridos, conversas e queixas dos alunos de forma corriqueira, brincadeiras entre eles, ajuda mútua, mas acontecimentos singulares também fizeram parte dessa dinâmica, como: encontros coletivos na própria escola, almoço organizado pela direção da escola para os alunos, atividades diferenciadas nas quais os professores trocavam de sala, o que era recebido com entusiasmo pelos alunos, palestras, passeios para cinema, teatro, entre outros, participação da escola na Jornada de Literatura. Tudo isso confere um dinamismo e dita o seu modo de ser desse espaço de aprendizagem. A experiência deu conta de mobilizar os saberes obtidos nos diversos espaços de formação e para afirmar que a melhor escolha foi feita: ser professora!

Os alunos querem movimento na escola, gostam de participar das aulas, a exemplo das inúmeras vezes em que se dispunham a responder as atividades, em que a professora da sala observada dava a liberdade para que se movessem na sala, fossem ao quadro entre outros momentos.

O estágio tem uma importância ímpar para a formação profissional do estagiário. Mesmo não tendo ocorrido da forma desejada, o mesmo possibilitou que se conhecesse a dinâmica e organização de uma escola da rede municipal de ensino, em especial como os seus diversos atores interagem neste microespaço, o que contribuiu para a formação docente, deixando claro que são vários os desafios e obstáculos existentes a serem enfrentados por um profissional da educação.

Esse trabalho é resultado de uma primeira aproximação do dia a dia da escola. Há muito a desvendar. O cotidiano desse rico espaço necessita ser estudado e documentado, pois se assim o fosse muito poderia contribuir para se conhecer e compreender o que se processa ali, cotidianamente, fazendo com que outros parâmetros para análise da educação do país fossem surgindo para se avançar no debate sobre as políticas para a educação e lutar, de fato, por uma educação de qualidade. É necessário adentrar a escola para que ela venha à tona!

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam et al. *Violências nas escolas*. Brasília: UNESCO, 2002.

AGÊNCIA BRASIL. Violência escolar atinge 1 milhão de crianças a cada dia aponta pesquisa., 7 out. 2008. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u453613.shtml>>. Acesso em: 10 out. 2008.

ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa. Imagens de escolas: espaços tempos de diferenças no cotidiano. *Educ Soc*, Campinas, v. 25, n. 86, p. 17-36, abr. 2004.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. Tendências atuais da pesquisa na escola. *Cad. CEDES*, v. 18, n. 43, dez. 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621997000200005&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 19 set. 2008.

ARAÚJO, Mairce da Silva; PÉREZ, Carmen Lúcia Vidal. *Um jogo de luz e de sombras: lógicas de ação no cotidiano escolar*. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, v.11, n. 33, dez. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n33/a07v1133.pdf>>. Acesso em: 17 set. 2008.

ARROYO, Miguel González. Quando a violência infanto-juvenil indaga a pedagogia. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 28, n. 100, Edição especial, p. 787-807, out. 2007.

AZANHA, José Mário Pires. *Uma idéia de pesquisa educacional*. São Paulo:EDUSP, 1992.

BLALOCK JUNIOR, H. M. *Introdução à pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

BOTELHO, Denise Maria. Educadores e relações raciais. *Rev. Bras. Cresc. Desen. Hum.*, São Paulo, 1999.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____; NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. *Escritos de educação*. 8.ed. Petrópolis, RJ:Vozes, 2006.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 20 dez. 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2008.

_____. Lei nº 10.639, de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 9 jan. 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 10 ago. 2008.

_____. Lei nº 11.114, de 16 de maio de 2005. Altera os arts. 6º, 30, 32 e 87 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, com o objetivo de tornar obrigatório o início do ensino fundamental aos seis anos de idade. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 16 maio 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11114.htm>. Acesso em: 10 nov. 2008.

_____. Resolução CNE/CP nº 1, de 15 de maio de 2006. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais de Graduação em Pedagogia, licenciatura. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Poder

Executivo, Brasília, DF, 11 abr. 2006. Disponível em: <http://r1.ufrj.br/graduacao/arquivos/docs_diretrizes/pedag_rcp01_06_resol.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2008.

_____. Lei nº 11.738, de 16 de julho de 2008. Regulamenta a alínea “e” do inciso III do caput do art. 60 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o piso salarial profissional nacional para os profissionais do magistério público da educação básica. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 16 jul. 2008a. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11738.htm>. Acesso em: 11 nov. 2008.

_____. Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes; altera a redação do art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996; revoga as Leis nºs 6.494, de 7 de dezembro de 1977, e 8.859, de 23 de março de 1994, o parágrafo único do art. 82 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e o art. 6º da Medida Provisória nº 2.164-41, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 26 set. 2008b. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11788.htm>. Acesso em: 10 nov. 2008.

CASASSUS, Juan. *A Escola e a desigualdade*. Brasília: Plano Editora, 2002.

CASTRO, Magali de. *Um estudo das relações de poder na escola pública de ensino fundamental à luz de Weber e Bourdieu*: do poder formal, impessoal e simbólico ao poder explícito. *Rev. Fac. Educ.*, São Paulo, v. 24, n. 1, jan./jun., 1998. Disponível em: <http://r1.ufrj.br/graduacao/arquivos/docs_diretrizes/pedag_rcp01_06_resol.pdf> Acesso em: 3 out. 2008.

COULON, Alain. *Etnometodologia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995a.

_____. *Etnometodologia e educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995b.

DANDURAND, Pierre; OLLIVIER, Émile. *Os paradigmas perdidos: ensaio sobre a sociologia da educação e seu objeto. Teoria e educação*, São Paulo, v. 3, 1991.

DIRETRIZES Curriculares Nacionais para a Educação das relações Étnico-Raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. CNE/CP 3/2004. Brasília, DF, out. 2004.

DOURADO, Luiz Fernandes. *Políticas e gestão da educação básica no Brasil: limites e perspectivas. Educ. Soc.*, Campinas, v. 28, n. 100, Edição especial, p. 921-946, out. 2007.

ENGUIITA, Mariano F. *A face oculta da escola: educação e trabalho no capitalismo*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. Pesquisa com o cotidiano. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 28, n. 98, jan./abr. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v28n98/a05v2898.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2008.

FREITAG, Bárbara. *Diário de uma alfabetizadora*. 2.ed. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

FREITAS, Luiz Carlos de. *Eliminação adiada: o ocaso das classes populares no interior da escola e a ocultação da (má) qualidade do ensino. Educ. Soc.*, Campinas, v. 28, n. 100, Edição especial, p. 965-987, out. 2007.

FRELLER, Cintia Copit. *Pensando com Winnicott sobre alguns aspectos relevantes ao processo de ensino e aprendizagem*. *Psicol. USP*, v.10, n.2, São Paulo, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65641999000200012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 nov. 2008.

GARCIA, Alexandra. *Em busca das escolas na escola: por uma epistemologia das “balas sem papel”*. Educ. Soc., Campinas, v. 28, n. 98, jan./abr. 2007. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/es/v28n98/a08v2898.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2008.

GOIS, Antônio; TAKAHASHI, Fábio. Cidades aprovam mais alunos para melhorar a nota no Ideb. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 3 nov. 2008. Caderno Cotidiano, p.1.

GOMES, Nilma Lino. *Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão*. In. Educação Anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Brasília-DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. *Metodologias qualitativas na sociologia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

IANNI, Octavio. *Dialética das relações raciais*. Estudos Avançados, São Paulo, v. 18, n. 50, jan./abr. 2004.

ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (IDEB). *Resultados e Metas*. Disponível em: <<http://ideb.inep.gov.br/site/>>. Acesso em: 04 nov. 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Síntese de Indicadores Sociais*, 2008. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicsoais2008/indic_sociais2008.pdf>. Acesso em: 28 set. 2008.

JOSSO, Marie-Cristine. *Experiência de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

MACEDO, Roberto Sidnei. *A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação*. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2004.

MAFFESOLI, Michel. *Elogio da razão sensível*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

MUNANGA, Kabengele. *Racismo: perspectivas para um estudo contextualizado da sociedade brasileira*. Niterói, RJ: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1998.

_____. *Superando o racismo na escola*. 3. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Fundamental, 2001.

NEGREIROS, Paulo Roberto Vidal de. *Séries no ensino privado, ciclos no público: um estudo em Belo Horizonte*. Cad. Pesqui., São Paulo, v. 35, n. 125, maio. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0100-15742005000200010&lng=en&nrm=is_o&tlng=pt>. Acesso em: 19 set, 2008.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. Política educacional e a re-estruturação do trabalho *docente*: reflexões sobre o contexto latino-americano. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 28, n. 99, p. 355-375, maio/ago. 2007.

PARSONS, Talcott. A classe como sistema social. In: *Sociologia da juventude*. Rio de Janeiro: Zahar, v. 3, 1968.

PEREIRA, Luiz. *A escola numa área metropolitana*. São Paulo: Enio Matheus Guazzelli & Cia. LTDA, 1967.

PEREIRA, Sueli Menezes. *Políticas de estado e organização político-pedagógica da escola: entre o instituído e o instituinte*. Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação, Rio de Janeiro: Fundação Cesgranrio, v. 16, n. 60, p. 337-358, jul/set. 2008.

PINO, Angel. Violência, educação e sociedade: um olhar sobre o Brasil contemporâneo. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 28, n. 100, Edição especial, p. 763-785, out. 2007.

PRO DIA Nascer Feliz. Direção: João Jardim. Produção: Ravina Filmes. Roteiro: João Jardim. Gênero: Documentário. Duração: 88 min. Lançamento: 2006.

REUNIÃO anual da anped, n. 23, 2000, Caxambu, MG. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/23/23reuan.htm>>. Acesso em: 6 out. 2008.

SANTOS, Sales Augusto dos. A Lei nº 10.639/03 como fruto da luta anti-racista do Movimento Negro. In. *Educação Anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03*. Brasília- DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA. *Espaço pedagógico virtual*. Disponível em: <<http://www.smecc.salvador.ba.gov.br/site/epv-cenap.php>>. Acesso em: 11 nov. 2008.

_____. *Organização do Ensino da Rede Municipal de Salvador*. Disponível em : <<http://www.educacao.salvador.ba.gov.br/site/epv-cenap-estrut-organi-rme.php>>. Acesso em: 10 out. 2008.

SAVIANI, Dermeval. *Escola e democracia: polêmicas do nosso tempo*. 31. ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 1997.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SIROTA, Régine. A sala de aula: um conjunto desesperadamente vazio ou desesperadamente cheio? In: FORQUIN, Jean Claude (Org.). *Sociologia da educação: dez anos de pesquisa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p. 257-278.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. Da condição docente: primeiras aproximações teóricas. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 28, n. 99, p. 426-443, maio/ago. 2007.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA). Faculdade de Educação. *Currículo vigente*. Disponível em: <http://www2.faced.ufba.br/graduacao/pedagogia/subitens/curriculo_vigente>. Acesso em: 10 nov. 2008.

VALIATI, Claudia Maria de Almeida. *Escola de periferia: um olhar em construção*. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos/1315t.PDF>>. Acesso em: 5 nov. 2008.

VICTORIO FILHO, Aldo,. *Pesquisar o cotidiano é criar metodologias*. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 28, n. 98, jan/abr. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v28n98/a06v2898.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2008.

ZANTEN, Agnes Henriot-Van. *Abordagens etnográficas em sociologia da educação: Escola e comunidade, estabelecimento escolar, sala de aula*. In: FORQUIN, Jean Claude (Org.). *Sociologia da educação: dez anos de pesquisa*. Petrópolis, RJ:Vozes, 1995. p. 205-225.

COLOFÃO

Formato	15 x 21 cm
Tipografias	Scala, Scala Sans
Papel	Alcalino 75 g/m ² (miolo) Cartão Supremo 300 g/m ² (capa)
Impressão	Edufba
Capa e Acabamento	Cartograf
Tiragem	300 exemplares

Este livro busca desvelar o cotidiano de uma escola pública da rede municipal de Salvador, na qual a autora foi “estagiária”. Parte-se da premissa que a escola, espaço contraditório, é um local indispensável para a compreensão da concretude das políticas e ações educacionais. Há certa carência no que concerne aos estudos que tratam do interior das instituições escolares. No caso da obra em questão, o dia a dia desta escola foi observado, relatado e em especial, vivido pela autora. O texto é um convite a educadores, estudiosos da área educacional a refletirem acerca dos problemas que acometem a educação pública do país de modo a compreendê-los como resultado da complexa relação política, econômica e social sem perder de vista a miríade dos acontecimentos da rotina escolar.

